

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO  
DOUTORADO**

**A IMPRENSA ESPÍRITA E SUAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS  
EM FINS DO IMPÉRIO BRASILEIRO (1869-1882)**

**ALESSANDRO SANTOS DA ROCHA**

**MARINGÁ  
2014**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO  
DOUTORADO**

**A IMPRENSA ESPÍRITA E SUAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS EM FINS DO  
IMPÉRIO BRASILEIRO (1869-1882)**

Tese apresentada por ALESSANDRO SANTOS DA ROCHA ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador: Prof. Dr. CÉZAR DE ALENCAR ARNAUT DE TOLEDO

MARINGÁ  
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Campus Regional de Cianorte - UEM, Cianorte – PR, Brasil)

R672i Rocha, Alessandro Santos da  
A imprensa espírita e suas estratégias pedagógicas em fins do Império Brasileiro (1869-1882) / Alessandro Santos da Rocha. -- Maringá, 2014.  
203 f.: il., figs.

Orientador: Prof. Dr. Cezár de Alencar Arnaut de Toledo.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

1. Educação. 2. História da educação - Século 19 - Brasil. 3. Imprensa espírita. 4. Espiritismo. I. Toledo, Cezár de Alencar Arnaut de, orient. II. Título.

CDD 23.ed. 370.981

MRP-000004

ALESSANDRO SANTOS DA ROCHA

**A IMPRENSA ESPÍRITA E SUAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS EM FINS DO  
IMPÉRIO BRASILEIRO (1869-1882)**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo  
(Orientador) – UEM

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Cristina da Silva Tavares – UERJ – Rio  
de Janeiro

Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho – UFMG –  
Belo Horizonte

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcília Rosa Periotto – UEM

Prof. Dr. José Joaquim Pereira Melo – UEM

28 de Março de 2014



*Aos meus pais,  
Seu Alício (in memoriam) e Dona Maria.*

## AGRADECIMENTOS

Por mais que o clichê afiance as injustiças ao tentar nominar todos àqueles que contribuíram para a nossa caminhada acadêmica, coloco-me a fazer tal tentativa e antecipo meus pedidos de desculpas pelas faltas cometidas.

Aos meus pais, Alício (*in memoriam*) e Maria, pelo apoio constante e confiança que sempre depositaram em meus estudos. A eles também dedico este trabalho.

Aos meus familiares: tios, primos, irmãos, cunhadas e, especialmente, aos meus sobrinhos: João Vitor, Alex Júnior e Caio Felipe.

Ao Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo, que além de orientar esta pesquisa, tornou-se um grande amigo e com sua honestidade acadêmica me fez entender o quanto a Educação requer comprometimento. Obrigado, César!

Aos Professores Doutores, que aceitaram compor a banca, Célia Cristina da Silva Tavares, Luciano Mendes de Faria Filho, Marcília Rosa Periotto e José Joaquim Pereira Melo – “Neto”. Agradeço ainda a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas, que participou da banca de qualificação. As críticas e sugestões foram essenciais.

À amiga Maria Simone Jacomini Novak, irmã de jornada acadêmica. Aos amigos Katiuscia Zago, Cristiano H. Ramos, Amanda Almeida, Giselle Couto, Tiscianne Alencar. Obrigado por entenderem meu distanciamento quando se fez necessário. E ao Osvaldo Tarelho Junior, que esteve presente em todos os momentos do doutorado. Vocês não imaginam o quanto sou grato!

Aos amigos que a UEM me proporcionou conhecer: Marli Futata, Beatriz Bolanho, Adalberto Takeda, Vanessa D. Gonçalves, Rodrigo Camilo, Marcelo Marques, Elaine Arantes, Vânia Matias e Valdir Zucareli.

Aos colegas, servidores e alunos da UEM - Campus de Umuarama. Muito obrigado pelo apoio recebido e pela compreensão quando tive que me ausentar por conta das atividades do doutorado.

A FBN - Fundação Biblioteca Nacional e aos seus funcionários, que auxiliaram no processo de levantamento e na digitalização dos microfimes.

A COMCAP - Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa, UEM, em especial, ao Edson Marques da Silva, que auxiliou na digitalização dos microfimes.

Aos professores e colegas do PPE - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, especialmente, aos secretários Hugo e Márcia, sempre prestativos.

*Não se pode dizer que a imprensa de determinado país ou região é ruim ou boa. Ela é reflexo e segmento da própria sociedade a que serve.*

(Alberto Dines, 1986, p. 54)

ROCHA, Alessandro Santos. **A IMPRENSA ESPÍRITA E SUAS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS EM FINS DO IMPÉRIO BRASILEIRO (1869-1882)**. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo. Maringá, 2014.

## RESUMO

A tese apresenta uma análise documental e bibliográfica na área de História da Educação. As fontes primárias se constituem a partir de três periódicos espíritas publicados entre os anos de 1869 e 1882, são eles: *O Écho d'Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil* (1869-1870); *Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos feita sob os auspícios de alguns espíritas* (1875); e *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* (1881-1882). O objetivo é analisar como os jornais e revistas da imprensa espírita compartilharam das tendências chamadas progressistas, ao mesmo tempo em que oportunizaram debates sobre os princípios ideológicos da ciência e da filosofia oitocentistas sem se esquivarem da perspectiva religiosa alicerçada em premissas moralizantes. Por meio da pesquisa bibliográfica e documental, foram investigados os primeiros periódicos espíritas brasileiros a partir da utilização das categorias de análise, que explicitam o conceito de redes de sociabilidade e o de ideologias, os quais propiciaram a aproximação dos debates tratados nos referidos periódicos. A análise aponta que os discursos emanavam de intelectuais que pretendiam disseminar as ideias da Doutrina Espírita, sistematizada na França por Allan Kardec, em 1857, com a publicação do *Livro dos Espíritos*. As ideias kardecistas foram publicadas em jornais e revistas brasileiros que concordavam com os interesses dos centros de estudos espíritas. Destacaram-se, naquele contexto, o Grupo Familiar de Espiritismo-BA, Grupo Confúcio-RJ e a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade-RJ. Pelo grupo baiano, surgiu a figura de Luiz Olímpio Teles de Menezes (1825-1893), idealizador d'*O Écho d'Além Túmulo*, publicado em Salvador e considerado o primeiro jornal espírita do Brasil. Ao fundá-lo, Teles de Menezes se incumbiu de disseminar as ideias kardecistas no país. Quanto aos articulistas dos periódicos cariocas, ergueu-se Antonio da Silva Neto (1836-1905), redator da *Revista Espírita*, que assumiu, primeiramente, a missão pedagógica de instruir os princípios espíritas na Corte. E, pela Sociedade Acadêmica, evidenciou-se a emergência de vários nomes, uma vez que a *Revista da Sociedade Acadêmica, Deus, Cristo e Caridade* contava com a colaboração dos membros da referida sociedade e não restringia sua edição e redação a um único articulista. Nos três periódicos observou-se que, por meio das ideologias presentes nos primeiros intelectuais do espiritismo brasileiro, a imprensa foi o local propício para instruir a partir da Doutrina Espírita, em consonância com o ideário oitocentista.

**Palavras-chave:** Educação; História da Educação; Século XIX; Imprensa Espírita; Espiritismo.

ROCHA, Alessandro Santos. **THE SPIRITIST PRESS AND EDUCATIONAL STRATEGIES AT THE END EMPIRE BRAZILIAN (1869-1882)**. 203p. Thesis (Doctorate in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo. Maringá, 2014.

## ABSTRACT

The research presents an analysis bibliographical and documental in the field of History of Education. The primary sources are constituted from three spiritualistic periodicals published between the years 1869 and 1882, they are: *O Écho d'Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil (Reverberation From Beyond Grave: Spiritism monitor in Brazil)* -1869-1870; *Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos feita sob os auspícios de alguns espíritas (Spiritist Magazine: monthly publication of psychological studies made under the auspices of some spiritualists)* - 1875; *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (Society Magazine Academic God, Christ and Charity)* - 1881-1882. The aim is to analyze how the shared spiritism press called progressive trends of the period, while that enabled discussions on the ideological principles of science and nineteenth century without evading the religious perspective grounded in assumptions moralizing. Through bibliographical and documental research, were studied Brazilian spiritist use of categories of analysis, which explain the concept of social networks and ideologies, which allowed for the approximation of the discussions treated in such periodicals. The analysis indicates the ideas of the Spiritist Doctrine, systematized in France by Allan Kardec in 1857, with the publication of the *Livro dos Espíritos (Book of Spirits)*. Kardec's ideas were published in Brazilian newspapers and magazines, which were in line with the interests of the first groups and associations spiritualists. Stood out in that context, the Grupo Familiar de Espiritismo (*Family Group of Spiritism*) - BA, Grupo Confúcio (*Confucius Group*) – RJ, and Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (*Academic Society God, Christ, and Charity*) - RJ. The Bahian group, the figure of Luiz Olímpio Teles de Menezes (1825-1893), founder of *O Écho d'Além Túmulo (Reverberation From Beyond Grave)*, newspaper published in Salvador and considered the first spiritist periodical Brazil emerged. As for the writers of Rio journals appeared Antonio da Silva Neto (1836-1905), editor of the Spiritist Magazine (*Spiritist Magazine*) who took over the pedagogical mission of instructing the Spiritist principles the Corte, while it was praising a progressive discourse. And by the Academic Society was evidenced the emergence of several names for the reason that the *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (Society Magazine Academic God, Christ and Charity)* had the collaboration of the members of that society and not restrict their editing and writing to a single writer. In the three periodicals was noted that, through the ideologies present in the first intellectuals of the Brazilian spiritism, the press was the place conducive to instruct from the Spiritist Doctrine, in consonance with the nineteenth-century ideology.

**Keywords:** Education, History of Education; Nineteenth century; Spiritist Press; Spiritism.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	12
2 IMPRENSA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: QUESTÕES DE MÉTODO.....	20
2.1 A imprensa espírita do Brasil oitocentista enquanto fonte para a História da Educação .....	21
2.2 Ideologias e intelectuais oitocentistas .....	33
2.2.1 Os intelectuais.....	34
2.2.2 As ideologias .....	42
2.3 A imprensa espírita nas produções acadêmicas.....	49
3 O ESPIRITISMO KARDECISTA ENTRE A CIÊNCIA, A FILOSOFIA E RELIGIÃO .....	58
3.1 O espiritismo e suas origens .....	59
3.2 Allan Kardec: “cientista”, “filósofo” e “religioso” .....	67
3.2.1 A configuração da Doutrina Espírita.....	72
3.3 A <i>codificação</i> dos fenômenos espirituais.....	78
4 O ESPIRITISMO BRASILEIRO E O SÉCULO XIX .....	85
4.1 O pré-espiritismo brasileiro.....	89
4.2 Espiritismo à brasileira: dos primeiros passos na Bahia à difusão no Rio de Janeiro.....	96
5 A IMPRENSA ESPÍRITA E OS PRINCÍPIOS FORMATIVOS DO SÉCULO XIX .....	105
5.1 Os periódicos da imprensa espírita.....	109
5.1.1 O Écho d'Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil (1869-1870).....	112
5.1.2 Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos sob os auspícios de alguns espíritas (1875).....	119
5.1.3 Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (1881-1882) .	126
5.2 O progresso intelectual e o progresso moral na imprensa espírita .....	134

5.3 Os “princípios científicos” dos jornais espíritas .....	147
CONCLUSÃO.....	161
REFERÊNCIAS.....	170
APÊNDICE .....	183
ANEXOS .....	184



## 1 INTRODUÇÃO

A imprensa espírita foi inaugurada no Brasil oitocentista, período em que diversas ideologias se apresentavam com a perspectiva de modernizar o país. Durante aquele contexto, a vitalidade da monarquia era questionada frente aos novos ideais progressistas, que encontravam espaço entre os intelectuais brasileiros. Partindo desse contexto, a investigação apresenta a análise dos primeiros periódicos declarados como espíritas.

Os periódicos analisados são consoantes com os princípios que orientavam a formação humana, em um período em que o catolicismo ainda imperava como religião oficial do Império, fazendo-se presente no processo educativo e na constituição de vários ideários que promulgavam o ensino da fé como princípio moral. Entretanto, alguns grupos de intelectuais passaram a buscar outras concepções vistas como inovadoras, como o positivismo de Auguste Comte (1798-1857), o evolucionismo de Charles Darwin (1809-1882) e o biologismo de Herbert Spencer (1820-1903). As ideias inovadoras, também chamadas de modernizadores, aportaram com as disseminações religiosas difundidas no período, como o protestantismo, o presbiterianismo e o espiritismo.

O modelo modernizador passou a ter lugar privilegiado na imprensa, principalmente, em alguns jornais que se puseram a serviço dos discursos tidos como avançados. Estes discursos estabeleciam princípios, os quais ditavam as ações a serem seguidas no país, especialmente para aqueles que tinham a pretensão de atualizar a política, a economia e a religião. Considerando que tais ideias inovadoras tiveram papel singular no âmbito das questões educativas e de como elas se configuraram à época, a presente tese elegeu o estudo dos periódicos espíritas, impressos no Brasil, para discutir como o espiritismo esteve em paridade com as ideologias oitocentistas.

A hipótese da tese é de que os princípios doutrinários do espiritismo, divulgados na imprensa, sustentavam-se nas ideias de *progresso, ciência, moral e caridade*. De tal modo, o espiritismo inseria-se entre as ideias propagandeadas nos finais dos anos oitocentos. E apesar das críticas que partiam de oposições à

perspectiva religiosa, as noções espíritas não contrariavam a ordem moral, predominante na formação da sociedade brasileira.

A hipótese considera que os intelectuais da imprensa espírita delinearam trajetórias nas quais se podem observar convicções políticas e partidarismos que os aproximavam das diversas ideologias da época, muitas delas concorrentes. Assim, não se esquivavam de reconhecer a importância da educação moral para a política do país, deixando em evidência seus posicionamentos nas páginas de jornais e revistas.

Os grupos intelectuais do espiritismo buscavam fazer com que suas ideologias penetrassem as relações sociais, mostrando as desavenças que, segundo seus defensores, geravam retrocessos e impediam o progresso. Contudo, o discurso espírita alinhava-se a uma ideia de progresso espiritual, ao ponto em que as correntes ideológicas se firmaram na perspectiva do progresso material, decorrente da instauração da própria modernidade.

Para a imprensa espírita ser analisada, foi tomado por referencial algumas categorias de análises que explicitam as ideologias dos intelectuais da época. Nesse sentido, o conceito de *rede de sociabilidade* auxiliou na análise da atuação dos sujeitos que colaboraram com os periódicos espíritas. Esses homens, qualificados como intelectuais, compartilhavam dos princípios que marcaram a “Geração de 1870”, denominação dada pela socióloga Ângela Alonso aos indivíduos que manifestaram suas ideias em grupos específicos. Estes mesmos grupos formavam redes nas quais os laços estavam amarrados e denotavam uma vasta trama de ideias que pulularam, na segunda metade do século XIX. Logo, buscou-se entender quais as ideologias que estavam em voga, e como elas foram utilizadas estrategicamente para divulgar os interesses dos intelectuais espíritas pela imprensa.

Os conceitos de intelectuais, de redes de sociabilidades e de ideologias foram utilizados como ferramentas analíticas. A conjunção destes três conceitos acena para o tipo de imprensa que emergiu no Império e que, em grande medida, publicava as questões originadas com a crise da Monarquia, e atendia aos interesses de grupos privados atuantes em espaços públicos.

Os procedimentos metodológicos foram iniciados em 2010 com a escolha do objeto de estudo: a imprensa espírita oitocentista. Naquele momento verificou-

se a necessidade de uma investigação que primasse pela análise da participação dos periódicos espíritas na constituição dos ideais oitocentistas. Também foi constatada a existência de estudos que abordavam a Doutrina Espírita, bem como a confluência de trabalhos que aproximavam o legado de Allan Kardec (1804-1869) para a educação. Contudo, poucos trabalhos utilizaram os jornais e revistas espíritas como fontes, uma vez que as pesquisas acadêmicas, que versam sobre o espiritismo, tendem a partir das obras kardecistas, compreendidas como *Livros da Codificação*.

A partir desse primeiro contato com as pesquisas acadêmicas que discutem o espiritismo foi iniciada a delimitação do tema, o levantamento bibliográfico, a leitura sistemática e as análises que construíram a fase inicial da pesquisa com a construção do plano de trabalho.

Para o levantamento bibliográfico foram utilizados materiais localizados em bibliotecas físicas e virtuais. Neste ponto é importante mencionar que a maior parte das referências não foi localizada em bibliotecas universitárias com as quais possuíamos contato, principalmente, por aludirem a temas que, muitas vezes, não são comumente analisados em pesquisas científicas, como a própria Doutrina Espírita. Um aliado importante nesse primeiro momento foi o auxílio da biblioteca da Federação Espírita Brasileira – FEB, em Brasília. A biblioteca foi visitada, no final de 2010, e lá foram localizadas informações sobre autores que realizaram pesquisa sobre o espiritismo, dentre eles podemos destacar Zeus Wantuil (2002; 2007), Ubiratan Machado (1983) e Clóvis Ramos (1979). Na mesma biblioteca, foram adquiridas as obras básicas do Kardecismo, chamados de *Livros da Codificação*. Também houve acesso a edição brasileira da *Revue Spirite: Journal D'Études Psychologiques*, periódico trimestral, que foi publicado em Paris, entre os anos de 1858 e 1869, sob a responsabilidade de Allan Kardec.

O primeiro contato com a Federação Espírita Brasileira – FEB - permitiu a obtenção de dados importantes sobre a localização das fontes documentais da pesquisa, isto é, os jornais e revistas da imprensa espírita oitocentista. O livro de Clóvis Ramos teve participação essencial para esta etapa, pois em 1979, o autor fez o levantamento da imprensa periódica espírita no Brasil e classificou a produção entre os anos de 1869 a 1978.

A partir da leitura do livro de Ramos, bem como de alguns outros textos sobre o momento inicial do espiritismo brasileiro, foi feito o levantamento dos periódicos que seriam utilizados como fontes primárias e que foram obtidos no acervo de periódicos e obras raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A primeira visita a Biblioteca Nacional ocorreu no mês de outubro do ano de 2011. O processo de obtenção dos periódicos se deu após o levantamento no portal da Fundação Biblioteca Nacional – FBN e do sítio eletrônico da Hemeroteca Nacional, ambos os sítios dispõem de informações imprescindíveis para a reprodução de acervos, o que facilitou a investigação, apesar das coleções não serem completas.

O próximo passo realizado consistiu na digitalização dos microfilmes obtidos no Rio de Janeiro. Sem este processo, o manuseio do material poderia tornar o trabalho difícil. Para dinamizar o processo de análise, os microfilmes foram levados até o Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa - COMCAP/UEM, órgão da Universidade Estadual de Maringá, vinculado à PPG - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. O material rendeu 993 páginas digitalizadas, sendo que nem todas estavam em perfeito estado.

Os periódicos utilizados na pesquisa foram publicados, basicamente, em tipografias da Bahia e do Rio de Janeiro. Os jornais apresentam traduções das obras kardecistas, evidenciando as premissas que Kardec alegou serem de ordem científica, filosófica e religiosa. Alguns periódicos cediam espaços para publicações sobre notícias do cenário político imperial e, repetidas vezes, oportunizaram esclarecimentos sobre as contendas religiosas entre espíritas e católicos.

Por meio destes impressos foi possível buscar as ideologias detentoras de arquétipos educativos – divulgadas pelo espiritismo – e que não são caracterizados pelos currículos das relações formais de educação. Neste sentido, a educação é entendida aqui como um processo que contempla modelos formativos, podendo ser apreendido nas produções humanas informais, a exemplo da imprensa. Desvela-se, assim, o papel da imprensa explicitado na sua pretensão pedagógica quando apresenta a visão de mundo que busca formar em seus leitores. Estas relações vão ao encontro de ideologias que clarificam o quê se quer ensinar, e o quê se deve aprender.

A referência pedagógica presente na imprensa é tangível nas contribuições dadas por seus articulistas, seja na apresentação do periódico, ou na difusão da leitura, por exemplo. Assinala-se que por mais peculiar que seja o tema do impresso, seja este espírita ou não, é razoável avaliar os aspectos formativos estabelecidos entre o conteúdo veiculado e o seu leitor, implicando em relações pedagógicas. Entende-se que a educação é uma das potencialidades da imprensa, pois os jornais e as revistas podem fomentar processos educativos ao mesmo tempo em que informam, noticiam ou divertem, e ainda, não deixam de ser um negócio.

Para o Historiador da Educação que concentra seu foco na imprensa, ergue-se uma gama de possibilidades para reescrever momentos singulares da educação. Os eventos que ficaram registrados nos periódicos, distinguem o pensamento corrente em uma época. Indiferente do fato de a imprensa periódica ser composta por jornais políticos, por revistas religiosas ou por panfletos noticiosos, ela dá indícios dos interesses de seus redatores, editores, jornalistas e leitores.

A análise dos jornais e revistas, autodenominados espíritas, objetivou identificar a possível concepção de educação presente nas ideias dos homens que, habilmente, utilizaram a imprensa para instruir dentro dos princípios do espiritismo. Os discursos apresentados nos periódicos espíritas emergiram como estratégias de divulgação doutrinária feita por intelectuais com aceções ideológicas, que conciliavam os anseios de formar seus leitores, seguindo os princípios kardecistas recém-chegados ao Brasil.

O marco definido pela pesquisa é o ano de 1869. Nesse ano ocorreu a publicação do primeiro jornal espírita brasileiro, ***O Écho d'Além Túmulo***. O periódico, publicado na Bahia, tinha à frente o jornalista Luiz Olímpio Teles de Menezes (1825-1893).

Já o marco final da pesquisa é 1882, ano em que foi publicado o último número da ***Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade***. O periódico respaldava as ações de um grupo espírita instituído no Rio de Janeiro e que se valia do discurso científico, auto afeiçoado como acadêmico.

As publicações espíritas do século XIX não se encerram com essa revista, contudo, a pesquisa se ateve a estes periódicos, pois os demais impressos que

surgiram após o anos de 1882 seguiram, em certa medida, a organização imposta pela Federação Espírita Brasileira – FEB, fundada em 1884. A federação tinha por objetivo unificar os adeptos do espiritismo brasileiro e dirimir dúvida sobre as questões doutrinárias que geravam divisões entre vertentes religiosas e perspectivas científicas. Ressalta-se que nem todos os jornais surgidos após a instituição da FEB, adotavam suas orientações ou se atinham aos princípios por ela traçados, porém, de alguma forma, replicavam o processo de sistematização e institucionalização pelo qual o espiritismo brasileiro foi aperfeiçoado.

Os marcos da pesquisa não podem ser entendidos como inflexíveis, sobretudo por se ter o conhecimento de que o tempo e o fato histórico podem trazer percalços ao pesquisador e, até mesmo, omitir o processo gerador dos eventos estudados. No caso em questão, tem-se em mente que a imprensa espírita brasileira teve seu primeiro jornal publicado no ano de 1869 na Bahia e que, posteriormente, houve uma melhor aceitação desse tipo de imprensa no Rio de Janeiro. No entanto, não se pode ignorar que em outros locais ocorreu a publicação de vários periódicos que deram continuidade à imprensa espírita brasileira. Igualmente, não se pode ignorar que, em 1882, aconteceu o encerramento de um periódico, mas que de modo algum representa o findar das ideias espíritas.

Os treze anos abrangidos pela pesquisa expõem parte de um longo processo de afirmação de ideias e ideologias que não tinham por cerne apenas a instauração do espiritismo no Brasil. No período emergiram parte das concepções que deram vigor ao debate político em torno de eventos cruciais na constituição dos processos que pretendiam elevar o país ao patamar das nações ditas civilizadas. Naqueles anos foram edificadas as filiações partidárias e contrárias à abolição da escravatura, ocorrida em 1888. Constituíram-se o escopo de ideologias progressistas que incitavam à Proclamação da República, que viria a ocorrer somente em 1889. Todos estes fatos devem ser entendidos como resultantes dos levantes que se deram com o prenúncio de novas ideias e que questionavam as relações sociais estabelecidas no país como, por exemplo, o vínculo entre a Igreja e o Estado; a predominância nas decisões políticas dos latifundiários vinculados a economia cafeeira; e a ausência de instituições que primassem pelo desenvolvimento científico e tecnológico do país.

Vista por esse prisma, a imprensa espírita participou desses levantes e estimulava o debate modernizador empreendido por setores plurais da intelectualidade brasileira oitocentista. Se por um lado havia núcleos progressistas, que pretendiam transformar o país com discursos que pregavam a importância de uma educação aos moldes da ciência materialista, por outro, ainda existia a noção de pessoas que pregavam uma educação moral, pautada no ideário religioso católico. Uma outra moral parecia ser necessária, sendo que o espiritismo tendia a atender a tal necessidade.

Até então, a formação humana deveria prescindir dos atributos presentes na mentalidade religiosa, dominante nas escolas de então. Para os diversos segmentos, dentre eles os anticlericais, o ideário do catolicismo deveria ser repensado para dar lugar a outra moral, em que a ciência fosse mais presente e a fé não fosse obscurecida pelos dogmas da Igreja de Roma. O espiritismo foi uma das saídas encontradas por aqueles que, em pequenos grupos, ou isoladamente, começaram a estudar temas relativos à ciência, mas sem deixar de lado a espiritualidade. O espiritismo se estabelecia, assim, como uma alternativa.

Para estabelecer o diálogo entre a imprensa espírita oitocentista e o seu modelo educativo, a tese foi organizada em quatro partes. Na primeira, são expostas questões relativas ao método que norteia o estudo, considerando os referenciais teóricos que explicam categorias utilizadas ao longo da tese, como o de ideologia e o de intelectualidade. Retoma-se o percurso histórico da fundação da imprensa espírita, no Brasil, e sua perspectiva pedagógica na divulgação da doutrina, evidenciando como se apresentou a favor dos intelectuais, responsáveis por transmitir ideologias consoantes aos seus interesses hegemônicos.

A segunda parte é dedicada à discussão do surgimento do espiritismo na Europa, detendo-se na vertente kardecista. Ao longo da exposição apresenta-se o espiritismo, caracterizando os discursos que o defendiam como ciência, filosofia e religião. Discute-se, também, o legado de Allan Kardec, deixado nos *Livros da Codificação*, que compõem o conjunto doutrinário do espiritismo.

A terceira parte da tese dedica-se à análise histórica do espiritismo no Brasil, expondo como a imprensa foi utilizada para fazer a disseminação da doutrina kardecista. Nesta perspectiva, apontam-se como os intelectuais acolheram o debate que versava sobre as tendências francesas, a exemplo da

prática homeopática. Discorre-se, ainda, sobre os primeiros anos do espiritismo, passados na Bahia, e sua posterior proliferação na Corte do Rio de Janeiro. As duas regiões foram os berços dos periódicos analisados na tese, por isso, destacam-se estes locais como de origem das ideias que ocuparam os intelectuais espíritas brasileiros do século XIX.

Na quarta parte da tese é feita a análise documental dos três periódicos que constituíram a fonte primária da pesquisa. Divide-se o capítulo em subseções, sendo que na primeira delas é apresentada a trajetória dos intelectuais que iniciaram a imprensa espírita brasileira e como eles conformaram suas ideias por meio de redes de sociabilidade. Diante de tal abordagem, apresenta-se uma análise sobre as questões ideológicas defendidas por seus intelectuais, a saber: o discurso cientificista, proveniente da chamada ciência moderna; o debate progressista, caracterizado pelo chamado progresso moral, bem como os seus vínculos com as noções de progresso material.



## 2 IMPRENSA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: QUESTÕES DE MÉTODO

A seção apresenta o procedimento metodológico que norteou a análise da imprensa espírita brasileira do século XIX. O texto foi dividido em três partes, sendo que, na primeira delas, intenta-se o diálogo mais abrangente entre a História da Imprensa e História da Educação, distinguindo a contribuição dada por pesquisadores que conceituam a imprensa em três perspectivas: como objeto para contar a história da própria imprensa; enquanto fonte para analisar a história de um determinado período, especialmente, a história do século XIX; e por fim, como objeto e fonte para o campo da História da Educação. Após conceituar a imprensa periódica e seus usos, o estudo volta-se para a especificidade da imprensa espírita, enquanto uma possível fonte para a referida área.

Na segunda parte da seção são discutidos o referencial teórico e metodológico, envolvendo as categorias de análise que são aventadas no decorrer da tese. Para tal, elenca-se a contribuição de autores que incorporam proposições analíticas às suas teorias, como por exemplo, as que empregam o conceito de *intelectualidade*, de *rede de sociabilidades* e de *ideologia*. A discussão é necessária para estabelecer o suporte teórico que fundamentou a investigação empreendida.

Na terceira e última parte da seção são indicadas pesquisas que utilizaram o espiritismo e a imprensa periódica espírita como objeto e fonte para seus estudos. Em sua maioria são trabalhos realizados em áreas distintas e nem sempre correlatas à Educação, mas que prestam significativo auxílio a quem pretende entender o espiritismo no Brasil.

O debate apresentado pretende constituir o referencial teórico esquematizado para a análise dos jornais e revistas espíritas do século XIX. Entretanto, não é pretensão instaurar uma via única para orientar as abordagens sobre a imprensa espírita, contrariamente, acata-se que outras proposituras são de tamanha importância e corroboram, expressivamente, para a compreensão da imprensa e do espiritismo brasileiro.

## **2.1 A imprensa espírita do Brasil oitocentista enquanto fonte para a História da Educação**

Ao optar pela imprensa periódica do Brasil oitocentista como fonte, o pesquisador se depara com a necessidade de escolher as dimensões que irá utilizar, uma vez que jornais, revistas, panfletos, dentre outros, servem tanto para noticiar, quanto para outros fins, como entreter, informar, além de ser um negócio. O discurso dos articulistas da imprensa espírita, do século XIX, cumpria com todas essas funções e não escondia a intencionalidade instrutiva ao defender a formação moral, objetivada pelas ideologias ditas científicas, e vistas como progressistas.

Lia-se nas páginas da imprensa espírita o desejo de consolidar um país moderno, anseio que também era aspirado nos discursos que partiam dos demais grupos intelectualizados que, habilmente, utilizaram a palavra impressa para expor suas ideias. O interesse declarado era fazer oposição às concepções conservadoras do Império, as quais estavam respaldadas em diversas frentes, como nos vínculos entre a monarquia, a Igreja Católica e a elite agrária. Esses vínculos foram se enfraquecendo, sobretudo na segunda metade dos oitocentos, quando o discurso republicano, com ideias aparentemente modernizadoras, impunha o debate favorável às mudanças na política, no modelo de produção e na flexibilização religiosa.

No entanto, a convergência do discurso, chamado modernizador, não era capaz de lançar ideias hegemônicas, tendo em vista que nem todos os segmentos intelectualizados solicitavam mudanças em uma mesma medida. Havia os moderados, os exaltados e aqueles que apoiavam causas mais específicas, como os abolicionistas, federalistas e protestantes. Estes segmentos defendiam as ideias que, muitas vezes, se complementavam, logo, um abolicionista poderia ser moderado ao mesmo tempo em que um republicano poderia ser conservador (MELLO, 2011).

As diferenças e similaridades dos intelectuais oitocentistas, dentre eles os intelectuais da imprensa espírita, estampavam as páginas dos jornais e revistas que acatavam a ideologia dos seus responsáveis. Erguiam-se, assim, jornais que

seguiram as causas de conotação republicana, e também os periódicos que se autodenominavam científicos. Nessa conjuntura se enquadram os periódicos da imprensa espírita. Seus responsáveis agiam por motivos díspares, mas concordavam com a ideia da modernização do país a partir de um ideário visto por eles como progressista, o qual empregava o cientificismo para propulsionar o desenvolvimento da nação, ao ponto de torná-la comparável às nações em que o ideal de civilidade era difundido.

A imprensa espírita foi um dos *locus* para as discussões que estavam em pauta no Brasil oitocentista. Ela pode ser uma fonte para exemplificar como os processos educativos foram estabelecidos pela informalidade do texto jornalístico, mas que, guardadas as devidas ressalvas, tinham uma intencionalidade clara: disseminar o espiritismo e divulgar as noções morais calcadas em ideologias da época. Esse quadro exige que a imprensa oitocentista, de um modo geral, seja analisada em sua dimensão mais ampla. Logo, é importante retomar a discussão da imprensa, enquanto fonte para a história e para o campo da História da Educação.

A imprensa brasileira se constituiu no início do século XIX, quando a Família Real Portuguesa veio para o Brasil, no ano de 1808, e trouxe consigo diversas instituições, dentre elas a Imprensa Régia. Esta temática, amplamente discutida pela historiografia, à primeira vista pode parecer um clichê acadêmico, porém, ela é singular para a compreensão das funções que os jornais e revistas cumpriram no país desde que aqui começaram a ser publicados.

Competiu à Imprensa Régia a publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundada em 10 de setembro de 1808, o primeiro e principal veículo de comunicação para expor os feitos oficiais que cercavam a burocracia da Corte. Sendo seu caráter oficial, o jornal foi afrontado por outro periódico que circulou na mesma época, o *Correio Braziliense*. O primeiro, tomado como órgão oficial e o segundo, como um jornal clandestino. Ambos noticiavam o contexto da época e traçaram as características que os demais impressos brasileiros assumiriam naquele momento: os partidários da Coroa, e o que eram avessos à monarquia (LUSTOSA, 2004).

Indiferente do formato que os jornais seguiram, eles explicitavam as ideias dos seus responsáveis. Tendo por aceite que, as análises da imprensa

possibilitam o entendimento de ideologias presentes, no momento em que foi escrita, a presente tese, ao tratar dos periódicos espíritas, contempla um modelo editorial que destoa do jornalismo oficial, mas que também expõe as características do período em que foi tornado público. Desse modo, os jornais e revistas espíritas serviram de instrumentos de comunicação, que veicularam visões de mundo que disputavam leitores.

Frente às potencialidades da imprensa são evidenciados questionamentos que devem ser clarificados para a sua devida utilização nos estudos históricos, em especial para os que tratam da História da Educação. Em meio aos questionamentos, destaca-se: como usá-la para analisar a educação de um período? Como se ater à participação da imprensa no processo educativo do momento histórico em que foi publicada? As possíveis respostas indicam que a imprensa pode ser estudada em duas perspectivas, enquanto *fonte*, ou como *objeto* de pesquisa.

A imprensa se torna uma *fonte* para a História da Educação quando seus estudiosos analisam os processos históricos nela contidos, extraíndo de suas páginas os fatos ocorridos em ocasiões diferentes, mas que explicitam o modelo educativo informal empreendido na formação dos homens. Na perspectiva de analisar a imprensa enquanto *objeto* de pesquisa, vislumbram-se as pesquisas que consideraram a sua participação, direta ou indiretamente, na difusão de ideias condizentes com interesses dados por processos históricos singulares. O exemplo parte das pesquisas que analisam a imprensa como participante do processo histórico. Este tipo de pesquisa tende a considerar os jornais, revistas e outros, como documentos que interferiram, direta ou indiretamente, na constituição de ideologias.

Seja como fonte, ou objeto de pesquisa, a imprensa tem sido utilizada nas pesquisas em História da Educação, compondo uma via para o pesquisador que objetiva interpretar a educação em períodos específicos. No entanto, além de entrever processos educativos, a imprensa possibilita aproximar-se dos idealizadores de tais processos, distinguindo os personagens que cultivaram discursos ideológicos e os puseram para circular na palavra impressa.

Existe certo consenso que a imprensa pode gerar apologias, reivindicações e/ou denúncias que resguardam interesses particulares e coletivos.

Exemplarmente, pode-se verificar o caso de pesquisas com jornais religiosos, em que os objetivos nem sempre foram de analisar o jornal a partir do seu conteúdo, mas da atuação de seus escritores.

Invariavelmente, esse tipo de pesquisa considera que seus redatores utilizam a imprensa como instrumento doutrinador de costumes e crenças, ratificando o envolvimento confessional dos seus responsáveis. Para este tipo de pesquisa, a imprensa torna-se espaço de militância e desenvolve relações doutrinárias com seus leitores, à medida que os convoca para serem “combatentes”, tanto por compartilhar da mesma fé, ou simplesmente por assinarem o impresso que divulgue suas crenças. A este respeito Aline Coutrot afirma que:

A imprensa confessional tem com os movimentos mais de uma analogia. Como eles são órgãos militantes que querem fazer a mensagem cristã penetrar nas realidades do mundo contemporâneo e mantém estreita relação com seus leitores, que às vezes constituem verdadeiros movimentos, redes de difusores benévolos e que se reúnem em congressos. A influência da imprensa confessional é tanto maior na medida em que seus leitores são em geral fiéis, na maioria assinantes, e que o coeficiente de difusão é elevado (COUTROT, 2003, p. 348).

Para a autora, a discussão da militância, nas páginas da imprensa, exige uma abordagem ampla, destinada a desvendar as peculiaridades que nem sempre são explícitas. Assim, não é dispendioso para o pesquisador dedicar-se às minúcias do impresso na averiguação, desde a técnica de impressão até os motivos que fizeram com que o periódico fosse publicado. Já ao leitor, diferentemente do pesquisador, nem sempre são apresentados os papéis ideológicos que no impresso estão contidos.

No entanto, as relações estabelecidas entre a imprensa e o leitor só podem ser discutidas se consideradas as suas estratégias de circulação. O pesquisador deve ter a preocupação metodológica de desvendar tanto o interesse da imprensa, quanto o leitor que a ela tenha acesso. Para esse processo algumas perguntas são essenciais, como: em que meio ela circulava? De que modo atingia seus leitores? Estas perguntas são necessárias e, nos dizeres de Becker, estão

longe de serem simples, pelo contrário, são complexas e aglutinam informações concordantes e discordantes, justamente pelo fato de que:

[...] a imprensa é uma produtora considerável de informações diversas, que esclarecem as atitudes e os comportamentos: ela noticia reuniões políticas, o número de participantes, traz relatos de manifestações ou greves, para citar apenas as informações mais simples e mais diretas (BECKER, 2003, p. 197).

Para discussão e interpretação da complexidade da história da imprensa no Brasil foi configurada uma bibliografia extensa que trata sobre as especificidades do seu desenvolvimento. Dentre os estudos, ocupam função singular os que a caracterizaram, desde a técnica da impressão até a sua disseminação. Seguindo esta perspectiva, destacam-se os trabalhos de Carlos Rizzini (1945) e o de Nelson Werneck Sodré (1966).

No texto **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)**, Carlos Rizzini percorre o processo de consolidação da imprensa brasileira, mostrando os primórdios da tipografia e o surgimento da editoração, que estruturaram as primeiras tipografias brasileiras. Para compor sua obra, Rizzini utilizou-se dos impressos como fonte de pesquisa, mas também fez deles o objeto de sua análise. O autor pesquisou em cartas de governantes, em obras literárias, em jornais e relatos de viagens como a imprensa circulava.

Em seu livro, Rizzini demonstra momentos que assinalaram a história do Brasil desde o período colonial, perpassando o momento da Independência, em 1822, processo que, segundo o autor, a imprensa não se esquivou de “[...] arrebatou a polêmica entre republicanos e monárquicos, exaltados e retrógrados, liberais e corcundas, dois aspectos variáveis e circunstanciais de um inconciliável e eterno dualismo: o governo e a oposição” (RIZZINI, 1945, p. 366).

Depois de mais de vinte anos do estudo de Rizzini ser lançado, Nelson Werneck Sodré estabeleceu outro marco dos estudos sobre imprensa com a publicação do livro intitulado **História da Imprensa no Brasil**, de 1966. Sodré esquematizou o nascimento da imprensa brasileira como análoga à expansão do sistema capitalista. De acordo com esse autor, a história da imprensa é dividida em fases, que correspondem ao próprio desenvolvimento do capitalismo. Refere-

se assim, primeiramente, à produção artesanal e, depois, à segunda fase, de produção industrial.

Na primeira fase, as condições da imprensa não facilitavam a disseminação da leitura, uma vez que a circulação da informação era restrita ao seu modo produtivo. A segunda fase – industrial – revelou-se na constituição de uma classe burguesa, a qual favoreceu a modernização das técnicas de impressão e passou a utilizar os impressos para incitar o embate político. Quanto aos desdobramentos da imprensa, nos moldes do sistema capitalista, Sodré afirma que:

Por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas das mais diversas situações social, cultural e política, correspondendo a diferença de interesses e aspirações. Ao lado dessas diferenças, e correspondendo ainda à luta pelo referido controle, evolui a legislação reguladora da atividade da imprensa (SODRÉ, 2011, p. 14).

As constatações de Sodré são ainda mais enfáticas quando se referem às técnicas de impressão, que seguiram os eventos da sociedade capitalista, como a produção em massa, a concentração urbana e a abertura de novos mercados. A discussão circunscreve a revolução da técnica de imprimir dada em outros países e que ultrapassou fronteiras. Todavia, sempre esteve ligada com o desenvolvimento capitalista. Para o autor:

A corrida para a revolução nas técnicas de imprensa, iniciada na Inglaterra [...] Era o ponto de partida para a produção em massa que permitia reduzir o custo e acelerava extraordinariamente a circulação. Era outra prova de interligação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento capitalista. O desenvolvimento das bases da produção em massa, de que a imprensa participou amplamente, acompanhou o surto demográfico da população ocidental e a concentração urbana; paralelamente, a produção ascensional provocou a abertura de novos mercados, a necessidade de conquistá-los conferiu importância a propaganda e o anúncio apareceu como traço ostensivo das ligações entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias [...] (SODRÉ, 2011, p. 15).

Ao acatar que a imprensa participou do contexto de consolidação e desenvolvimento das relações capitalistas incorre-se na concordância de que, em suas páginas, é possível ler o momento histórico em que ela está inserida. Tem-se então, uma das teses mais difundidas pelos estudiosos da imprensa, a de que jornais, revistas, panfletos e outros são frutos dos embates políticos estabelecidos no tempo em que são confeccionados, por isso, retratam contradições inerentes da conjuntura em que são publicados.

Partindo de Rizzini e Sodré, identifica-se que a imprensa foi recebida nos estudos acadêmicos, inicialmente, como objeto de pesquisa, capaz de conduzir as investigações sobre sua própria história. Ao mesmo tempo em que se investigavam as técnicas de impressão e sua consonância com o período de desenvolvimento capitalista, verifica-se a importância de estudos que focassem mais na notícia e na informação contida nas páginas dos impressos.

Em trabalhos mais recentes, autores como: Maria Helena Câmara Bastos (1997), Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (1998), Marco Morel (2003), Isabel Lustosa (2004), Lavínia Madeira Ribeiro (2004), Tânia Regina de Luca e Ana Luiza Martins (2006), Marialva Barbosa (2010), dentre outros, contribuem para o enquadramento da imprensa enquanto objeto e fonte para a História, atualizando as interpretações.

Luca e Martins mostram dois tipos de investigação diferentes. Inicialmente, as autoras citam as investigações em que o cerne é a história da imprensa, como por exemplo, os estudos de Rizzini e de Sodré. A segunda maneira de trabalhar com a imprensa ocorre a partir da história nela contida. No primeiro caso, a imprensa é vista como objeto de estudo, enquanto no segundo, é caracterizada como fonte para os estudos históricos (LUCA, 2006; MARTINS; LUCA, 2006).

Enquanto fonte, a imprensa é responsável por fornecer ao pesquisador as ações humanas, produzidas em contextos específicos. Luca e Martins, ao asseverarem que a imprensa “contém a história”, apontam os jornais e revistas como auxiliares na compreensão de como os fatos se processam, suas interferências e inferências.

Do ponto de vista de pensar a imprensa, enquanto fonte para os estudos históricos, Juliana Gesuelli Meirelles menciona a essência de três tipos de



investigações: trabalhos que focam a imprensa como agente da história ao averiguar a influência que ela gera no pensamento político; os estudos que investigam os jornais, ou determinada ramificação da imprensa, como formadores de ideologias no público leitor; e ainda, as pesquisas que se detêm nas transformações ocasionadas pela a imprensa, ao longo do tempo e em determinadas sociedades. Nas palavras da autora:

Os diversos enfoques circunscrevem, basicamente, três linhas de reflexão. Há aqueles que utilizam da imprensa para pensar a influência e o impacto no pensamento político e na cultura da sociedade que estudam, outros que se dedicam a analisar um periódico de forma específica, suas vinculações ideológicas com o público leitor e, ainda, os que discutem a abrangência das múltiplas transformações da imprensa em uma dada sociedade [...] Geralmente, essas análises são de grande amplitude e estabelecem 'fases' para sistematizarem o desenvolvimento da tipografia (MEIRELLES, 2008, p. 27).

No que se refere à imprensa enquanto fonte para o século XIX, Marco Morel e Mariana Monteiro de Barros, no livro **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do Século XIX**, publicado no ano de 2003, debatem o surgimento dos impressos no contexto oitocentista, período em que os jornais e revistas começaram a acompanhar a vida pública do país. Dentre as abordagens dos autores estão o surgimento da opinião pública e a diversificação da imprensa de acordo com os seus interesses.

O enfoque dado por Morel e Barros explicita o desenvolvimento de periódicos temáticos, concordantes com causas e levantes que objetivavam formar a opinião pública. Temas como a imprensa feminista, religiosas, caricaturista emergiram no contexto imperial. Estes e outros modelos são analisados pelos autores que frisam o papel da imprensa como fontes e objetos de pesquisa, evidenciando que:

Nas últimas décadas o campo da pesquisa histórica tem passado por remodelações que apontam para crescente pluralidade de abordagens e temas. Neste movimento a imprensa tem sido tomada como fonte e também como objeto de estudos. Como fonte documental, integra-se a outros materiais que dão suporte a pesquisas e reflexões em áreas diferentes; como objeto, transforma-se ela mesma no foco dos trabalhos (MOREL; BARROS, 2003, p. 07).

Os estudos de Marialva Barbosa também compõem o quadro de investigações que tratam da imprensa do século XIX. Em 2010, a autora lançou o livro **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800-1900**. O trabalho é consequência de uma série em que Barbosa analisou outros recortes temporais<sup>1</sup>. No livro em questão, a autora assinala a instauração de jornais que obedecem à conjuntura histórica em épocas específicas.

Barbosa exemplifica como os debates políticos participaram do levante que fez surgir a imprensa abolicionista na Corte do Rio de Janeiro. Para a autora, a imprensa do século XIX foi o cenário em que se encenou o “teatro performático” das contendas políticas. O enredo do teatro era escrito por intelectuais que imprimiam dramaticidade em seus argumentos, sempre tendo por foco o público leitor.

Os desdobramentos da história política do Brasil fizeram com que se institucionalizasse o padrão de jornalismo brasileiro. Esta tese é defendida por Lavínia Madeira Ribeiro (2004) no livro **Imprensa e Espaço Público: a institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964)**. A abordagem dada utiliza uma conjuntura espaço-tempo que corresponde à ideia de longa duração, mas que não exime os fatos políticos iniciados com a chegada da Família Real, no Rio de Janeiro, e que vão até o Golpe Civil de 1964.

Seguindo a ideia de Ribeiro, a imprensa ganhou contornos que se moldaram ao noticiar fatos vivenciados em conjunturas políticas de proporções distintas, marcadas pela interferência dos governantes e de suas ações, as quais foram transcritas, por jornalistas, nas páginas de jornais, revistas, panfletos e demais órgãos noticiosos. Dada a longa duração da análise, a pesquisa demonstra como investigar fatos singulares da história que foram noticiados pela imprensa periódica, sobretudo, os acontecimentos que tiveram contornos políticos e resultaram em especificidades jornalísticas, como por exemplo, o linguajar típico dos redatores.

Morel e Barros (2003), Barbosa (2010) e Ribeiro (2004) explicam a versatilidade da imprensa para os estudos históricos sobre o século XIX. As

---

<sup>1</sup>A autora também discute a historicidade da imprensa brasileira em outro livro em que aborda outra abordagem temporal. A referência do mesmo é: BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**.

questões de ordem metodológica, por eles abordadas, sugerem possibilidades de se analisar uma pluralidade de fatores que foram publicados pela imprensa, e que a fez participar da vida social da Corte e de outras províncias brasileiras. Nem todos os autores citados são da área da educação, mas as interfaces de seus estudos auxiliam o pesquisador da área, sendo significativos para a História da Educação por estabelecerem abordagens que propõe revisar a imprensa com óticas diferenciadas, seja pelo olhar da política, ou dos costumes e crenças.

Destaca-se que, a emergência de pesquisas na área da educação tem apresentado análises da imprensa especializada, geralmente, reconhecida como imprensa pedagógica, cujo foco é a discussão dos processos educativos, das instituições escolares e demais temas relacionados à educação, mas também existem os estudos que ocorrem a partir da imprensa com temas variados (BASTOS, 1997). Conforme José Carlos Souza Araújo, a pesquisa em educação, feita em periódicos, não “[...] trata somente de pesquisas advindas da imprensa denominada educacional, mas de investigações em jornais e em revistas que não têm necessariamente um cunho educacional” (ARAÚJO, 2002, p. 59).

Tendo em vista que a imprensa pode se apresentar em temas variados, quando adotadas como fontes para a história da educação, o pesquisador deve saber dar o devido valor ao potencial educativo que, muitas vezes, não está aparente. Além disso, ao aceitar que a imprensa é plural, quebra-se o paradigma de extração positivista, que dá exclusividade aos registros oficiais, geralmente cunhados pelo Estado. Em contrapartida, a imprensa pode ser considerada um testemunho histórico, porém somente se torna fonte para a educação, quando questionada pelos interessados em recompor o “[...] grande quadro explicativo da História” (ARAÚJO, 2002, p. 59).

O fato de a imprensa oitocentista publicar o debate político é algo tido como certo pelos historiadores, entretanto, a influência que os jornais desempenhavam na construção de costumes é outro fato relevante e pode ser apresentado em temáticas de pesquisas, principalmente, quando se considera que “[...] a imprensa passa a ser constantemente referida como o meio mais eficiente e poderoso de influenciar os costumes e a moral pública, discutindo questões sociais e políticas” (PALLARES-BURKE, 1998, p. 147).

É apropriado lembrar que nem todos os periódicos assumem o objetivo de expor a temática educacional, além disso, a educação formal não foi o centro das discussões publicadas nos jornais e revistas que circularam, no país, em períodos distintos da história do Brasil, como no final do Império e no início da República, porém, denotam ideias concernentes a questões formativas. Um exemplo, citado por Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, são os ideais iluministas que adentraram aos jornais oitocentistas e tinham como missão formar o cidadão civil a partir de ideias que apregoavam a razão burguesa do século XVIII.

No artigo **A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX**, Pallares-Burke exemplifica também como os jornais oitocentistas participaram do debate político e da vida cotidiana na Corte. Segundo ela, os jornais eram efêmeros, mas declaravam posicionamentos, que podem ser observados desde seus títulos.

De existência em geral efêmera, os novos periódicos têm também em comum títulos bastante reveladores, que aludem ao seu papel de guia e educadores da sociedade. 'Monitores', 'Lanternas', 'Despertadores', 'Mentores', 'Faróis', 'Autoras' aparecem em profusão [...] e se autodescrevem como indispensáveis 'difusores de luz', veículos de cultura, progresso e de liberdade. (PALLARES-BURKE, 1998, p. 147).

Para tal autora, a imprensa admitia a função de fazer o papel da educação em uma sociedade em que as escolas eram insuficientes, permitindo que o conhecimento fosse desenvolvido mais pela oralidade que pela leitura. Os homens e mulheres livres, que sabiam ler e escrever, estavam à frente no domínio social, visto o grande número de analfabetos<sup>2</sup>.

Em contrapartida, algumas posturas teóricas afirmam que o quadro de transições observadas na história política dos anos oitocentos não resultou nas transformações esperadas. Exemplarmente, o Brasil permanecia um país conservador, valendo-se de uma estrutura que privilegiava o ambiente rural em detrimento dos ambientes urbanos, os quais ainda estavam se desenvolvendo.

---

<sup>2</sup> Em 1872 foi realizado “[...] o primeiro censo brasileiro [que] daria, para a população de cinco anos ou mais, uma taxa de analfabetismo da ordem de 82,3%. Pode-se estimar que, para a população de mais de 10 anos, essa taxa devia estar em torno de 78%. A situação permaneceu inalterada pelo menos até o censo de 1890, o qual acusou uma taxa de analfabetismo de 82,6% para a mesma população de cinco anos ou mais (FERRARO, 2002, p. 34).

Porém, a imprensa se desenvolvia como um novo espaço, aberto para inovações que ameaçavam a estrutura posta. Era um processo que apresentava mudanças gradativas, interferindo nos aspectos socioeconômicos basilares daquela sociedade. Sobre esse contexto, a historiadora Ana Luiza Martins afirma que:

“Todavia, o novo espaço e modo de fazer da imprensa do Segundo Reinado – que se estendeu de 1841 a 1889 – não se deram de pronto. Isso porque, a despeito das transformações institucionais advindas da Independência, do Primeiro Reinado, da Regência e agora da Maioridade, a mudança fundamental não se dera. Em lugar da república livre e laica, cogitada pelos liberais, vingara a monarquia centralizadora e católica, na qual Igreja e Estado prosseguiram compartilhando o poder enquanto o regime escravo – levado as últimas consequências com a entrada dos maiores contingentes africanos – consolidou a tradição monocultora e a ordem estamental do país, mantendo os tradicionais obstáculos como forte entrave para a propagação de uma imprensa livre e atuante (MARTINS, 2008, p. 47).”

Partindo das contradições, que foram publicadas nos jornais e revistas, é que se pode afirmar que investigar a imprensa oitocentista e, especialmente, os processos pedagógicos que nela se projetaram, requer aceitar os problemas de uma sociedade em construção. A imprensa espírita do período não foge desta perspectiva e mostra o discurso de intelectuais, que disseminavam uma nova moral, pautada em tendências religiosas inovadoras e panfletando uma concepção científica que correspondesse aos seus interesses.

Às investigações que trazem a imprensa espírita como fonte da História da Educação, cabe questionar o modelo pedagógico escolhido para difusão de ideias. Desse modo, o método histórico auxiliado por concepções, que identificam discursos consensuais e hegemônicos, foi o instrumento escolhido para referenciar teoricamente este estudo.

As explicações metodológicas dadas pelos autores elencados na presente seção são fundamentais para esta pesquisa, pois indicam que existem modos de analisar a imprensa, aproximando-se do contexto formativo em uma determinada época, sem necessariamente, voltar-se para as fontes que emergem da educação formal. Esse modelo de abordagem é válido para a investigação dos periódicos da imprensa espírita brasileira oitocentista, a qual será abordada a partir de ideologias modernizadoras em circulação no século XIX.

## 2.2 Ideologias e intelectuais oitocentistas

Os princípios que eram defendidos pela imprensa espírita demarcavam as ideologias dos intelectuais que trouxeram o espiritismo para terras brasileiras. Eles concordavam que deveria ser formado, no país, um contexto de modernizações, sendo que se julgavam na “missão árdua e espinhosa” de desenvolver o progresso, como explicitaram os membros da *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* ao afirmarem que:

No Brasil, a tarefa da propaganda do Espiritismo é, não só difícil, mas até árdua e espinhosa, porque entre nós infelizmente não há educação; a instrução moral, que tem por fim formar o caráter do indivíduo tem sido completamente descurada, e a própria educação intelectual, em que tanto se fala e com a qual se tem feito tantos pufs, não é distribuída conveniente e nem suficientemente (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CRISTO E CARIDADE..., fev., mar., 1882, p. 4/28)

O posicionamento dos intelectuais espíritas é resultante, dentre outros motivos, da ineficiência de um sistema formal de educação que contemplasse a “instrução moral” e a “educação intelectual”. Ao optarem por expor suas convicções na imprensa, eles não tinham a pretensão de suprir a carência da educação formal, entretanto, aspiravam divulgar concepções que concatenavam com as ideologias do período e que formavam o arcabouço doutrinário do espiritismo.

As ideologias que compõem o espiritismo são concebidas em vertentes que, à primeira vista, podem parecer inconciliáveis, já que ciência e religião explicam realidades opostas (e por vezes contraditórias). Apreender tais aspectos em uma tese, cuja fonte é a imprensa espírita requer pressupostos teórico-metodológicos que possam caracterizar como os intelectuais, idealizadores do referido modelo de imprensa, pretendiam comunicar seus valores pela palavra escrita e que circulava, periodicamente, em grupos específicos. Entende-se que estes intelectuais compartilhavam das questões históricas em evidência no século XIX. Eles tinham na noção de progresso o respaldo necessário para publicar as

novidades originadas no cientificismo moderno (DAMAZIO, 1994; STOLL, 1999, 2004; MACHADO, 1983).

As ideologias do século XIX podem ser captadas por categorias de análises que impelem o pesquisador a um imprescindível discernimento dos conceitos e teorias que fundamentam a sua pesquisa. Neste caso, utiliza-se como guia os conceitos de *redes de sociabilidade* e *ideologias* a partir de estudiosos, que elucidam modelos analíticos, favorecendo metodologias capazes de se constituírem em ferramentas de interpretação.

### **2.2.1 Os intelectuais**

No Brasil, as pesquisas que analisam a participação dos intelectuais nas transformações sociais emergiram nos anos de 1950, sendo que até os anos de 1970 as abordagens estavam circunscritas ao plano das ideias e mentalidades, fazendo uma complexa distinção entre o que seria uma *história dos intelectuais* e o que seria uma *história das ideias* (CARVALHO, 2000).

Em um primeiro momento, a preocupação da história dos intelectuais era analisar o pensamento de indivíduos que tinham certa expressão social, porém, os trabalhos limitavam-se à análises isoladas, e nem sempre focavam no alcance social das ideias que partiam dos chamados intelectuais. Até então, o papel do intelectual era o de reproduzir os interesses da(s) corrente(s) em que se filiava, desconsiderando a diversidade de ideologias que não pertenciam ao seu convívio. Estes estudos fizeram com que a historiografia apontasse aos intelectuais os nomeando como positivistas, darwinistas, liberais, conservadores, etc, os afastando de uma realidade mais ampla e, conseqüentemente, deixou de retratar vínculos importantes na formação do pensamento que emanava dos ditos intelectuais.

As abordagens esquivavam-se do vínculo entre o sujeito e a sociedade em que estava inserido, pois procuravam analisar o pensamento em sua exatidão e, muitas vezes, deixavam de lado a participação do sujeito dentro do processo histórico.

Um dos pesquisadores que aponta esse tipo de complexidade é o historiador José Murilo de Carvalho. Ele afirma que o estudo dos intelectuais, antes dos anos de 1970 “[...] aproximava-se da prática, usada na filosofia, de expor o pensamento de cada pensador isoladamente” (CARVALHO, 2000, p. 123).

O autor diz, ainda, que os pensamentos isolados, atribuídos aos intelectuais, serviam para compor quadros amplos. A história era contada a partir de como cada intelectual cunhava suas ideias ou “filosofias de vida”, em concordância com correntes de pensamento, que estavam prontas e acabadas. Não meramente, a história dos intelectuais ficou conhecida como história das ideias. Nas suas palavras:

Essas correntes eram quase sempre definidas de acordo com as categorias clássicas de liberalismo, positivismo, socialismo, fascismo. Assim, surgiram histórias do pensamento positivista, socialista, liberal. Alguns buscavam outras classificações, como pensamento conservador, autoritário etc (CARVALHO, 2000, p. 123).

A crítica às abordagens individualizadas e isoladas foi rechaçada por não se mostrarem frutíferas em pesquisas que objetivavam um contexto mais amplo. Prevalencia o mecanicismo das atitudes dos intelectuais, não pesando a sua interferência social ou a abrangência de suas ações. Após os anos de 1970, a história dos intelectuais ganhou outros enfoques e passou do pensamento isolado para a interpretação das ações humanas e suas relações com as atividades intelectuais do sujeito, como por exemplo, suas contribuições na imprensa e na vida política. Observava-se um “[...] esforço, agora mais sistemático [em] interpretar as ideias como ideologias vinculadas a interesses de grupos e classes sociais, ou mesmo do Estado” (CARVALHO, 2000, p. 123).

De acordo com o historiador francês, Jean Jacques Sirinelli, os intelectuais compõem uma categoria que adentrou a história, mas que teve que percorrer um longo caminho. Antes de serem notados pela historiografia, os intelectuais foram considerados “subobjetos da história”, contudo, nos dias atuais, eles foram retirados do “ângulo morto, tornando-se um [...] objeto da história sobre o qual o historiador não mais hesitou em lançar sua rede” (SIRINELLI, 2003, p. 240).



Os intelectuais se acomodam a referenciais ideológicos e culturais que são pertencentes ao próprio grupo que defendem, mesmo que cada indivíduo, isoladamente, tenha sua própria história. As ideias do grupo são disseminadas em um ambiente que os une. Esse espaço pode ser chamado de sociabilidade (SIRINELLI, 2003).

O entendimento de que os intelectuais se unem por ações ideológicas é um ponto de partida, que sugere investigar a ação pretendida pelos intelectuais que publicavam nos jornais e revistas da imprensa espírita. Afinal, quais interesses os moviam? Por que pleiteavam a instauração do espiritismo? A busca por essas respostas pode ser encontrada nas páginas da imprensa espírita. Acredita-se que ela era um espaço de sociabilidades, no qual reunia os interessados em discutir uma perspectiva de ciência, de filosofia e de religião elaborada por Allan Kardec.

Na imprensa espírita se conformaram algumas redes de sociabilidade constituídas por intelectuais que defendiam as causas oitocentistas. Nessa perspectiva, destaca-se a dissertação de mestrado de Daniel Simões do Valle (2010), que analisou o debate abolicionista entre os intelectuais espíritas. Para o autor, os ideais espíritas foram expressos nas atuações de personagens que estavam aliados em favor da mobilização da reforma servil e política, como por exemplo, Antonio da Silva Neto, Adolfo Bezerra de Menezes e Francisco Leite de Bittencourt Sampaio.

Diferentemente do estudo feito por Valle, o interesse na presente pesquisa é mais amplo ao tentar captar as ideias que provinham da própria doutrina e adequavam-se ao contexto brasileiro. Não é focado o movimento abolicionista, haja vista que interessa analisar as questões que abrangiam o entendimento de ciência, de filosofia e de religião feita pelos espíritas. Seguindo a mesma linha do pensar, a investigação, ora apresentada, não se detém em refazer uma História do Brasil oitocentista a partir do crivo que considere a participação dos espíritas e do espiritismo. O que se pretende é analisar as ideias que circulavam no período e que foram discutidas pelos intelectuais espíritas nos periódicos instituídos para disseminar a doutrina.

Defende-se que os espíritas oitocentistas articularam suas ideologias em redes de sociabilidade, que partilhavam de um ideário visto como progressista na

tentativa de compor um ideário formativo, ao passo que divulgavam as ideias iniciadas por Kardec. Assim, verifica-se a denominação de intelectuais e a função que ocuparam socialmente. A tarefa não é simples, pois em diversas pesquisas, que foram realizadas nas ciências humanas, são notadas as divergências na “[...] própria noção de intelectual, de contornos fluidos e que se transforma com o tempo, indicando dificuldades que se traduzem na impossibilidade de uma definição rígida” (GOMES, 1993, p. 64).

Na perspectiva de Gomes, os intelectuais são sujeitos que atuam na produção de “bens simbólicos” e expressam suas ideias na “arena política” (GOMES, 1993, p. 64-65). Esta forma de interpretar pode ser empregada nos estudos da imprensa brasileira, uma vez que pelas suas páginas é possível reconstruir a maneira pela qual os homens edificaram suas ideologias no meio político.

A imprensa oferece aproximações das ideias daqueles que ditavam os rumos da sociedade no momento em que foi escrita. Por isso, todo entendimento sobre a ideologia de um momento histórico deve ser precedido pela explicação de como os homens viviam, quais suas formas de sobrevivência e como se relacionam com o modo de produção em que se inserem<sup>3</sup>. A imprensa atua “[...] influenciando pessoas, comovendo grupos, mobilizando comunidades, dentro das contradições que marcam as sociedades [...] controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias em que existem” (MELO, 1994, p. 67).

É importante advertir que o conceito de ideologia será utilizado como categoria de análise, ao mesmo tempo em que serve de instrumento de investigação. Assim, as ideologias em redes de sociabilidade serão observadas a partir de modelos nos quais os intelectuais oitocentistas podem ser categorizados. Enquanto instrumento de investigação, as mesmas redes fornecem o repertório que cerca a conduta intelectual dos primeiros espíritas brasileiros. O conceito sugere sua revisão antes de se proceder a análise da imprensa espírita oitocentista.

---

<sup>3</sup> O modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo social, político e espiritual da vida, ou ainda mais em geral, que não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência (MARX, 1988, p. 11).

Pesquisadores brasileiros que trabalham com o tema, dentre eles Luciano Mendes de Faria Filho, Carla Simone Chamon e Marcilaine Soares Inácio atestam que o conceito de sociabilidade, “Como tema e instrumental teórico e metodológico [...] entraram definitivamente no campo da pesquisa histórica acadêmica com Maurice Agulhon” (FARIA FILHO; CHAMON; INACIO, 2009, p. 08).

Agulhon, no livro *Penitents et Francs-Maçons de l'ancienne Provence: essai sur la sociabilité méridionale*, estudou os interesses que estavam “[...] Por trás das grandes associações, irmandades ou alojamentos, mas sobre o mérito da sociabilidade geral”<sup>4</sup> (AGULHON, 1984, p. 212). Em sua pesquisa, o historiador analisou a sociabilidade das associações maçônicas e os interesses que uniam os seus integrantes em *confréries*. Para o autor, as confrarias e lojas maçônicas localizadas na região de Provença, na França, demarcavam uma forma de *sociabilité générale*.

A compreensão que Agulhon faz do conceito de sociabilidades a separa em dois tipos, as de caráter formais e as de caráter informais. As primeiras apresentam-se como confrarias, associações e outras instituições formalizadas. Já as informais, remontam às sociabilidades e as relações diversas, como reuniões, festas e outros (AGULHON, 1984).

Para delinear o que se entende por rede de sociabilidades, retomam-se estudos feitos por Angela de Castro Gomes (1993), Angela Alonso (2002; 2011) e Marcos Morel (2003)<sup>5</sup>. Os três autores utilizaram o conceito para análises sobre o século XIX. Similarmente, proporcionam abordagens direcionadas para a atuação dos intelectuais em ambientes diversos do segundo império, dentre eles, a imprensa. Em comum, os autores apontam para a origem contemporânea do

---

<sup>4</sup> No original: *Derrière les grandes associations du type confréries ou des loges, mais sur le même fond de sociabilité générale [...]* (AGULHON, 1984, p. 212).

<sup>5</sup> Para Fabíola Martins Bastos e Philipi Gomes Alves Pinheiro, “Os empreendedores dessa linha de pesquisa encontram-se representados por historiadores como Marco Morel (2005), nomeadamente em *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*, István Jancsó e Iris Kantor (2001), com a coletânea *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*, Mariza Carvalho Soares (2000) em *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*, e Marina de Mello e Souza (2006) com *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*, entre outras obras do gênero (BASTOS; PINHEIRO, 2012, p. 14, grifo do autor). Como se pode notar, acrescentei a lista de estudos citados por Bastos e Pinheiro, as obras de Angela Alonso (2002; 2011) e Angela Castro Gomes (2012). A opção pelas autoras se dá, sobretudo, por tratarem de questões relativas ao Brasil do século XIX.

assunto, percorrendo o percurso histórico em que as redes de sociabilidade passaram a ser utilizadas.

Ao defender-se a presença de formatos educativos nos intelectuais da imprensa espírita, alguns questionamentos são oportunos. Logo, quais características permitem classificá-los como intelectuais? Para além, qual a abrangência educativa da imprensa espírita ao ponto de a mesma ser utilizada como fonte para a História da Educação? Competia aos jornais e revistas espíritas participar do debate político, que estava em consonância com a formação da nação?

Para responder as questões é necessário o processo metodológico que ajusta categorias analíticas significativas para a interpretação do contexto, em que a imprensa espírita - assim como outros jornais temáticos: políticos, literários, religiosos - não deixou de lado o discurso sobre o progresso e a evolução da sociedade, tendo em vista que:

A perspectiva de classificar grupos distintos é complexa: um modelo muito rígido poderia mascarar as diferenças; em atitude oposta, a ausência de critérios levaria a uma particularização descritiva que não contribuiria para a análise pretendida. Uma das premissas fecundas é perceber que as associações não são sempre unifuncionais, mas que podem cumprir simultaneamente várias funções sociais. Isto é, trata-se de considerar as associações multifuncionais. As dimensões econômica, filantrópica, pedagógica, corporativa, política e cultural podem encontrar-se imbricadas numa mesma instituição. Entretanto, algumas referências marcam as especificidades de tais agrupamentos (MOREL, 2001, p. 05).

De maneira mais enfática, os trabalhos de Angela Alonso (2002; 2011) ao examinar a “Geração de 1870” revela como alguns segmentos do Brasil imperial atuaram por meio de debates que os uniam em redes. Contudo, existe uma problemática em se estudar esse tipo de sociabilidade. Dada a rigidez que o termo apresenta, torna-se complexo criar critérios que legitimem o que é uma “sociabilidade formal” e o que seria a “sociabilidade informal”. A problemática foi levantada pelo historiador Marco Morel (2005), no livro intitulado **As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)**.

Enquanto categoria de análise, o conceito de sociabilidades pode esclarecer a atuação de grupos que se uniam em torno de ideologias próprias, seja em instituições formalizadas para tal, ou então, em reuniões informais. Marco Morel assevera que os impressos organizaram-se enquanto um destes espaços privilegiados para circular as ideias dos intelectuais oitocentistas, as quais se formavam em contextos vindos de outros países. Em outro texto, Morel e Barros afirmam que a imprensa ocupava-se de transmitir as notícias vindas da Europa e dotava os intelectuais brasileiros, facilitando, ainda, a instauração de um “[...] espaço público de crítica, quando as opiniões publicizadas destacavam-se dos governos, que começa a instaurar-se a chamada *opinião pública* (MOREL; BARROS, 2003, p. 17, grifo do autor).

Na história da educação, no Brasil, tem sido observados exemplos de estudiosos, preocupados em retomar a história dos intelectuais e, sobretudo, utilizando a imprensa como meio auxiliar da educação. Nesse âmbito é que emergem as obras de Álvaro Santos Simões Júnior, Luiz Roberto Cairo, Cleide Antonia Rapucci, nomeadamente **Intelectuais e Imprensa: aspectos de uma complexa relação**; e o livro **Políticos, literatos, professoras e intelectuais o debate público** de Luciano Mendes de Faria Filho e Marcilaine Soares de Inácio. Ambos os livros foram publicados em 2009. No primeiro deles, o interesse dos organizadores foi reunir pesquisadores que “[...] avaliam como os periódicos sempre desempenharam um papel fundamental na divulgação de ideias, nas lutas políticas e literárias, na atuação político-social e na organização de grupos intelectuais” (SIMÕES JR; CAIRO; RAPUCCI, 2009, p. 10). Por sua vez, no segundo livro citado, a preocupação é com “[...] as trajetória dos intelectuais como ponto de partida, o que se busca são as experiências vividas no tempo sócio-histórico. Experiências essas que são constitutivas desses sujeitos, que são produtoras de identidades [...]” (FARIA FILHO; CHAMON; INÁCIO, 2009, p. 08).

Angela Alonso (2002; 2011) também utilizou a noção de redes de sociabilidade para analisar o movimento dos intelectuais. Segundo a autora, os homens da geração de 1870 utilizaram-se do repertório de ideias que floresceram em meio à conturbada política imperial. Ao compor a sua versão, Alonso pensou nas abordagens amparadas em ideias importadas e que não estavam focadas nas especificidades do país. A autora não descarta as ideologias que vieram com

o legado revolucionário da Europa ou de outros lugares, mas frisa que se adequaram à crise do império brasileiro.

Marco Morel ao abordar sobre o papel da imprensa em um período peculiar da história, a queda do absolutismo na França, adverte que o uso dos jornais pronunciava o anseio dos disseminadores das luzes, articulando os sujeitos para que praticassem o ideário que se elevava frente aos mandos do Antigo Regime. Logo, naquela conjuntura, a imprensa periódica foi empregada para expor as ideias dos “[...] sábios ilustrados e enciclopedistas, como sinônimo da soberania da razão, isto é, uma simbiose entre o reino da opinião e a república das letras” (MOREL, 2008, p. 33).

A imprensa tinha por interesse instruir uma nova mentalidade dentro dos princípios que requeriam mudanças em direção proveniente de um novo pensamento, com valores renovados, por uma burguesia em ascensão. E foi na imprensa que estes valores foram propagandeados e as mudanças defendidas. Logo, a imprensa servia, habilmente, aos interesses dos intelectuais, que nela se articularam, para disseminar suas ideologias.

A hegemonia buscada pelos espíritas brasileiros do século XIX, que fizeram uso da imprensa, era harmônica com os seus interesses políticos e partidários, porém, nem sempre condiziam com as crenças de cada um. Como será exposto adiante, as diretrizes que faziam parte dos princípios doutrinários da Doutrina Espírita servia às vontades do segmento que o acolheu, homens letrados do Império.

Portanto, o estudo sobre os intelectuais não está mais no ostracismo da historiografia. No caso dessa tese entende-se que os primeiros discursos da imprensa espírita brasileira serviram de estratégias para que os grupos de intelectuais adeptos do espiritismo pudessem divulgar suas ideias, que estavam plenamente adequadas ao ideário oitocentista. Estes intelectuais formavam uma rede de sociabilidade na imprensa.

### 2.2.2 As ideologias

Para que seja possível analisar as ideias que ocuparam os periódicos espíritas oitocentistas e conformaram sociabilidades em torno dos intelectuais adeptos do espiritismo, é necessário apresentar o universo ideológico que surgiu, no século XIX, e que penetrou na imprensa. Assim, recorre-se a concepções defendidas por estudiosos que analisaram o período e que fornecem parte do referencial teórico com que se avalia a imprensa espírita brasileira.

Diversas foram as ideologias oitocentistas, contudo, as que estiveram na base da imprensa espírita, notoriamente, são as que se depreendem do legado cientificista, que respaldava o modelo de progresso das correntes e tendências, que declaravam os novos métodos para o entendimento da realidade. Essas tendências surgiram em meio às mudanças do “longo século XIX”. O período é assim tratado pelo historiador inglês, Eric Hobsbawm (2010; 2011), que ao analisar os anos que se estendem da Revolução Francesa até a Primeira Guerra Mundial, já no século XX, expõe episódios que deixaram marcas indeléveis no mundo ocidental, a exemplo da nova organização econômica que transformou o capitalismo mercantil em capitalismo industrial.

Naquele contexto, a ciência era a responsável por subsidiar as transformações materiais, consentindo com o modo de produção que surgia, oferecendo os requisitos técnicos para suprir a indústria. Nas palavras de Hobsbawm: “Foi o período no qual o mundo se tornou capitalista e uma minoria significativa de países ‘desenvolvidos’ transformou-se em economias industriais” (HOBBSAWM, 2011, p. 60).

A sociedade industrial européia insistia em produzir, cada vez mais, para atender aos interesses do capital. Criava-se então, uma certeza entre os contemporâneos do período, a de que a ciência deveria presidir o progresso, impulsionando a técnica. Neste sentido, a vida social passou a depender do conhecimento científico em seu cotidiano.

A dependência que o século XIX passou a ter da ciência também foi explicitada pelo filósofo alemão, Jürgen Habermas. Segundo ele, a sociedade capitalista ficou restrita à égide do progresso científico, o qual operacionalizou as

ações humanas e serviu de guia para organizar os discursos ideológicos. O autor assevera que as ideologias científicas defendiam o conhecimento técnico em detrimento do conhecimento teórico, consolidando um “[...] saber empírico-analítico e, por conseguinte, um saber prognóstico possível. Sem dúvida, o sentido de tais prognósticos, a saber, a sua viabilidade técnica, deriva exclusivamente de regras segundo as quais aplicamos as teorias à realidade” (HABERMAS, 2009, p. 137).

Para os sujeitos, que vivenciaram o período, a ciência era algo palpável, dado como a análise do visível e sensível. Toda e qualquer ciência que não fosse fundamentada na observação estava comprometida e poderia não frutificar conforme era esperado. Para que esse modelo resistisse, ele sustentou-se na sociedade do progresso, alicerçada pela industrialização. Reafirmou-se assim, que a ciência se aplicava às concepções da época e todos deveriam estudar e praticá-la. Logo:

No século XIX, podia sustentar-se a idéia de que as ciências penetram na práxis vital por dois canais distintos: em primeiro lugar, através da utilização técnica das informações científicas e, em seguida, mediante os processos de formação individual do estudo das ciências (HABERMAS, 2009, p. 97).

As explicações dadas por Habermas não fogem aos desígnios da sociedade industrial, conforme a análise de Hobsbawm. De acordo com este último autor, a relação entre ciência e industrialização marcou os países europeus, sobretudo a França e a Inglaterra, os quais exemplificam as transformações que acarretaram na constituição da economia industrial em oposição à economia comercial, processo ocorrido na transição do século XVIII para o século XIX. Porém, Hobsbawm ressalva que as mudanças não ficaram restritas aos dois países, mas avançaram pela Europa Ocidental e para os Estados Unidos (HOBBSAWM, 2001).

Em sua análise, o autor destaca que o desenvolvimento econômico também se processou nas mudanças políticas, especialmente nas concepções monárquicas, inconciliáveis com o advento de camadas burguesas surgidas nas cidades, as quais se expandiram com a intensificação da urbanização. Na França, por exemplo, a burguesia buscava assegurar o espólio da Revolução Francesa,



persistindo na manutenção dos ideais abstratos de liberdade, igualdade e fraternidade. E, não haveria outra maneira de atender aos anseios dos grupos burgueses se não por meio do ideário cientificista. Todavia, o sistema de ideias não era restrito ao território francês, incidiam em outros cantos da Europa e encontravam força, em discursos, que transpunham as fronteiras européias.

Ao contrapor as ideias francesas e inglesas, Hobsbawm é enfático ao afirmar que a Revolução Industrial não foi a responsável direta pelas ideias científicas e tecnológicas dominantes no período. Contrariamente, a ciência e a tecnologia relacionavam-se mais com o contexto francês do que com a conformação britânica:

O aumento das forças produtivas institucionalizado pelo progresso técnico-científico faz explodir todas as proporções históricas. Daí tira o enquadramento institucional as suas oportunidades de legitimação. O pensamento de que as relações de produção pudessem medir-se pelo potencial das forças produtivas desenvolvidas fica cerceado pelo fato de que as relações de produção existentes se apresentam como a forma de organização tecnicamente necessária a uma sociedade racionalizada (HOBSBAWM, 2011, p. 48)

A partir da análise de Hobsbawm e Habermas pode-se afirmar que o papel da sociedade europeia, na configuração de ideologias, assumiu escalas expressivas no século XIX, que faz alguns pesquisadores do período a designá-la como uma sociedade empreendedora, da qual emanavam as ideias que renovavam a forma de pensar. Exemplo disso pode ser constatado em Carlos Augusto de Proença Rosa, ao afirmar que:

[...] Sob qualquer ângulo que se examine o processo evolutivo dos países da Europa no século XIX, é patente a grande transformação havida, que, por sua vez, estabeleceria, no curto prazo de alguns decênios, uma sociedade dinâmica, empreendedora, criativa, industrial, **confiante na Ciência e crente no Progresso** (PROENÇA ROSA, 2012, p. 15, grifo nosso).

O argumento de Proença Rosa está explicitado no conjunto de livros que levam o título de *História da Ciência*, principalmente no volume II, que intitulou de **O pensamento científico e a ciência no Século XIX**. Para o autor, o discurso científico alcançou diversas partes, rompendo fronteiras. Essa ideia considera a

divulgação das ideologias científicas nos países que se inspiravam no modelo europeu para traçar seu desenvolvimento científico. O autor explica que:

As realizações decorrentes das profundas transformações da Sociedade européia, admiradas por todos, se imporiam, gradualmente, a todas as culturas e a todos os povos dos demais continentes, dependentes, em escalas diferentes, do grande poder político, econômico e militar das potências européias (PROENÇA ROSA, 2012, p. 15).

No caso do Brasil, o período foi responsável pela vinda de várias instituições que começaram a divulgar a ciência na perspectiva moderna. Essa concepção de ciência é própria de um período, em que as condições de vida deveriam ser melhoradas pelo avanço da indústria.

Entretanto, o desenvolvimento econômico conferia a atitude de repensar o próprio progresso, visando que outras gerações pudessem ter acesso aos benefícios da ciência. Os homens passavam a pensar que as mudanças deveriam ser uma constante, sendo que o melhoramento das condições de vida sempre seria melhor em períodos futuros. É o que apresenta Marcília Rosa Periotto ao afirmar que:

[...] as significativas conquistas empreendidas ao longo da existência humana em nome de melhores condições de vida, teria proporcionado contínuo aperfeiçoamento do homem, definindo-lhe principalmente a sua humanidade, mas também desenvolvendo-lhe a ideia de estar instintivamente ligado a um processo regenerativo onde, em gerações sucedâneas, sua natureza seria acrescida daqueles elementos faltantes nas vidas anteriores, embora fossem os mesmos desde o início. A aceitação da ideia de o homem estar em perpétuo processo de aprimoramento, mas não obedecendo a um movimento contínuo, pode ser notada em pensadores das mais diferentes épocas históricas (PERIOTTO, 2001, p. 68)

A análise de Periotto indica uma visão histórica sobre o progresso. A autora ressalta que os homens sempre tentaram melhorar seu modo de viver. Esta forma de pensar condiz com o entendimento das questões materiais que se levantaram após as Revoluções do século XIX. Contudo, ela também aponta outras concepções, a exemplo do progresso. Vale destacar que o progresso seria utilizado em múltiplas acepções e com pensadores diferentes. As estratégias de divulgação do progresso também eram variadas, a exemplo do espiritismo

brasileiro, que em nome do progresso para o país criaram o seu modelo de imprensa.

O ideário progressista acomodava-se, em correntes de pensamento, que patenteavam a conjuntura em que seus idealizadores participavam. Desse modo, no que concerne ao século XIX, podem ser aludidos o Darwinismo social vinculado às ideias correntes na Inglaterra; o Positivismo, ao contexto da França; o Marxismo, ao cenário alemão, além, é claro, do espiritismo kardecista, também vinculado ao cenário francês.

Toda essa conjuntura derivava dos ideais divulgados por concepções que se intitulavam científicas. Paolo Rossi, ao expor sobre a imagem da ciência que assoalhava a época, apresenta indícios para a compreensão da noção de progresso. A ciência era entendida como a via adequada para o progresso das civilizações ocidentais. A lógica, induzida pela ciência, apontava para um eterno *continuum* das melhorias materiais.

A imagem da ciência a que agora nos referimos - e que se tornou algo de óbvio na época moderna - tem suas origens históricas precisas. Como já foi salientado tantas vezes, ela está ausente nas chamadas culturas primitivas,, nas grandes concepções do Oriente, na antiguidade clássica e na escolástica medieval. Ela vem à luz na Europa, entre a metade do século XVI e o fim do século XVIII, como o mais típico produto da civilização ocidental moderna (ROSSI, 2000, p. 47-48).

O que se evidencia nas palavras de Rossi é que, para o progresso acontecer era imperativo que a ciência o viabilizasse. Contudo, não era qualquer ciência, mas sim a ciência moderna, de cunho empírico e observacional, que para as tendências científicas da época, geraria o avanço da sociedade pelas vias propiciadas pelo capitalismo.

Na mesma perspectiva, Periotto diz que a ideia de progresso tinha sido moldada por várias teorias, as quais apresentavam “linhas gerais” de interpretação. Em sua trajetória, o progresso foi explanado na filosofia e nas teorias sobre o próprio caminhar da história, que andava sempre para frente, mas sem deixar de lado os interesses pautados nas relações de produção burguesas.

Discutir o trajeto histórico da ideia de progresso ou mesmo estabelecer em linhas gerais o seu caminhar exige, a princípio,

que a questão seja tomada na sua verdadeira dimensão. É correto afirmar que ela estivesse, de certa forma, contida nas inúmeras teorias acerca da história humana ou nas contendas de estudos filosóficos que se propuseram a explicar o mundo dos homens. No entanto, não se pode esquecer que foi sob a luta pelo desenvolvimento das relações burguesas que ela melhor se definiu e tomou corpo. Corresponde, portanto, a um estágio determinado deste desenvolvimento, e só no seu interior encontraremos a explicação para sua existência tal como foi entendida pelo homem (PERIOTTO, 2001, p. 78).

Os articulistas da imprensa espírita brasileira também divulgavam a noção de progresso. Eles se prenderam às questões ditas científicas e filosóficas, perpassando ainda a problemática religiosa. Independente dos objetivos pretendidos imprensa espírita, as pesquisas que se detiveram no espiritismo reconhecem a inviabilidade de tratar do assunto sem atribuir a Allan Kardec a sistematização dos princípios científicistas da doutrina.

Entretanto, antes mesmo de Kardec lançar as obras que expunham suas concepções, já circulavam textos que tentavam assegurar a existência de espíritos evoluídos e que haviam progredido. O progresso empreendido, pela ciência moderna, previa avanços apenas materiais e descartava tudo aquilo que não fosse sensível, ou ainda, que não pudesse ser experimentado, testado e observado. Contraditoriamente, nesse escopo o espiritismo se lançou, porém seria incoerente estabelecer vínculos diretos para afirmar ser o espiritismo decorrente da ciência moderna. Entretanto, foi justamente nesse ponto que Kardec investiu ao diferenciar sua doutrina das demais ideologias científicas de seu tempo.

Célia das Graças Arribas (2010), ao tencionar responder se “o espiritismo é religião”, mostra que era corrente no cenário europeu a presença de perspectivas espiritualistas, que acreditavam na possibilidade de uma ciência experimental sem advogar a existência dos espíritos. Para tal interpretação, Arribas (2010) recorre ao *O Livro dos Espíritos*. Seguindo o mesmo empreendimento da autora, pode ser averiguada a diferenciação entre espiritualismo e espiritismo feita por de Kardec ao mencionar que:

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os

vocábulos *espírita*, *espírita*, *espírita* têm acepção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos [...] (KARDEC, 2004, p. 15).

A maneira instrutiva com que Kardec expôs as distinções entre sua ciência e a que já estava em voga é singular para compreender que o codificador do espiritismo tinha em mente a existência do mundo dos espíritos e não aceitava apenas as manifestações alheias à realidade física, ou materialista. Neste sentido ele afiançou que:

Com efeito, o espiritismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espírita. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espírita*, *espírita*, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos *espírita* e *espírita*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo *espírita* a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina *espírita* ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritos*, ou, se quiserem, os *espíritos* (KARDEC, 2004, p. 15-16).

Por meio da explicação de Kardec, é possível entrever que os espíritos deveriam pensar em uma ciência que se diferenciava das tendências existentes. Inversamente, emprestava delas a noção de ciência como redentora do progresso. E é esse um dos pontos que o aproxima dos demais modelos científicos. Para o espiritismo kardecista, o progresso, mesmo que pensado para o mundo dos espíritos, poderia fazer os homens evoluírem quando pusessem em prática a moral e a caridade.

Estas ideias são encontradas nas páginas da imprensa espírita, as quais pretendiam indicar o rumo a seguir. As páginas dos periódicos espíritos oitocentistas aderiam, estrategicamente, ao modelo pedagógico que queria formar os indivíduos para os fins do Império. Os intelectuais que dela se apropriaram compreendiam que as ideologias do tempo em que viviam, eram as que deveriam ser publicadas para que espiritismo alcançasse seguidores num país com as características do Brasil oitocentista.

### 2.3 A imprensa espírita nas produções acadêmicas

O interesse pelo espiritismo tem aparecido, com frequência, em publicações que tratam sobre temas que vão desde a autoajuda até cartas psicografadas, que almejam expor “ensinamentos sobre a vida além do túmulo”<sup>6</sup> (LEWGOY, 2000, p. 25). O interesse pela temática espírita também está presente em dissertações e teses de pós-graduação *stricto sensu* das mais diversas áreas. Entre os anos de 1982 e 2009 foram contabilizados 171 trabalhos. Deste montante, 130 foram defendidos em cursos das Ciências Humanas, porém, em outras áreas do conhecimento, como nas Ciências da Saúde, também se percebe a emergência de estudos que focalizam a doutrina kardecista.

As análises sobre o espiritismo, na área da Educação, ainda são tímidas. No levantamento realizado por Thiago Paz Albuquerque (2010), apenas 18 trabalhos tratam de assuntos correlatos a alguma perspectiva da Educação. Por outro lado, as Ciências da Religião saem à frente com 28 produções acadêmicas.

Ressalta-se, ainda, que as pesquisas que tem por tema o espiritismo brasileiro tendem a partir para conjunturas temporais mais contemporâneas, principalmente, sobre o legado do médium mineiro, Chico Xavier, ou dos trabalhos de nomes que circunscrevem a doutrina, como José Herculano Pires, Divaldo Pereira Franco, Anália Franco e outros (LEWGOY, 2002; ALBUQUERQUE, 2010).

Ainda que o maior número de trabalhos parta do espiritismo contemporâneo, não se pode negar que eles recuperam o legado do século XIX, porém, poucos se atêm a conjuntura histórica, e menor ainda é o número das investigações que tentam alguma aproximação entre o espiritismo oitocentista e as questões políticas, econômicas e sociais da época. A qualidade de pesquisas é ainda menor, quando considerados os trabalhos que se voltam para os jornais e revistas, que iniciaram a disseminação da Doutrina Espírita no Brasil.

Na área da História da Educação, as pesquisas com os periódicos espíritas são pouco representativas, diferentemente das pesquisas que versam sobre o

---

<sup>6</sup> Sobre o mercado editorial espírita sugere-se a leitura do trabalho de Bernardo Lewgoy, publicado na *Revista Ciência e Religião* de Outubro (2004). O artigo é intitulado **O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos**.

século XIX e usam como fontes primárias os periódicos literários, políticos e, os de configuração notoriamente pedagógica.

Por ter sido inaugurada em um momento singular da história do país, quando parcela dos intelectuais se unia para defender o republicanismo, a imprensa espírita deixou-se levar por esses discursos. Sem dúvida, é possível encontrar, em suas páginas, o registro de como os intelectuais, adeptos do espiritismo, publicaram pela palavra impressa o debate entre ciência, filosofia e fé. Contudo, como sugere o historiador Fábio Luiz da Silva, em razão de “[...] certo preconceito por tratar de questões que não eram propriamente condizentes com a tradição católica e conservadora”, a imprensa espírita não foi tomada pelas investigações acadêmicas (SILVA, 2005, p. 19).

Assim, foram analisadas algumas dissertações e teses que apresentaram o estado da arte das pesquisas, cujo tema é o espiritismo e a Doutrina Espírita<sup>7</sup>. O levantamento contou com o auxílio da pesquisa realizada por Albuquerque (2010) e que aponta, cronologicamente, a dissertação de mestrado de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, como sendo o primeiro trabalho com a temática espírita. A dissertação foi defendida no mestrado em Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1982. Intitulada de **O Mundo Invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**, é vista como um marco das pesquisas acadêmicas sobre o espiritismo<sup>8</sup>.

Cavalcanti aborda os princípios doutrinários do espiritismo, afirmando que ele é constituído por processos ritualísticos realizados em sessões, que ficaram conhecidas como reuniões de estudos e que seguem uma dinâmica própria. A autora explica que:

Toda sessão espírita tem um dirigente. Nas reuniões em questão o dirigente é encarregado do comando da passagem entre os diferentes momentos rituais, e da formulação das preces. Além desse personagem emerge nessas reuniões como central a figura do *expositor*. Dirigente e expositor sentam-se numa pequena

---

<sup>7</sup> As dissertações e teses utilizadas avançam em tempo e espaço, quando comparadas com os marcos do presente estudo, ou seja, não estão circunscritas ao século XIX, porém, ao apresentarem o discurso do espiritismo, retomam a historicidade da Doutrina Espírita.

<sup>8</sup> Partiu-se da ordem cronológica que consta no levantamento feito por Tiago Paz e Albuquerque, publicado, em 2010, no Caderno de Resumos intitulado: **O espiritismo em teses e dissertações (1982-2009)**.

mesa em frente do público. Sobre a mesa ficam um microfone e os livros de referência. Atrás e um pouco à esquerda há um quadro-negro. Acesas as luzes, após a prece que conclui a *preparação do ambiente*, inicia-se o *estudo*. O expositor lê um trecho previamente selecionado de alguma obra da codificação (geralmente *LE*, *LM*, *ESE*). Terminada a leitura, o texto é retomado verbalmente, explicitado com recurso ao quadro-negro (CAVALCANTI, 1983, p. 53).

A questão debatida por Cavalcanti é essencial para a inclusão do espiritismo na condição das demais denominações religiosas. A autora estabelece paralelos entre as reuniões de estudos espíritas e os rituais praticados em outras religiões, evidenciando que existe, na Doutrina Espírita, toda uma liturgia e dirigentes, similar ao que ocorre em crenças que possuem padres, pastores e mentores. No caso da religião espírita, a liturgia é firmada nas obras kardecistas. O ritual é marcado por reuniões de estudos formais, com uma pessoa responsável por conduzir o acesso ao conhecimento.

Até a realização da pesquisa de Cavalcanti, outros estudos que analisaram o espiritismo já haviam sido realizados, mas possuíam filiações doutrinárias, ou ainda, não alcançaram repercussão acadêmica. Após a dissertação da pesquisadora, emergiram novos trabalhos com conotação acadêmica, afastando-se do crivo doutrinário (ALBUQUERQUE, 2010).

Em 1993<sup>9</sup>, Magali Oliveira Fernandes contribuiu para os estudos sobre o espiritismo com a defesa da dissertação de Mestrado intitulada: **Luiz Olímpio Teles de Menezes: os primeiros momentos da edição kardecista no Brasil**, defendida na área de Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica-PUC de São Paulo. A pesquisa, realizada por Fernandes, trata do início das publicações que se afirmavam espíritas no Brasil.

Em seus estudos, a autora apresenta a conjuntura histórica que confluía para que Luiz Olímpio Teles de Menezes tivesse o ímpeto inicial para publicar o primeiro periódico a expor o pensamento de Kardec em um país católico, por tradição e obrigatoriedade.

---

<sup>9</sup> O salto temporal entre a pesquisa de Cavalcanti (1982) e a dissertação de Fernandes (1993) não implica na ausência de outros trabalhos acadêmicos que abarcaram o espiritismo. A escolha por não citar os demais trabalhos dessa época deve-se a seleção de dissertações e teses que foi feita para esta pesquisa. A seleção se deteve em investigações que, de algum modo, apresentam relação com a educação, com a imprensa espírita, e com o século XIX.



A dissertação de Magali Oliveira Fernandes foi publicada em livro, no ano de 2003, pela Editora Mandacarú de São Paulo, com o título: **Vozes do Céu: os primeiros momentos do impresso espírita kardecista no Brasil**. A obra assume particular importância ao mostrar o percurso do espiritismo nos finais dos anos de 1860. Além disso, a pesquisa trata das questões ideológicas presentes em Teles de Menezes e seu jornal *O Écho d'Além Túmulo*.

O uso do livro de Fernandes auxiliou a fundamentar umas das ideias da presente tese, que é a presença das ideologias progressistas e cientificistas dos intelectuais, do século XIX, que iniciaram a publicação dos periódicos da imprensa espírita brasileira. Ao citar os objetivos do precursor do jornalismo espírita no Brasil, Fernandes expõe os interesses que o moveram. Segundo a autora:

Na tentativa de concatenar conhecimento científico e religiosidade, de maneira profética e eloquente, Luiz Olímpio explanava seu desejo pelo saber universal relacionado à moral cristã, acreditando, numa perspectiva progressista, que somente a instrução e a reforma íntima do ser eliminariam a ignorância e o sofrimento humano neste mundo (FERNANDES, 2013, p. 38).

A trajetória do espiritismo aparece ainda na dissertação do cientista social Emerson Alessandro Giumbelli (1995), apresentada ao Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A dissertação tem por título: **O cuidado dos mortos: discursos e intervenções sobre o espiritismo e a trajetória da Federação Espírita Brasileira (1890-1950)**. Diferentemente de Fernandes, o interesse de Giumbelli foi contar a história do espiritismo, no período subsequente à sua consolidação, quando os seguidores da doutrina criaram os primeiros centros espíritas e fundaram a Federação Espírita do Brasil - FEB, em 1º de janeiro de 1884, na cidade do Rio de Janeiro.

Para o autor, a Doutrina Espírita era vista como uma oportunidade de atualização dos intelectuais a partir das ideias que ambicionavam modernizar as relações conservadoras do Império. Giumbelli aponta que muitos adeptos do espiritismo enxergavam na doutrina a possibilidade de continuar praticando o catolicismo, enquanto a religião que professavam, mas que ao mesmo tempo, poderiam participar de reuniões de estudos espíritas, afirmando apenas vínculo

com a vertente científica. Ou seja, não se desfaziam de suas crenças religiosas, mas atualizavam suas convicções ditas científicas.

O interesse em estudar a instalação e o desenvolvimento do espiritismo no Brasil, também foi analisado por Sandra Jaqueline Stoll que, em 1999, defendeu sua tese na área de Antropologia Social na Universidade de São Paulo com o título de **Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil**.

A pesquisadora evidencia a inserção dos princípios doutrinários de Kardec, considerando o cenário brasileiro daquele século, que foi receptivo às ideias francesas. Todavia, a autora afirma que outras concepções foram constituídas no Brasil, revelando o que Stoll chamou de “espiritismo à brasileira”, que privilegiava mais as perspectivas religiosas que as científicas e filosóficas.

A abordagem de Stoll traz uma análise temporal, que percorre o século XIX até períodos mais recentes, quando o Brasil passou a ser apontado como o país que tinha o maior número de espíritas declarados no mundo. A autora atribui o fato à popularização que a doutrina ganhou com nomes notórios, como Francisco de Paula Cândido Xavier, ou Chico Xavier, e Luiz Antonio Gasparetto. Segundo a autora, estes divulgadores da Doutrina Espírita atuaram em várias frentes, como na mídia e em palestras que auxiliaram na divulgação e propagação das ideias iniciadas por Kardec em meados do século XIX.

Voltando para trabalhos na área da Educação, a pesquisa de autoria de Cezar Braga Said recebeu o título de **Escola Espírita Joanna de Ângelis: uma experiência educacional à luz do Espiritismo**. Exemplarmente, destaca-se como defesa do primeiro trabalho na área da Educação que também foi apresentado a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1998. O objetivo de Said foi o estudo de caso de uma escola confessional espírita, que seguia uma pedagogia pautada nas noções de solidariedade e caridade. Este tipo de abordagem objetiva instituir a possibilidade de se fazer educação formal, inspirada nas acepções espíritas.

O trabalho de Said está inserido em uma gama de pesquisas na área da Educação, que passaram a analisar as instituições educativas, que se afirmavam seguidores dos princípios kardecistas<sup>10</sup>. São pesquisas que vislumbram modelos

---

<sup>10</sup> Alguns trabalhos que avaliam os princípios espíritas empregados a processos educativos formais, ou seja, realizados em escolas e instituições formais, são: CASTRO, M. L. C. S. **A**

pedagógicos originários dos princípios que compõem a Doutrina Espírita. Assim, avaliavam a presença de ideias de caridade, progresso, civilização, evolução e solidariedade.

Estas pesquisas foram significativas para a presente tese, pois auxiliaram a compor o conjunto de princípios educativos atribuídos aos simpatizantes do espiritismo. De outro modo, oferecem dados sobre a genealogia da Doutrina Espírita e, como a mesma é empregada em sistemas de ensino e aprendizagem. Com o objetivo de estudar as concepções de educação, que regem a “Pedagogia Espírita” e que possam ser viáveis para planejar e nortear as relações de ensino aprendizagem, Dora Alice Colombo Incontri (2001) realizou a pesquisa, **Pedagogia Espírita, um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. A pesquisadora defende a tese de que existem ações educativas capazes de fundamentar pedagogias formais estabelecidas em conceitos de moralidade e caridade. Segundo Incontri (2001), é possível na contemporaneidade compor tendências educativas que tenham as origens nos conhecimentos deixados por Allan Kardec.

Assim, nenhum dos pensadores que têm concorrido para a sua elaboração, nem eu mesma, pensamos que a Pedagogia Espírita deva se impor como modelo absoluto de uma nova educação. Mas o que se pretende é demonstrar a validade e a consistência desta Pedagogia, sistematizá-la ao alcance de espíritas e não-espíritas e permitir que ela exerça a influência benéfica, que pode exercer, neste momento de perplexidades históricas (INCONTRI, 2001, p. 53).

As ideias espíritas, elaboradas no período em que Allan Kardec iniciou a observação dos fenômenos atribuídos aos espíritos, não eram contrárias à moralidade vigente no Brasil. As características intelectualizadas, sobretudo, da escrita e da oralidade dos espíritas brasileiros é o tema da tese de Bernardo Lewgoy, que foi defendida, em 2000, no programa de Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Na tese intitulada **Os Espíritas e as Letras: um**

---

**educação da alma: o trabalho voluntário na CEA-AMIC: “Onde está teu coração, está teu tesouro” – um estudo de caso**, (2002); RAMOS, AZEVEDO, A. R. **Abrigos para a infância no Brasil: por que, quando e como os espíritas entraram nessa história?** (2006); SILVA, C. R. **Práticas educativas no Movimento Espírita: um estudo sobre a Casa da Vovozinha** (2006). GONÇALVES, N. L. P. **Educação e espiritismo: o Centro Espírita Obreiros do Senhor (CEOS) e a Instituição Assistencial MEIMEI (IAM)**, (2008).

**estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**, Lewgoy defende que as narrativas espíritas seguem padrões peculiares da cultura letrada e erudita, revelando os grupos sociais dos quais descendem seus autores. O autor realizou ainda uma pesquisa de campo com o objetivo de analisar as falas de espíritas brasileiros como Chico Xavier. A conclusão de Lewgoy é a de que existe:

[...] todo um conjunto de relações necessárias, todo um conjunto de importantes relações entre espiritismo kardecista e cultura letrada, que funcionam como a principal chave de análise de sua especificidade no âmbito das religiosidades contemporâneas e como tal vividas por segmentos particulares da sociedade brasileira ao longo do período histórico em que se consolida neste país (LEWGOY, 2000, p. 336).

Mesmo aderindo à cultura letrada, a difusão do espiritismo não foi sem resistência, eis uma das conclusões apontadas pelo sociólogo Paulo César da Conceição Fernandes na dissertação de mestrado, que levou o título de: **As origens do espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914)**. A dissertação de Fernandes foi apresentada, em 2008, ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. Nela, o pesquisador aborda os anos em que a Doutrina Espírita mais se alastrou pelo país, levando ideias muito mais religiosas, desvinculando-se da necessidade de se confirmar enquanto ciência.

Em sua dissertação, Fernandes (2008) demonstra que, mesmo havendo aproximações entre o escopo religioso do espiritismo e algumas crenças religiosas existentes no Brasil, o processo de instauração da doutrina teve que transpor barreiras decorrentes da tradição católica, que imperava no país.

Também em 2008, a socióloga Célia das Graças Arribas (2008) apresentou ao mestrado de Sociologia da Universidade de São Paulo a dissertação: **Afinal, espiritismo é religião? A Doutrina Espírita na formação da diversidade religiosa brasileira**. A pesquisadora analisou a produção intelectual dos defensores do espiritismo, no século XIX, delineando as lutas que foram travadas para que a perspectiva religiosa da Doutrina Espírita fosse aceita. Na dissertação, Arribas conclui que a utilização simbólica e doutrinária, como a reencarnação e a

evolução da alma, fizeram com que o espiritismo tivesse mais dificuldades para estar dentro do campo religioso do que na esfera científica.

No ano 2010, Daniel Simões do Valle apresentou ao Mestrado em História da Universidade Federal Fluminense, a dissertação: **Intelectuais, espíritas e abolição da escravidão: os projetos de reforma na imprensa espírita (1867-1888)**. A pesquisa realizada, em periódicos oitocentistas, discute o posicionamento dos intelectuais da imprensa espírita brasileira em relação ao movimento abolicionista. A metodologia do autor também se volta para a noção de redes de sociabilidade, em que o autor verifica os discursos de espíritas com ilustre participação na Corte do Rio de Janeiro. Em comum, apresentavam posição contrária à abolição.

Antes mesmo dessa intensificação do debate sobre abolição e da conversão ao espiritismo, os nossos três personagens – Adolfo Bezerra de Menezes, Francisco Leite Bittencourt Sampaio e Antonio da Silva Neto – tinham assumido uma postura contrária à escravidão. É bem provável que não fossem os únicos entre os adeptos do espiritismo. Eram posicionamentos individuais, que a princípio não tinham relação com sua condição de espíritas, pois foram adotados antes da conversão. No entanto, as convicções desses espíritas influenciaram na construção de um discurso espírita sobre a abolição da escravidão. [...] É através da imprensa espírita que podemos observar como esses intelectuais se pronunciaram em relação à abolição da escravidão na condição de espíritas (VALLE, 2010, 124).

As monografias, dissertações e teses citadas foram apresentadas em programas de pós-graduação em linhas variadas, como por exemplo, na área de Ciências Sociais, História e Educação. Em sua maioria, as análises aliam o discurso doutrinário do espiritismo com questões presentes em momentos específicos da história do Brasil, ou ainda, buscam analisar e interpretar as características próprias da doutrina surgidas na França do século XIX.

Do mais, as pesquisas com a imprensa espírita brasileira demonstram um empenho em analisar a contribuição dos jornais e revistas espíritas na disseminação da doutrina kardecista do que propriamente examinar questões adversas, implícitas nesses periódicos. Ainda que já tenha sido informado, é importante destacar que, nem todas as pesquisas que se detiveram no espiritismo brasileiro oitocentista, partem da análise da imprensa espírita enquanto um

objeto. Outras abordagens se detiveram no legado kardecista deixado pelos *Livros da Codificação*, buscando aproximações entre a conjuntura vivenciada por Allan Kardec e o contexto político e social vivenciado no Império do Brasil.

Em nossa análise, há o entendimento de que a doutrina kardecista foi consolidada, no Brasil, com o auxílio da imprensa espírita que, por sua vez, tracejou princípios formativos pautados em um discurso moralizante e cientificista. Partindo de tal convicção, nossa análise delinea a imprensa espírita enquanto problematizadora das questões que estavam em voga na época em que foi publicada, sendo assim, relacionava-se com um modelo de educar que tentava instruir os sujeitos, principalmente os adeptos de ideias progressistas, sem que eles, necessariamente, adentrassem as instituições formais de ensino.

### 3 O ESPIRITISMO KARDECISTA ENTRE A CIÊNCIA, A FILOSOFIA E RELIGIÃO

Reescrever a história do Espiritismo Kardecista é uma tarefa que já foi executada em pesquisas com objetivos distintos, porém, as especificidades da Doutrina Espírita permitem que suas características sejam tratadas para enquadrá-la dentre as tendências ideológicas, que emergiram no século XIX. Assim, esta seção pretende contextualizar o movimento que deu origem ao espiritismo, a partir da análise das condições históricas do período e como elas interferiram na constituição do repertório de ideias que atraíram os intelectuais da época.

Serão expostos os episódios que estão na origem do que se convencionou chamar de *comunicação espiritual*. Neste ponto, duas problemáticas devem ser clarificadas: a primeira delas se refere a episódios conferidos a “forças invisíveis” e “sobrenaturais” que abalaram a cidade de Hydesville, nos Estados Unidos, em 1848, quando a família Fox alegou a incidência de forças procedentes de objetos que emitiam comunicados indecifráveis. A segunda problemática se dá na configuração de como estes fenômenos foram interpretados pela ideologia científica, que contestava a experiência com fenômenos que não pudessem ser observados pela ciência positiva.

Feita a discussão sobre os episódios iniciais que fundamentam o espiritismo, enfatiza-se a atuação de Allan Kardec na articulação das ideias que deram origem a Doutrina Espírita, que resultou na publicação dos livros da codificação, os quais contemplam o escopo doutrinário e as premissas ideológicas do kardecismo.

Todo esse percurso justifica-se para apreender o repertório de ideias vinculadas pelo espiritismo e introduzidas nas páginas da imprensa espírita brasileira. A finalidade é defender que, os jornais que surgiram, no Brasil, eram impregnados das inovações emergidas no século XIX, determinando modelos formativos que eram partidários da conjuntura em vigência.

### 3.1 O espiritismo e suas origens

As tendências ideológicas que apregoavam o vínculo entre ciência, filosofia e religião foram recorrentes em “Algumas doutrinas religiosas surgidas na Europa à época passaram a reivindicar o estatuto da ciência” (STOLL, 2004, p. 34). As articulações entre as vertentes que alicerçam o espiritismo não eram inusitadas para um século repleto das novidades vindas das descobertas do racionalismo e do empirismo, tendências nominadas como científico-filosóficas, que se edificavam desde o início da modernidade.

O período concretizou os princípios inaugurados pelo Renascimento e que foram aperfeiçoados posteriormente, desenvolvendo-se na ciência experimental, responsável por dar explicações sobre os fenômenos que regem o mundo por meio da observação e dos testes empíricos (PROENÇA ROSA, 2012). O espiritismo obedeceu a esse legado.

A conjuntura era sustentada por uma visão de processo civilizatório, que encontrou seu ápice nos argumentos do progresso técnico, subsidiando a sociedade capitalista. Naquele contexto, o misticismo cedia lugar ao empirismo e a religiosidade era questionada pelas ideologias científicas. Desse modo, como entender o surgimento de ideias que tentavam explicar o mundo invisível? A resposta só poderia ser uma: por meio da racionalização do sobrenatural (AUBRÉE; LAPLATINE, 2009).

As ideologias que se intitulavam científicas e filosóficas e que compartilham suas premissas com o espiritismo kardecista aderiam a pressupostos diversos, conhecidos como “[...] idealismo, positivismo, espiritualismo, mesmerismo, magnetismo, naturalismo, entre outras, [que] são palavras-chave que irão ter uma relação marcante na formação da doutrina espírita” (FERNANDES, 2008, p. 35).

Surgiram pesquisas sobre fenômenos que não seguiam a lógica observacional, apontando para a existência de fatos que não tinham um objeto sensível e verificável. Dentre os estudiosos preocupados em caracterizar “forças invisíveis”, que interferiam no mundo real, destacou-se o alemão, Franz Anton Mesmer (1734-1815).



Mesmer iniciou suas pesquisas em 1774 e ajuizava a possibilidades de curar doenças pelos fluídos invisíveis que, segundo ele, surgiam de energias magnéticas. A obra mais significativa de Mesmer foi o livro *Memoire sur la Découvert du Magnétisme Animal*, publicada, em Genebra, no ano de 1779. Os princípios do Mesmerismo estavam justificados pelo uso da energia expelida pelos magnetos ou ímãs. Formado na área médica, a preocupação de Mesmer era comprovar a atuação dessas forças na matéria. Ele se preocupou em defender que, apesar de não serem vistas, estas energias permitiam o emprego do método empírico e poderiam ser utilizados para finalidades médicas. Além disso, todos os indivíduos carregavam esses fluídos e poderiam transmiti-los, conforme afirma Silva:

Inicialmente acreditava-se que esse fluído poderia ser utilizado para transmitir energias curativas por meio de ímãs. Logo, porém, Mesmer convenceu-se de que muitas pessoas tinham tal fluído e que poderiam transmiti-lo: criava-se o '*magnetismo animal*'<sup>11</sup>. A fama de Mesmer cresceu rápido, chegando a atender cerca de 300 pessoas por dia, o que incomodava a classe médica (SILVA, 2005, p. 15).

Mesmo pesquisando sobre as ditas forças invisíveis, Mesmer sequer cogitou a influência do mundo espiritual na natureza, apenas considerava as forças físicas não visíveis, mas que, em sua concepção, descendiam de fluídos que nada tinham a ver com a existência de espíritos que pretendiam comunicar-se com os viventes.

Contudo, não demorou a que o pensador passasse a esquematizar vínculos entre seus estudos com uma nova ciência, que ficou conhecida como *espiritualista*<sup>12</sup>. Quando deixou de trabalhar com os ímãs, Mesmer passou a se dedicar a um novo método, que consistia em impor as mãos sobre pessoas que necessitavam de alguma cura. O ato de imposição das mãos era a forma, por ele defendida, de transmitir energia magnética entre corpos materiais, assim, um

---

<sup>11</sup> A teoria desenvolvida por Mesmer ficou conhecida como Mesmerismo, Magnetismo e Magnetismo animal.

<sup>12</sup> A tendência conhecida como "espiritualista" refere-se as pesquisas que entraram em voga no século XIX e tratavam de questões invisíveis e sobrenaturais. Entretanto, diferem do Espiritismo que versa sobre a comunicação espiritual, que segundo os seus precursores, provinha de espíritos superiores (ARRIBAS, 2010).

corpo físico era capaz de passar energias invisíveis que não poderiam ser vistas, mas somente “sentidas” (LOUREIRO, 1997).

No entanto, a prática do Mesmerismo não agradava àqueles que se cercavam de ciência empírica, experimental. Causava estranheza e inconsistência aos métodos científicos praticados pelos devotos da ciência positiva. Assegurados pela razão, diversos intelectuais da época pronunciaram-se contrários à manifestação de forças que não podiam ser observadas cientificamente. Essa contestação foi registrada na *Revue Spirite*, no ano de 1862, quando um professor de Medicina em Paris, Dr. Trousseau, repetiu a fala de um de seus pacientes, que era descrente das práticas utilizadas por Mesmer. (AUBRÉE; LAPLATINE, 2009). Ao afirmar sua descrença, o Dr. Trousseau explicou como se praticava o Mesmerismo. A explicação foi publicada na *Revue Spirite*:

Submete algumas mulheres delicadas à ação do fluído; ocorrem pequenos acidentes nervosos, que ele atribui a um fluído emanado de si próprio; estabelece uma teoria bizarra, na época chamada *mesmerismo*. Vem a Paris, instalando na Praça Vendôme, no centro da cidade, onde as pessoas mais ricas, pertencentes à aristocracia mais elevada da capital, vêm se postar em torno da cuba de *Mesmer*. Eu não saberia dizer quantas curas foram atribuídas a *Mesmer*, que, aliás, é o inventor e o importador, entre nós, desta maravilha que se chama sonambulismo, isto é, uma das *mais vergonhosas chagas do empirismo* (REVUE SPIRITE, 1862, p. 316, grifo do autor)<sup>13</sup>.

O modelo de ciência racional da época fazia com que os fenômenos invisíveis fossem repreendidos constantemente. As críticas não eram suficientes para desacelerar o interesse que estava crescendo em torno do mundo desconhecido. Em pouco tempo, emergiram fenômenos que afirmavam serem resultantes de manifestações espirituais.

A curiosidade que sustentava a ciência racional parecia ser a mesma que impulsionava os interessados, na suposta força invisível de se reunirem, na espera de manifestações que estivessem acima da natureza. Movidos pela curiosidade em fenômenos sobrenaturais, na segunda metade do século XIX

---

<sup>13</sup> Ao tratarmos da *Revista Espírita* publicada na França por Kardec optamos pela identificação em Francês - REVUE SPIRITE - para evitar distorções com a *Revista Espírita* publicada no Brasil por Antonio da Silva Neto, a qual se constitui uma das fontes primárias da pesquisa.

realizaram-se, na França, os encontros que buscavam afirmar a existência de acontecimentos inexplicáveis pela razão. Estes encontros ficaram conhecidos como reuniões das mesas girantes.

Os participantes das reuniões acreditavam que eram marcados com sinais estranhos, como a suspensão de mesas, que giravam e bailavam, sem o auxílio de nenhum mecanismo para controlá-las. Aqueles que defendiam a existência dos fenômenos invisíveis afirmavam que as mesas pareciam querer dizer algo, como se fossem autônomas e que, em muitos casos, elas estabeleciam códigos de comunicação, como batidas no chão ou giros sincronizados. Wantuil assevera que as mesas girantes foram importantes para despertar a “[...] curiosidade pelos fenômenos espirituais” (WANTUIL, 2007, p. 11).

As mesas girantes ultrapassaram as fronteiras da Europa e chegaram aos Estados Unidos por volta de 1850. No país norte-americano, os fenômenos pareciam ter sido intensificados, pois além de girarem, foram dados indícios de que elas falavam. Para ampliar a dimensão do seu alcance, os fenômenos das mesas girantes foram parar no México, no Canadá e no Brasil (WANTUIL, 2007).

Na *Revista Espírita* foi detalhado como as manifestações aconteciam. O articulista dava detalhes dos fatos, que segundo ele, tinham origem em “causas inteligentes” e manifestavam-se por meio de médiuns que conseguiam observar o movimento de objetos inertes, a exemplo das mesas. Deste modo,

As comunicações inteligentes entre os Espíritos e os homens podem ter lugar por sinais, pela escrita e pela palavra.

Os sinais consistem no movimento significativo de certos objetos, e mais das vezes pelos ruídos, pancadas ou choques. Quando esses fenômenos comportam um sentido, não podem permitir dúvida sobre a intervenção de uma inteligência oculta, pela razão que, *se todo efeito tem uma causa, todo efeito intente tem uma causa inteligente.*

Debaixo da influencia de certas pessoas chamadas *médiuns*, e algumas vezes espontaneamente, um objeto qualquer pode executar movimentos convencionados, bater um número de vezes determinadas e transmitir, por esse meio, respostas – *sim* ou *não*, ou designado as letras do alfabeto, formar frases completas.

As pancadas podem-se fazer ouvir sem movimento algum aparente e sem causa ostensiva, quer na superfície, quer no interior dos tecidos dos próprios corpos inertes, *verbi-gratia*, em uma parede, em uma pedra, em um móvel ou em qualquer outro objeto. De todos os móveis, as mesas são preferidas pela facilidade que temos de collocarmo-nos em torno delas, para

procedermos experiências, daí resultou a designação do fenômeno em geral pelas expressões assas triviais de *mesas falantes* e de danças das mesas; expressões que convém abandonar; em primeiro lugar, por se prestarem ao ridículo; em segundo, porque podem induzir ao erro de se supor que as mesas tem e esse respeito alguma influencia especial. Esse modo de comunicação chama-se *sematologia espírita*.

Para se comunicarem pela escrita, os Espíritos empregam, como intermediários, certas pessoas dotadas da faculdade de escrever debaixo da influencia da potencia oculta que os dirige e as quais cedem a um poder evidentemente externo a si e fora de suas apreciações (REVISTA ESPÍRITA, jan. 1875, n. 1, p, 26).

As manifestações que estavam ocorrendo em várias partes do mundo, e que partiram da Europa e dos Estados Unidos, careciam de explicações e despertavam o interesse dos estudiosos ávidos por feitos que pudessem ser comprovados ou negados pela luz da ciência positiva. As observações, que incomodavam aos ditos cientistas, tornaram-se ainda mais intrigantes quando eles tiveram informações de que na cidade de Hydesville, nos Estados Unidos, estavam ocorrendo fenômenos estranhos que vinham assustando a população local, especialmente, a Família Fox.

De acordo com Doyle, no livro *A História do Espiritismo*, foi em Hydesville que a família de John Fox foi surpreendida por fatos inexplicáveis, que incomodavam pela falta de uma explicação lógica. As filhas do Sr. Fox, Katie de onze anos e Margareth, de quatorze anos, viram sua rotina mudar quando, no ano de 1848, afirmaram ter escutado barulhos idênticos ao de rachaduras na pequena casa de madeira onde a família morava (DOYLE, 2002; WANTUIL, 2007).

Até então, outros episódios que alegavam a existência dos fenômenos que envolviam o contato com pessoas mortas, denominadas de desencarnadas pelos espíritas, já tinham sido relatados, porém não haviam sido registrados ou não se apresentaram, organizadamente, ao ponto de que fossem apurados os fatos, como explica o escritor inglês e seguidor da Doutrina Espírita, Conan Doyle:

É impossível fixar uma data para as primeiras aparições de uma força inteligente exterior, de maior ou menor elevação, influenciando nas relações humanas. Os espíritas tomaram oficialmente a data de 31 de março de 1848 como o começo das coisas psíquicas, porque o movimento foi iniciado naquela data. Entretanto não há época na história do mundo em que não se encontrem traços de interferências 'preternaturais' e o seu tardio reconhecimento pela humanidade. A única diferença entre esses episódios e o moderno

movimento é que aqueles podem ser apresentados como casos esporádicos de extraviados de uma esfera qualquer, enquanto os últimos têm as características de uma invasão organizada (DOYLE, 2002, p. 32).

Conforme esse autor, os fenômenos vivenciados pela família Fox, mudaram o cotidiano do lugarejo em que moravam. John Fox afirmou que os barulhos estranhos estavam acontecendo desde meados de março de 1848. A intensidade dos barulhos era tamanha que fizeram com que Katie, a filha menor do casal Fox, passasse a desafiar a “força invisível”, pedindo para que fosse imitada ao estalar os dedos. Katie foi atendida prontamente.

Os fatos ocorridos, nos Estados Unidos, coincidem com as tentativas de comunicação mediúnic, que estavam tomando conta dos salões franceses. Nesse aspecto, Santos ao descrever sobre a história do espiritismo aponta para a importância dos fatos ocorridos em Hydesville que, juntamente com o fenômeno das mesas girantes, passaram a ser o marco inicial do movimento espírita, tendo por base a comunicação espiritual.

Costuma-se atribuir a origem de todo esse movimento a fenômenos ocorridos em 1848, em Hydesville, Estados Unidos, quando as irmãs Margaret e Katie Fox começaram a desenvolver mecanismos para a comunicação com os espíritos e a interpretar pancadas e ruídos sem explicação plausível atribuídos a eles. Seguiu-se, a partir de então, um grande interesse por esses fenômenos, cuja manifestação mais frequente (e popular) na década de 1850 se dava por meio das chamadas mesas girantes. (SANTOS, 1997, p. 16).

Os frequentadores das reuniões espirituais acreditavam que poderiam obter informações sobre o mundo invisível pela intercessão de um médium. Naquele momento, afluíam algumas práticas que evoluíram e, posteriormente, seriam realizadas nos centros espíritas, como o passe e o contato mediúnico.

*Passe e médium* eram termos já usados pelos praticantes do mesmerismo. Guardadas as devidas proporções, as diferenças conceituais eram mínimas. O termo médium, por exemplo, passou a integrar o vocabulário da Doutrina Espírita, porém, para o mesmerismo, o médium era a pessoa que possuía a capacidade de transmitir um fluido magnético, enquanto que, para o espiritismo, “[...] todo aquele

que sente, em um grau qualquer, a influência dos espíritos é, por este fato, médium" (KARDEC, 2002b, p. 139).

Com a sistematização e a propagação das teorias de Kardec a palavra médium passou a indicar que:

Médium quer dizer medianeiro, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. Não é um poder oculto que se possa desenvolver através de práticas rituais ou pelo poder misterioso de um iniciado ou de um guru. A Mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas (PIRES, 1984, p. 11).

Kardec participava desse cenário em que as discussões sobre a veracidade dos episódios estranhos à realidade física não tinha “explicações plausíveis” (SANTOS, 1997). Todos estes fenômenos foram decisivos para que Allan Kardec desenvolvesse os princípios doutrinários do espiritismo, servindo de fundamentação para afirmar a existência de realidades, em mundos extra físicos ou em mundos, que iam “além do túmulo”.

Diferentemente dos episódios esporádicos, mencionados por Doyle (2002), as manifestações espirituais relatadas, no século XIX, ocorriam com certa frequência, chamando a atenção dos pesquisadores e curiosos do período. As defesas do magnetismo animal, por exemplo, eram atreladas a outros procedimentos que começaram a ecoar no período, como a hipnose, que também presumia a participação de forças invisíveis em momentos conhecidos como transe. Nessa perspectiva, o indivíduo em transe relatava a separação entre a alma e o corpo sem passar pela morte (WANTUIL, 2007).

Sendo assim, as inspirações do espiritismo remontam a eventos anteriores que o incitaram para os estudos e pesquisas sobre o que chamava de “mundo invisível”. Para uma melhor compreensão da influência de Kardec neste processo, cabe expor alguns feitos e investigações que foram realizadas antes de seu interesse pelas estranhas manifestações.

O espiritismo Kardecista surgiu em meio a diversas inovações que estavam em moda, na Europa, do século XIX, sobretudo as que tiveram origem na ciência

positiva. O termo espiritismo servia para distinguir a doutrina, criada por Kardec, das demais vertentes espiritualistas, que mantinham a fé em Deus e na imortalidade da alma, mas não reconheciam a comunicação com espíritos desencarnados e nem focavam no entendimento científico das manifestações que vinham do mundo espiritual.

Para coisas novas necessitamos de palavras novas, pois assim o exige a clareza de linguagem, para evitarmos a confusão inerente aos múltiplos sentidos dos próprios vocabulários. As palavras **espiritual, espiritualista, espiritualismo** têm uma significação bem definida, dar-lhes outra, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. [...] Em lugar das palavras **espiritual e espiritualismo** empregaremos, para designar esta última crença as palavras **espírita e espiritismo**, nas quais a forma lembra a origem e o sentido radical, e que por isso mesmo têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando para espiritualismo a sua significação própria (KARDEC, 2002a, p. 24, grifos do autor).

A doutrina defendida por Kardec estabelecia outra forma de entender o destino das almas que não encerrava com a morte. Segundo a Doutrina Espírita, os mortos podem voltar a transitar entre os vivos de acordo com a conduta moral dos indivíduos, enquanto estiveram no plano terreno. Seguindo esta perspectiva, Kardec defendia a relação entre ações desenvolvidas, pelo espírito encarnado e a sua vida pós-morte. O codificador do espiritismo também advertia que para guiar ao melhor caminho, os espíritos encarnados têm o auxílio dos espíritos desencarnados, os quais se comunicam com pessoas sensíveis por meio das manifestações espirituais, que vêm do além túmulo, denominados de médiuns. (KARDEC, 2002a).

Dentre estes estudiosos, destacou-se o pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), que passou a adotar o pseudônimo de Allan Kardec, após afirmar que era possível comunicar-se com espíritos desencarnados.

### 3.2 Allan Kardec: “cientista”, “filósofo” e “religioso”

Allan Kardec é o nome mais ilustre da Doutrina Espírita. Nascido em 03 de outubro de 1804, na cidade francesa de Lyon, sua trajetória intelectual desvela um homem representativo da época em que viveu. Submerso nos paradigmas da ciência moderna, o codificador do espiritismo teve participação na vida científica, filosófica e religiosa da França e além dela (WANTUIL, 2002).

Antes de se tornar o codificador do espiritismo e, adotar o pseudônimo de Allan Kardec, como ficou conhecido, o professor Rivail havia se dedicado aos estudos e aos trabalhos pedagógicos. Proveniente de escolas laicas, o pedagogo foi o responsável por escrever sobre diversos temas pedagógicos correntes na educação formal da época.

De acordo com seus dados biográficos, Rivail era proveniente de família abastada e anticlerical, que desde cedo o apresentou aos princípios contrários à educação conservadora, firmada sob a égide da moral cristã. Exemplarmente, Rivail foi mantido alheio a qualquer tipo de educação confessional. Sua família também o afastou da catequização católica para livrá-lo do pensamento religioso, que era ensinado nas instituições educativas francesas (WANTUIL, 2002).

A formação acadêmica de Rivail iniciou quando seu pai, um jurista convicto do espírito cientificista da época, o enviou para estudar no prestigiado Instituto de Yverdon, na Suíça. O ensino lá ministrado decorria das teorias do renomado pedagogo suíço, Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827). O local tornou-se uma referência da época. Wantuil descreve o prestígio do instituto da seguinte maneira:

Visitado todos os anos por grande número de estrangeiros, citado, descrito, imitado, era, numa palavra, a escola modelo da Europa. O sábio Humboldt, o imperador da Rússia e o rei da Prússia foram algumas das eminentes personalidades que visitaram o Instituto. Louvaram o criador desta obra revolucionária Napoleão, Goethe, Kant, Mme. de Staël, Luísa da Prússia, Leopoldo e a futura imperatriz do Brasil, D. Leopoldina de Áustria. O grande pensador alemão João Fichte chegou a dizer: ‘Do Instituto de Pestalozzi espero a salvação da Alemanha’ (WANTUIL, 2002, p. 16).



Foi em Yverdon que Rivail teve acesso ao que, na época, se chamava de “educação integral”, conhecida por envolver os aspectos intelectuais, físicos e morais (WANTUIL, 2002). O modelo proposto por Pestalozzi visava romper com a noção pragmática de ensino restrito aos aspectos intelectuais e técnicos. Por tal modelo, acreditava-se que os problemas da educação de seu tempo seriam superados, sobretudo, por extinguir métodos de aprendizagem pautados em um classicismo metafísico incompatível com o espírito moderno que tomava a Europa (INCONTRI, 2001).

Sem dúvida, as teorias pestalozianas tiveram influência decisiva na formação pedagógica de Rivail. Por consequência, Rivail teve acesso a abordagens Rousseauianas, já que Pestalozzi foi dos mais notáveis discípulos de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo francês que acatava o modelo de ensino progressista e que dedicou seus estudos as diversas fases do educando (INCONTRI, 2001).

A educação pestaloziana afirmava que tinha por missão fazer com que seus aprendizes se tornassem sujeitos dedicados à moralidade e ao bem comum. Nesse aspecto, Dora Incontri, ao analisar a interferência de Pestalozzi na formação acadêmica de Rivail, afirma que:

[...] Pestalozzi envereda por uma proposta educacional que conjuga universalismo - ele é considerado um dos pais da escola popular - e individualização; autonomia e liberdade com forte presença e estímulo do educador; ênfase na proposta de formar o homem ético, sem desprezo pelo desenvolvimento cognitivo e, afinal, ideais de transformação sociopolítica, sem apelo a um sistema totalizante e autoritário. E é essa visão filosófica e pedagógica que Rivail herda diretamente de seu mestre (INCONTRI, 2001, p. 179)

Assim, a proximidade entre Rivail e Pestalozzi pode ser apreendida a partir do prisma pedagógico, que interferiu na trajetória pedagógica do primeiro, mesmo após ele ter deixado Yverdon. Ao concluir seus estudos, em 1828, Rivail retornou da Suíça e iniciou a divulgação do método Pestalozzi em várias escolas parisienses. Para além, escreveu diversos livros e atuou em frentes que defendiam a instrução pública na França. Na edição de 1869 da *Revue Spirite*, publicada após a morte de Allan Kardec, são apresentados títulos de alguns livros

escritos por ele na fase em que se dedicava aos estudos pedagógicos. Os títulos constantes na revista são:

*Plano proposto para melhoramento da Instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de Aritmética, segundo o método de Pestalozzi* (1824); *Gramática francesa clássica* (1831); *Manual dos Exames para os títulos de capacidade; Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia* (sem data específica); *Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona* (1849); *Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas* (1849) (REVUE SPIRITE, 1869, p. 186-187, grifo do autor).

Entre os anos de 1835 a 1840, o professor Rivail fundou cursos gratuitos que funcionavam em sua residência e nos quais ensinava várias disciplinas, como química, física e astronomia. Apesar de ter lecionado disciplinas das ciências exatas, ele demonstrou interesse mais acentuado pelas humanidades, fato notório em suas obras posteriores, o em que mostra uma preocupação com o desenvolvimento social (WANTUIL, 2002).

A educação laica com a qual Rivail teve contato o fez, em um primeiro momento, cético em relação aos fenômenos que julgava vulgares, como por exemplo, os episódios das mesas girantes e do mesmerismo. Custou para que o pedagogo francês acreditasse no que ouvia sobre os eventos que tomavam conta dos salões franceses e que aguçava a curiosidade de outros homens envolvidos pela ciência. O contato de Rivail com estes fenômenos veio a ocorrer no ano de 1854. No livro *Obras Póstumas*, publicado originalmente em 1890, pelos dirigentes da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, encontram-se trechos em que o próprio Rivail fala de seu contato com as mesas girantes.

Foi, em 1854, que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o magnetizador, senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse ‘- Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo-se que elas girem e caminhem à vontade’. ‘- É, com efeito, muito singular, respondi; mas a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre corpos inertes e

fazer que eles se movam'. [...] Algum tempo depois, encontrei-me novamente com o Sr. Fortier, que me disse: '- Temos uma coisa muito mais extraordinária; não só se consegue que uma mesa se mova, magnetizando-a, como também que fale. Interrogada, ela responde'. '- Isto agora, repliquei-lhe, é outra questão. Só acreditarei quando vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer nos dormir em pé (KARDEC, 2005c, p. 265).

Em 1856, depois de ter participado de várias reuniões de mesas girantes, Rivail disse que teve seu primeiro contato com o seu guia espiritual, o Espírito da Verdade, o qual lhe revelou os princípios que regeriam a Doutrina Espírita. A partir de então, o pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail cede lugar a Allan Kardec.

A curiosidade que motivou Allan Kardec está diretamente relacionada com os eventos realizados nos salões franceses e que faziam menção às manifestações estranhas, focando o movimento dos espíritos. Estas reuniões não possuíam data precisa, mas, provavelmente, tenham tido início por volta de 1848 ou 1849, quando se alastraram e viraram uma verdadeira epidemia que contagiava a burguesia local<sup>14</sup>.

Ao iniciar suas investigações, Kardec passou a afirmar que não existia uma realidade sobrenatural que não pudesse ser verificada (STOLL, 1994). A constatação dos espíritos deveria ser investigada. O que Allan Kardec objetivava era dar ao espiritismo o mesmo reconhecimento que as outras ciências, da época, já possuíam. É importante ressaltar que o espiritismo de então, não concordava em ser apenas religião, nem somente uma filosofia, ou se restringir a mais uma ciência. Contrariamente, tinha em mente que as três vertentes deveriam ser contempladas, tendo a razão como mestra. Nesse sentido, Kardec estabeleceu a Doutrina Espírita como um ensinamento de cunho lógico e racional, a exemplo de outras tendências científicas, ou melhor, cientificistas.

---

<sup>14</sup> Em uma passagem do **O Capital**, Marx faz uma breve menção ao espiritismo na Europa. Segundo o pensador alemão: "Depois da derrota das revoluções de 1848/49 começou na Europa um período de mais obscura política reacionária. Enquanto, nesse tempo, as rodas aristocráticas e também as burguesas se entusiasmaram pelo espiritismo, especialmente por fazer a mesa andar [...]". (MARX, 1988, p. 70).

Não obstante, dirão, admitis que um Espírito pode elevar uma mesa e sustentá-la no espaço sem um ponto de apoio. Isso não é uma derrogação da lei da gravidade? – Sim, da lei conhecida; mas a Natureza já vos disse a última palavra? Antes das experiências com a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina carregando muitos homens poderia vencer a força de atração? Aos olhos do vulgo isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico? (KARDEC, 2006, p. 19).

Tendo por fundamentação os trabalhos de codificação, realizados por Kardec, foram estabelecidos os princípios doutrinários espíritas com seus próprios critérios e que diziam objetivar a verdade dos fatos. Assim, Kardec iniciou suas investigações questionando os espíritos desencarnados, sendo que a validade das respostas poderia ser atestada pelo crivo da razão. O próprio Kardec afirmou que: “[...] toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possuem, por mais respeitável que seja a sua assinatura, deve ser rejeitada” (KARDEC, 2004, p. 101).

Kardec defendia que a veracidade dos seus princípios só ocorreria quando fossem manifestados por diferentes médiuns em locais diferentes. Desse modo, todo o conhecimento postulado teria que ser exposto pela maioria dos espíritos, por isso, o contato de Kardec com médiuns de várias partes do mundo era necessário. Seguindo prerrogativas, que mencionava serem científicas, Kardec empenhou suas forças na descoberta dos processos de comunicação espiritual.

De acordo com o próprio Kardec (2002b), foram as mensagens dos espíritos superiores que o induziram a organizar a nova doutrina. Portanto, estabeleceu contato com médiuns de outros locais, indo além da fronteira européia e avançando pela Europa e pela América. Allan Kardec acreditava piamente nos avanços da ciência moderna, mas considerava que era necessário inovar com as evidências deixadas pelos espíritos que estabeleciam comunicação. Foi com esse intuito que ele criou métodos para fundamentar a sua ciência.

Como meio de elaboração, o espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as consequências e busca as aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não

apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. [...] É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas (KARDEC, 2005a, p. 30-31).

Dentre os princípios doutrinários, talvez o que Kardec tenha tido maior dificuldade para expor, cientificamente, foi sobre a reencarnação. Afinal, como mensurar ou comprovar que uma alma voltou a habitar uma nova vida? Para ele, a multiplicidade de vidas não dava para ser constatada cientificamente. Nesse quesito, a faceta religiosa falou mais alto para Kardec que, para justificar sua teoria, apontou para uma suposta justiça divina, que oportunizaria várias chances de o espírito atingir a perfeição pela evolução (KARDEC, 2002a).

Não há como negar que a doutrina kardecista defendia princípios doutrinários e dogmáticos, entretanto, no entendimento de seu codificado, os princípios doutrinários deveriam sempre ser afirmados como científicos perante as ciências do século XIX. Desse modo, os iniciadores do espiritismo procuraram estabelecer aproximação com as tendências ditas científicas em voga na Europa, sobretudo na França, mas sem deixar de lado os aspectos filosóficos e religiosos que disseminavam a necessidade da evolução das almas. Ostentando esse tipo de pensar é que Allan Kardec não poupou de dizer que o espiritismo lidava com verdades científicas.

### **3.2.1 A configuração da Doutrina Espírita**

Para sistematizar a doutrina, Kardec passou a reunir em sua residência, estudiosos e curiosos preocupados com os acontecimentos não explicados pela ciência. Os participantes destas reuniões eram médiuns, escolhidos pelos espíritos superiores, que pretendiam se comunicar. A divulgação do que

acontecia nestes encontros foi feita pela Revista Espírita, criada por Kardec no ano de 1858 e que foi dirigida por ele até o ano de sua morte, em 1869. Tal publicação abriu as portas para a exposição da doutrina em palestras e conferências, realizadas em Paris e em outras cidades europeias e fora delas. O espiritismo corria o mundo, formando grupos de estudos focados nos fenômenos sobrenaturais.

Allan Kardec, o criador do espiritismo, encarnou como poucos o ideal racionalista do século XIX, quando a ciência, a filosofia da história e o determinismo passaram a tomar o lugar do voluntarismo subjetivo na imaginação moral. Como se depreende do Livro dos Espíritos, muito da sua figura tem a ver com a austeridade burguesa da época; e seu ideal de ciência experimental, aplicado à religião, é profundamente marcado pelo positivismo: a importância transcendental do método, a ontologia naturalista, a unidade da verdade garantida através da concordância intersubjetiva dos experimentos, a exposição didática das respostas. Nesse primeiro sentido, Kardec foi um homem das Luzes, que criou uma religião altamente relacionada com os ideais de sua época: a laicidade, o progresso e o espírito científico, tendo atraído cientistas e literatos. Nesse sentido, o espiritismo anunciava-se como uma *religião natural*, o que originou uma tensa e não resolvida relação entre demonstração experimental e revelação, que significa que seu prestígio era dependente da simpatia da comunidade intelectual pelo fenômeno (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 76, grifo do autor).

O interesse pelo sobrenatural prendia a atenção de curiosos que queriam prever o futuro, ou simplesmente, saber da existência de um mundo desconhecido, habitado por espectros, ectoplasmas ou almas desencarnadas. Ver uma mesa girar sem uma explicação física, por exemplo, era uma das provas da existência desses entes invisíveis. O próprio Kardec reconheceu que o fenômeno das mesas girantes foi o “ponto de partida” para suas investigações e para a constituição da Doutrina Espírita. Segundo ele:

Como quer que seja, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita e, por essa razão, algumas explicações lhes devemos, tanto mais que, mostrando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo das causas que os produzem ficará facilitado e, uma vez firmada a teoria nos fornecerá a chave para a decifração dos efeitos mais complexos (KARDEC, 2002b, p. 92).

Em sua busca comprobatória, Kardec chegou a criar, em abril de 1858, a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. Foi por meio dessa instituição que ele agrupou os primeiros estudiosos da Doutrina Espírita e ainda lançou a *Revue Spirite*. Apesar das dúvidas que o espiritismo gerava, Kardec foi autorizado a realizar seus trabalhos no âmbito da Sociedade, conforme consta na página final do periódico do ano de 1858: A "Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Fundada em Paris a 1º de abril de 1858 e autorizada por portaria do Sr. Prefeito de Polícia, conforme o aviso de S. Ex. o Sr. Ministro do Interior e da segurança geral, em data de 13 de abril de 1858" (REVUE SPIRITE, 1858, p. 233).

Depois de ter feito a codificação, Kardec buscou implantar o que dizia ser sua nova ciência. Viajou o mundo e passou a instruir como proceder para que a mediunidade se desenvolvesse e a comunicação com o mundo dos mortos fosse aceita. Kardec não acreditou de pronto, que as mesas giravam e dançavam, mas ele queria por todo aquele fenômeno que observava ao escrutínio da ciência moderna. Caso contrário, tudo não passaria de frivolidades sem merecer a estima da ciência positiva.

As reuniões feitas pela Sociedade Parisiense tinham como meta divulgar o espiritismo e criar um centro de observações que pudesse ser composto de pessoas dedicadas ao estudo dos fenômenos, que eram vistos como sobrenaturais. Kardec avançava nessa concepção ao dizer que o mundo dos espíritos não é algo além (ou sobre) natural. Pelo contrário, ele existia, porém, ainda era invisível.

Mesmo não sendo visíveis, os fenômenos e as manifestações não poderiam ser compreendidas como mera especulação, mas antes como objeto de pesquisa científica. As práticas de observação científica passariam a se dar dentro da Sociedade criada por Kardec. O local em que as reuniões aconteciam ficava na Rua de Valois, 34 (WANTUIL, 2002; MAIOR, 2013).

Na referida associação, eram congregados todos aqueles que desejassem entender sobre as manifestações espirituais. Seus congregados deviam pagar uma pequena taxa, valores que seriam arrecadados para manter a circulação da *Revue Spirite*. Segundo Wantuil (2002), quatro anos após sua criação, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas contava com inúmeros sócios pagantes, dentre eles, sujeitos com formação em áreas diversas, como médicos,

advogados, literatos, cientistas. Sujeitos que pertenciam à aristocracia burguesa da época e que tinham proximidade com as tendências progressistas que ocupavam o mundo ocidental.

Desde Allan Kardec os espíritas combatem uma ideia de 'religião' calcada no modelo da Igreja Católica, composta de 'liturgia', 'ritual', 'imagens' e 'sacerdotes', afirmando uma doutrina de 'tríplice aspecto', 'científico, religioso e filosófico'. Implacáveis no combate aos espíritas, os católicos serão os primeiros a brandir a acusação de ação do demônio nas manifestações espíritas, a que se agregará, no século XX, uma singular retórica parapsicológica, usada como arma no combate a espíritas, afro-brasileiros e esotéricos, onde 'fraude' e 'loucura' serão as explicações mais comuns do transe e da possessão (LEWGOY, 2006, p. 159).

A perspectiva religiosa que compete à doutrina kardecista verifica-se nos conceitos de morte e reencarnação. Assim, quando o espírito abandona o corpo físico, ele deixa a carne ou, utilizando-se da terminologia espírita, desencarna. Após deixar o corpo físico, o espírito poderia ou não aguardar a sua volta em uma reencarnação. No entanto, nem todos os espíritos desencarnados que voltam a terra, segundo Kardec, são espíritos bons, pois existem também os espíritos inferiores que podem atuar tanto para o bem quanto para o mal (CAVALCANTI, 1983; PIRES, 1983; SILVA, 1993).

Sob a ótica religiosa do espiritismo, Kardec defendia que a comunicação vinda do além túmulo era um dos meios que o espírito poderia usar para falar aos terrenos. A comunicação espiritual era entendida, por ele, como viável para a resolução de pendências não resolvidas enquanto o espírito habitava um corpo físico. Esse processo comunicativo era importante, pois poderia servir para a evolução das almas (KARDEC, 2005b).

Como se pode perceber, a Doutrina Espírita desvelava um caráter religioso que entrevia premissas filosóficas, como a natureza da alma. Em tais circunstâncias, os defensores do espiritismo vislumbram a junção entre filosofia e religião, sem dizer que postulavam a perspectiva científica da doutrina.

A curiosidade científica e a elaboração religiosa foram aliadas nos primeiros tempos do espiritismo, na medida em que ambas pareciam carregar um espírito anti-clerical, situado num dos espaços de pluralidade possível na época. Nesses primeiros tempos, a participação pioneira de cientistas em experimentos



espíritas, como Camille Flammarion, Paul Gibier, Ernesto Bozzano, Charles Richet, Cesar Lombroso e William Crookes firmaram referências científicas que o tempo foi convertendo em referências emblemáticas a cancelar a autoridade das crenças espíritas (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 76).

Dentre as características filosóficas, Kardec se perguntava se a natureza humana é boa ou má, ou se o sujeito possuiu uma alma superior ou inferior. Suas respostas vinham da comunicação espiritual, que ele acreditava ser um indício científico. Em outras palavras, os espíritos que se manifestavam pelos médiuns faziam a experiência sensível da comunicação. Considerava, então, que ao escutar o espírito, o médium realizava um experimento de observação, não deixando brechas para questionamentos.

Kardec pensou em um método de comunicação que evitasse distorções e pudesse dar respostas que corroborassem seus pressupostos. Em linhas gerais, o espiritismo assumia as representações das práticas científicas e religiosas, sobretudo ao postular a crença na vida pós-morte. A reencarnação era dada por Kardec como se fosse uma nova oportunidade para o espírito evoluir, mostrando aos humanos encarnados que a natureza da alma deve ir ao encontro do que é bom e moral.

Quanto à conduta humana, o espiritismo defende a moral e a caridade como princípios fundamentais com foco em se alcançar a perfeição da alma. No que se refere às práticas rituais, defende-se que as obras reveladas podem guiar os indivíduos por caminhos corretos e, por isso, devem ser seguidos. Para que estas obras fossem reveladas, o lado ritualístico do espiritismo era mantido por reuniões mediúnicas, nas quais a participação dos médiuns era o que garantia o elo entre vivos e mortos.

Ressalta-se que, segundo Kardec, nem todo espírito poderia entrar em contato com os médiuns, sobretudo os espíritos que não alcançaram um estágio de evolução superior. Assim, o espiritismo deixava, em evidência, a hierarquia entre espíritos superiores e inferiores. Um espírito evoluído, geralmente, era portador de ações morais exemplares, enquanto os inferiores deveriam evoluir por meio de outras reencarnações.

O espiritismo prevê apenas a evolução e jamais a involução da alma, sendo assim, a cada passagem pela Terra os indivíduos melhoram em alguns

aspectos, porém, em ritmos variados. Cada criatura humana possui o livre arbítrio para conduzir suas ações, dessa forma, alguns necessitam de menos reencarnações que outros para atingir a perfeição.

Segundo Dora Incontri, a Terra é um local temporário, para que os sujeitos possam cultivar a moral e a caridade como forma de evoluírem. A autora é enfática ao frisar que o espiritismo entende que a alma estabelece uma dinâmica educativa, baseada na evolução constante: “A visão da vida na Terra como processo educativo faz sentido à luz da reencarnação, em que as almas estão em permanente aprendizagem” (INCONTRI, 2001, p. 193).

No processo de reencarnação, a alma tende a levar para outros planos e aguardar sua próxima encarnação. Nesse período de espera, o espiritismo defende a pluralidade de mundos habitados, que correspondem a fases da evolução espiritual. Os homens virtuosos, sobretudo, os que desenvolvem a caridade, ocupam mundos melhores. Para a explicação desta premissa, Kardec exemplifica a noção de céu utilizada pelos demais cristãos, que o entendem como o paraíso, local destinado apenas para aqueles que já foram julgados. Já os espíritos que não atingiram a perfeição voltariam para a Terra, até se tornarem perfeitos a ponto de habitar o céu.

Kardec (2002a) escreveu na obra: *O Evangelho Segundo o espiritismo* que só existia uma religião, a cristã, e que Jesus foi o espírito mais superior que habitou a Terra. Nesse ponto, acatava os princípios religiosos do cristianismo, a exemplo da vida terrena ou vida passageira. Cabe lembrar, que todos esses aspectos, que compõem a Doutrina Espírita, são oriundos da codificação que Kardec afirmou ter feito em sessões mediúnicas, a partir de espíritos que eram inquiridos sobre as mais diversas questões.

As revelações feitas, pelos espíritos superiores, passaram a ser entendidas como verdades absolutas, mas ainda assim, Kardec informou que o espiritismo era uma doutrina inacabada, podendo ser revista em vários outros momentos. Quanto aos espíritos inferiores, estes não eram capazes de transmitir verdades absolutas, mas somente informações relativas.

### 3.3 A codificação dos fenômenos espirituais

Os livros que marcaram o surgimento da Doutrina Espírita ficaram conhecidos como “livros da codificação”. O termo codificação é utilizado, no espiritismo, para designar o processo pelo qual Kardec organizou as informações que, segundo ele, vieram dos espíritos evoluídos com a finalidade de ditar os princípios doutrinários a serem seguidos pelos homens. De acordo com a ordem cronológica de publicação, tem-se: *O Livro dos Espíritos* (1857); *O Livro dos médiuns* (1857); *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1861); *O céu e o inferno* (1865); *A gênese* (1869)<sup>15</sup>.

Informações sumárias do que tratam cada obra podem ser encontrada nos jornais da imprensa espírita brasileira, que se remetia às obras para fundamentar suas publicações, como informava a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*:

#### OBRAS ADOTADAS PELA SOCIEDADE ACADÊMICA

1° *O Livro dos Espíritos (parte filosófica) contendo os princípios da doutrina Espírita.*

2° *O Livro dos Médiuns (parte experimental) contendo a teoria de todos os gêneros de manifestações espíritas.*

3° *O Evangelho segundo o Espiritismo (parte moral,) contendo a explicação das máximas do Cristo, sua aplicação e concordância com o Espiritismo.*

4° *O Céu e o Inferno* ou a justiça divina segundo o Espiritismo (parte doutrinária) contendo a explicação das leis que regem os fenômenos da natureza.

Estas obras foram dotadas em francês. As traduções serão aprovadas depois de cotejadas com os originais.

A tradução da Gênese, oferecida para ser publicada sob os auspícios da Sociedade Acadêmica foi aprovada. (REVISTA DA SOCIEDADE..., maio 1881, n. 5, p. 17).

Os escritos de Kardec não encontraram receptividade imediata, algo fácil de ser compreendido ao se considerar que o contexto das publicações se defrontava com o cenário das tendências ciências positivas, abrangidas como as

<sup>15</sup> Os títulos originais, na mesma ordem são: *Le livre des esprits* (1857); *Le livre des médiums* (1861); *L'évangile selon le spiritisme* (1864), *Le ciel et l'enfer* (1865) e *La gênese* (1869).

que analisavam os objetos sensíveis e palpáveis. Dizia-se que, comercialmente, seus trabalhos não poderiam lograr êxito, tanto é que *O Livro dos Espíritos* ficou pronto em meados de 1856 e somente foi impresso em 1857. Diferentemente do que se imaginava, o livro foi sucesso de vendas<sup>16</sup>.

*O Livro dos Espíritos* foi o primeiro a ser lançado e, talvez, o que tenha despertado mais atenção dos ansiosos pela compreensão acerca dos fenômenos que envolviam a comunicação espiritual. De acordo com Aubrée e Laplatine (2009), o livro resultou de um trabalho cuidadoso e regular de interrogação dos espíritos, sendo que a organização textual é no formato de questionário, isto é, perguntas e respostas.

Para compô-lo, Kardec formulou várias interrogações, as quais, segundo ele, foram respondidas pelos espíritos desencarnados, em sessões mediúnicas, que começaram a ser realizadas em 1854. O objetivo era expor o que lhe fora revelado, pelos espíritos superiores, e fundamentar a nova ciência, a nova religião e a nova filosofia.

Os temas do livro se dividem em partes que são discutidas, por Kardec, nos demais livros da codificação. Desse modo, constitui-se como a obra base do espiritismo Kardecista, na qual é apresentada a estrutura geral da teoria espírita, como assuntos sobre a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente e futura e o destino da humanidade.

*O Livro dos médiuns* foi o segundo lançado por Kardec. Nele é apresentada a parte entendida como as “comunicações experimentais”. O objetivo da obra era mostrar como os espíritos se manifestavam nos corpos físicos e a maneira pela qual os médiuns estabeleciam o contato espiritual, tendo como temas as teorias sobre as manifestações e as condições favoráveis à ocorrência dos fenômenos espirituais, o desenvolvimento e o exercício da mediunidade. Pelas palavras de Kardec:

---

<sup>16</sup> Somente na França, *O Livro dos Espíritos* foi editado mais de 15 vezes até 1869. A obra completa só veio ao público, em 1860, quando ocorreu a segunda edição que circulou largamente em Paris (WANTUIL, 2007).

[...] damos nesta obra a parte prática, para uso dos que queiram ocupar-se com as manifestações, quer para fazerem pessoalmente, quer para se inteirarem dos fenômenos que lhes sejam dados observar. Verão, aí, os óbices com que poderão deparar e terão também um meio de evitá-los (KARDEC, 2002b, p. 16).

O *Evangelho segundo o espiritismo*, terceiro livro a ser publicado, tem a preocupação notória de defender os valores morais, fundamentando-se em ideais cristãos como a moral, a caridade e a humildade. O livro pode ser percebido como um guia de recomendações sugeridas pelos ditos espíritos. No livro, Kardec expõe os ensinamentos de Jesus Cristo à luz da Doutrina Espírita, afirmando que seu objetivo era conciliar e aplicar os mandamentos morais cristãos à vida do homem na Terra.

Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente as *vozes do Céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à *prática do Evangelho* (KARDEC, 2002a, p. 19, grifo do autor).

Já no livro *O céu e o inferno*, Kardec mostra as punições aos espíritos inferiores e também os benefícios para quem praticasse os ideais pregados pela Doutrina Espírita. Nele, são apresentados como os espíritos inferiores responderão pelos seus atos, após a desencarnação. Em *O Céu e Inferno* apresenta ainda temas como a “culpabilidade” e as “recompensas” que os homens alcançam ao cultivar a moral e a caridade. De maneira geral, Kardec afirma, nessa obra, que os espíritos desencarnados são punidos por consequência de seus atos em vidas anteriores. Nesse sentido, Kardec oferece ainda a discussão sobre os dogmas católicos que versam sobre o céu, o inferno e o purgatório.

No livro *A Gênese*, Kardec sintetiza a perspectiva dita científica de sua doutrina ao recorrer aos princípios da ciência material que estavam elencados em

seu projeto doutrinário. Segundo Kardec, era necessário retomar os primeiros vestígios da gênese referente às manifestações espirituais, para que se pudesse chegar a algum veredicto e sistematizar os princípios que regiam a vida espiritual. Com tal afirmação, o autor expunha que, somente com o advento das ciências, é que o mundo teve uma lógica explicativa.

Impotente se mostrou ele para resolver o problema da criação, até ao momento em que a Ciência lhe forneceu para isso a chave. Teve de esperar que a *Astronomia* lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar aí o olhar; que, pelo poder do cálculo, possível se lhe tornasse determinar com rigorosa exatidão o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a *Física* lhe revelasse as leis da gravitação, do calor, da luz e da eletricidade; que a Química lhe mostrasse as transformações da matéria e a *Mineralogia* os materiais que formam a superfície do globo; que a *Geologia* lhe ensinasse a ler, nas camadas terrestres, a formação gradual desse mesmo globo. À *Botânica*, à *Zoologia*, à *Paleontologia*, à *Antropologia* coube iniciá-lo na filiação e sucessão dos seres organizados. Com a *Arqueologia* pode ele acompanhar os traços que a Humanidade deixou através das idades. Numa palavra, completando-se umas às outras, *todas as ciências* houveram de contribuir com o que era indispensável para o conhecimento da história do mundo. Em falta dessas contribuições, teve o homem como guia as suas primeiras hipóteses (KARDEC, 2005, p. 112, grifo do autor).

Os livros da codificação evidenciam as preocupações de Kardec com os problemas morais de sua época. Para o codificador do espiritismo, enquanto estavam vivos, os homens tinham atitudes que implicariam na “evolução de seu espírito na vida além túmulo”. Pensando em evitar a degeneração espiritual, Kardec passava recomendações, que afirmava que eram provenientes dos bons espíritos.

Em sua maioria, as respostas dadas, pelos espíritos, aos problemas enfrentados para os espíritos encarnados, eram normas de condutas que pregavam a caridade e a moralidade (ARRIBAS, 2010). Do mais, os livros que compõem a codificação foram e ainda são utilizados para expressar os princípios que dirigem o kardecismo, enquanto uma doutrina religiosa. No conjunto de obras que compõe, observa-se a diversidade de sinais e conceitos empreendidos por Kardec para fundamentar as estratégias simbólicas que perscrutam a vida pós-morte.

Para Célia das Graças Arribas, as leituras das obras kardecistas permitem diferenciar a concepção de ciência e de religião constante na Doutrina Espírita. A autora mostra que uma das preocupações de Kardec era diferenciar o espiritismo das demais concepções espiritualistas da época. Para tal, utilizava-se de outra “construção terminológica”, diferenciando o *Espiritualismo*, visto exclusivamente como princípios religiosos, e *espiritismo* que acreditava ser ciência, filosofia e religião. Esclarece Arribas a respeito da forma como Kardec manifestava seus princípios, da seguinte forma:

Sua construção terminológica, um recurso técnico e pedagógico que visa uma linguagem mais clara, se visto, superficialmente, carregava uma forte marca distintiva em relação a todo o ‘movimento espiritualista’ que teria se originado nos Estados Unidos em 1848 e se difundido pela Europa anos mais tarde. Sobre esse aspecto, essa construção pode significar muito mais, pois que tem forte influência de poder demarcador e delimitador do que seria ou não a sua teoria. Com isso, uma primeira delimitação era posta em jogo e seria a partir dela que seus adeptos, principalmente no Brasil, iriam escorar-se no campo social onde o espiritismo teve lugar (ARRIBAS, 2010, p. 45).

A partir dos livros da codificação, Kardec buscou difundir a ideia de que o espiritismo deveria ser compreendido sob três aspectos diferentes: o das manifestações espirituais; o dos princípios e da filosofia que delas decorrem, e o da aplicação desses princípios. Daí emergia também as três classes de seguidores: os que acreditavam nas manifestações e se limitavam a constatá-las, para eles é uma ciência de experimentação; os que compreendem as implicações morais, e faziam valer os princípios filosóficos; e os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral, voltados para as práticas simbólicas e religiosas, como participar de reuniões de estudos espíritas e “tomar o passe” (AUBRÉE, LAPLATINE, 2009).

Ao se afirmar enquanto “ciência”, “filosofia” e “religião”, o espiritismo foi interpretado de diversos modos, instigando uma diversidade de obras que o ajudam a interpretar. Emergiram, assim, a publicação da *Revue Spirite: Journal d'Études Psychologiques*, em 1858, que trimestralmente publicavam os resultados de pesquisas sobre o espiritismo, provenientes de várias partes do mundo. No mesmo ano foi criada a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, local destinado para as reuniões que discutiam as manifestações espíritas e outros

assuntos, como política, religião, economia, entre outros. Em ambos os movimentos, a presença de Allan Kardec era essencial, com a função de editor da revista ou como membro atuante da organização (AUBRÉE; LAPLATINE, 2009; ARRIBAS, 2010).

A divulgação do espiritismo, por meio de revistas, fez com que as ideias kardecistas fossem além das fronteiras da França. Em vários países, os fenômenos espíritas, bem como as teorias de Kardec, ocuparam páginas e mais páginas de jornais e revistas. Em grande parte, não eram revistas com fins estritamente religiosos ou científicos, mas jornais de circulação variada, que faziam referência ao movimento que virou frenesi no século XIX com a manifestação dos fenômenos espíritas.

Para divulgar o seu trabalho, Kardec viajou por cidades francesas e européias, orientando e instruindo na formação de sociedades espíritas que estavam sendo organizadas em diferentes localidades. O interesse de Kardec era mostrar que fenômenos, até então poucos estudados, poderiam ser comprovados cientificamente. Além disso, acreditava que os princípios espíritas não deveriam ser direcionados apenas para um grupo de pessoas, mas deveriam ter seguidores interessados no progresso da humanidade (VALLE, 2010, p. 64).

O espiritismo pretendia ser um sistema explicativo de como reage a alma após a morte. Por mais que parecesse ser inovador para o período, o discurso de Kardec fazia parte de um escopo teórico, que estava em voga na França. Eram ideias compartilhadas por outras correntes de pensamento, como o Darwinismo e o Positivismo. Estas correntes, que surgiram, naquele mesmo contexto, tinham como característica a evolução a favor da dinâmica que envolve as transformações do que seus divulgadores entendiam como ciência. Particularmente, o espiritismo acreditava que os espíritos tinham muito a ensinar por conta da trajetória evolutiva que vivenciaram. Não meramente, a concepção que subjaz a melhoria da alma, estava aliada a dois importantes referenciais do século XIX, o de evolução e o de progresso. Assim, a obra de codificação compara os “inimigos do progresso” com “Pobres seres, que Deus castigará! Serão levados de roldão pela torrente que procuram deter” (KARDEC, 2004, p. 446).



Portanto, por meio das obras da codificação, Allan Kardec buscou instituir o espiritismo a partir da crença na existência da vida espiritual e de que os mesmos poderiam ser guiados a realidades melhores, ou ainda, para “estágios de evolução”. O processo era contínuo, sendo necessário para que o indivíduo pudesse chegar à perfeição. Assim, encontram-se, correntemente, nos livros da codificação, referências a espíritos perfeitos e imperfeitos, a espíritos bons e espíritos maus, bem como a espíritos puros e espíritos ímpios. Esta classificação não passava de exemplos que sugestionava as ações dos homens para adequar-se aos bons espíritos, ou àqueles mais evoluídos.

## 4 O ESPIRITISMO BRASILEIRO E O SÉCULO XIX

Nesta seção apresenta-se a história do espiritismo kardecista no Brasil. A doutrina de Kardec adentrou o cenário brasileiro a partir de agrupamentos que atendiam aos interesses de intelectuais, que reclamavam um ideário dito progressista. Estes grupos pretendiam atualizar a sociedade oitocentista a partir de ideias ditas científicas e anunciadas como o padrão correspondente à consolidação do progresso.

A conjuntura brasileira era propícia, sendo que a sua difusão foi operacionalizada por condições variadas, que perpassam desde práticas médicas até a especulação de fenômenos invisíveis. Estes fenômenos aguçavam a curiosidade de alguns intelectuais envolvidos com novas ideias vindas da Europa.

Paulo Cesar Fernandes, que estudou o desenvolvimento do espiritismo, no Brasil, relata que:

Praticamente todos os aspectos culturais e sociais brasileiros responderam de alguma maneira à entrada do espiritismo no Brasil. A nossa *intelligentsia*, nossos magistrados, o Imperador D. Pedro II e a princesa Isabel, a população, o clero, os jornais, enfim, todo mundo queria saber ou algo falar dessa doutrina que aqui chegava com pretensões de ficar e de também mudar o trato brasileiro com a religião, pois vale ressaltar que, apesar de ter sofrido fortes influências, o espiritismo também buscava influenciar a nossa cultura. Todavia, fato é que aqui chegou, ficou, tanto que hoje podemos dizer, quando falamos de espiritismo, seja em qualquer lugar do mundo, o nome do Brasil surge como a 'sede maior' dessa doutrina (FERNANDES, 2008, p. 77).

Na segunda metade dos anos oitocentos, a política do país se processou em crises decorrentes da estrutura patriarcal, ruralista e envolvida na permanência ou manutenção de trabalho escravo como foco em manutenção de seu *status quo*. Os autores Emília Viotti da Costa (1977) e José Murilo de Carvalho (1996), estudiosos da história do Brasil apresentam que os laços mantidos, no país, estavam deslocados.

Costa (1977) e Carvalho (1996) concordam, ainda, que a configuração do estado imperial estava imbricada com a continuação da Igreja Católica frente a mandos e desmandos que decidiam questões culturais e sociais do país. O

argumento dos autores enfatiza que, as disparidades entre o Brasil e os modelos europeus faziam com que as teorias reproduzidas por aqui não passassem do âmbito discursivo. A disparidade entre o “desejo de criar” e o que, de fato, era feito constituiu a formação de movimentos contrários à monarquia e filiados a explicações diversas sobre a modernização, sem alterar aos ditames conservadores do país.

Mesmo quando estavam cientes da distância que havia entre a teoria e a prática, entre cidade e campo, iam buscar nos modelos interpretativos europeus a explicação para o que lhes parecia a ‘anomalia’ da realidade brasileira. Não raro suas aspirações inovadoras significam menos uma resposta às necessidades estruturais, que eles próprios desconheciam, e mais o desejo de criar no país as condições necessárias para elevá-la a categoria das nações civilizadas (COSTA, 1977, p. 203).

Todavia, outros autores, como Alonso (2002) e Morel (2005) questionam a consistência destas relações, já que elas ficaram frágeis com os clamores brotados nos grupos intelectuais, com projetos modernizadores. Surgiam, assim, elites letradas que, por diversas vezes, estabeleceram discursos atrelados a filosofias originárias do cenário europeu, ostentando denominações filosóficas com rearranjos próprios para o contexto nacional.

As denominações variavam de acordo com as filiações doutrinárias e expressavam o interesse de homens ávidos pela influência na política, principalmente, com o intuito de desfigurar a economia cafeeira, que demandava a mão de obra escrava e a ruralidade. Era necessário fazer o país progredir. O afamado progresso parecia ser o lema preferido das elites letradas e o meio para transformar as relações conservadoras. Porém, ele só seria alcançado quando a ciência fosse empregada com objetivos claros de elevar o Brasil ao mesmo patamar dos países civilizados, principalmente, os que vivenciaram processos revolucionários e que deles tinham tirado experiências importantes, como a democratização política e a flexibilização religiosa.

Estas questões eram perseguidas por intelectuais que, devido à insatisfação política, uniam-se em redes de sociabilidade, as quais, notadamente, marcaram a geração de 1870 (ALONSO, 2002). O cenário era confrontado por ideias que partiam do repertório europeu e que aqui se adequavam. Eram grupos

sociais distintos, mas que, em comum, tinham a proximidade com ideologias determinadas, dentre elas o cientificismo positivista, o liberalismo democrático e o darwinismo social.

O discurso do espiritismo se enquadra dentro dessas ideologias insurgentes, tal como as pregações dos missionários protestantes oriundos, majoritariamente, dos Estados Unidos da América, exemplarmente, episcopais, depois presbiterianos e depois metodistas. Os seus adeptos, vistos como os primeiros seguidores de Kardec no Brasil, não estavam alheios às reclamações dos intelectuais que combatiam toda aquela estrutura classificada como retrógrada. Ao mesmo tempo em que reafirmavam suas convicções nos princípios doutrinários, os intelectuais espíritas tencionavam contribuir para sanar problemas morais do Império e fazer com que o progresso fosse atingido.

Em outras palavras, a Doutrina Espírita aparecia como opção para os intelectuais ansiosos por implantar a moral modelar, capaz de fazer a alma evoluir, ganhando espaço em meios anticlericais, ao mesmo tempo em que reunia indivíduos preocupados com a “ciência” vinda da Europa.

Certamente, os primeiros espíritas brasileiros estavam focados nas inovações dadas pelas ideologias filosóficas e científicas. O que pretendiam era, justamente, importar um repertório de mudanças que incitasse o progresso por meio de artifícios voltados para outra forma de pensar, mais científica e que flexibilizasse as relações sociais no Estado imperial.

Os estudos kardecistas foram apresentados ao Brasil oitocentista como uma possibilidade de compreensão do mundo pela interface que agrupava a religião com a filosofia e a ciência, tornando-se assim, bem quista por alguns intelectuais simpatizantes da ideia de modernização. Contudo, a dificuldade na aceitação do espiritismo, enquanto uma nova ciência, revela que a Doutrina Espírita esteve longe de exercer a hegemonia. O descrédito científico aliava-se aos conflitos no campo religioso. Pesava para os crédulos na ciência espírita, às contestações vindas dos católicos, médicos, literatos, e demais grupos que colocavam barreiras a serem transpostas<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> No Brasil, muitos médicos recusaram a possibilidade de curas espirituais. O *magnetismo animal* ou *mesmerismo* já era estudado, na Europa, com a finalidade médica, afirmando que as energias vindas dos espíritos transmitiam fluídos magnéticos provindos da imposição das mãos e sem relação com forças espirituais. (MACHADO, 1996; DAMAZIO, 1994).

O espiritismo kardecista possuía alguns poucos elementos presentes nas disseminações religiosas de origem africana que se encontravam no Brasil. Para alguns estudiosos da Doutrina Espírita, este fato levou o Espiritismo a expor uma concepção que enfatizava mais aspectos religiosos do que os que partiam da ideologia filosófico-científica da época. Isso não quer dizer que a ciência e a filosofia foram descartadas, contudo, foi responsável pela doutrina ter sua imagem aliada ao aspecto religioso, em detrimento do filosófico e científico (CAMARGO, 1973). Para além, declarar a afinidade com o espiritismo não era confortável para os seus seguidores, já que “[...] era cada vez maior o número de espíritas que se escondiam no anonimato” (MACHADO, 1983, p. 151).

A mística religiosa brasileira demonstrava interesse pelo sobrenatural, do mesmo modo permitia a alguns católicos procurar o benzedor para curar de um mau olhado ou expulsar demônios. A mistura das crenças serviu para a aceitação dos fenômenos sobrenaturais que, em meados do século XIX, fizeram as mesas girarem ou os espíritos se manifestarem.

Tornando-se importante ressaltar que os espíritas do século XIX não tiveram notoriedade tamanha ao ponto de serem considerados grupos com penetração significativa nos debates políticos. Ao contrário, “O Espiritismo longe estava de ser um fenômeno de massas, sua importação e o cultivo de suas ideias davam-se, sobretudo, entre uma elite letrada” (ISAIA, 2007, p. 292). Desse modo, os espíritas não configuraram um grupo de interferência política direta e, quando assim tentavam fazer, não punham à frente dos seus debates a fidelidade que tinham ao espiritismo. Demonstravam que sabiam que suas convicções doutrinárias não estavam ao ponto de alterar a realidade política (ISAIA, 2007).

O espiritismo divulgava que continha os elementos da modernização, logo, encontraria solo fértil em um país insaciável por filosofias inovadoras e por uma ciência eficaz. Todavia, a implantação dos ideais do espiritismo esteve longe de ser tranquila. Não poderia ser diferente, tendo em vista que a resistência encontrava-se no âmbito da religião.

Outra problemática residia no confronto com a religiosidade brasileira, dada não apenas em termos de tradição, mas também em termos legais, haja vista que o país tinha como religião oficial do Estado o catolicismo. Por mais que o espiritismo dissesse que não se asseverava enquanto uma disseminação

interessada em impor dogmas, tornava-se inevitável que seus princípios não conflitassem com toda a representatividade que há tempos o mundo ocidental havia se acostumado.

Impor que os espíritos desencarnados viveriam em outros planos, e que poderiam retornar à vida terrena para evoluírem na pós-morte, não condiziam com o princípio da ressurreição cristã. O fenômeno religioso, por parte dos espíritas, teria que ser repensado caso a doutrina de Kardec pretendesse fixar-se em terras brasileiras. E foi o que os espíritas do século XIX fizeram: a todo o curso afirmaram-se tão cientistas, quanto “respeitadores” dos valores cristãos.

#### 4.1 O pré-espiritismo brasileiro

Antes mesmo das ideias kardecistas serem sistematizadas na França, com o lançamento do *Livro dos Espíritos*, em 1857, já acontecia, no Brasil, a convergência de fenômenos conferidos a manifestações espirituais. Assim, o contexto que antecedeu a chegada da Doutrina Espírita ao país confere o período que pode ser denominado de *pré-espiritismo kardecista*<sup>18</sup>.

Dentre os fatores que principiaram o espiritismo em solo brasileiro, destacam-se: a vinda de imigrantes franceses, que disseminavam tendências modernizantes; a prática da homeopatia, do magnetismo e o sonambulismo; as informações sobre fenômenos sobrenaturais, a exemplo das mesas girantes e dos fluídos magnéticos, que foram noticiados por jornais que circulavam na Corte e em algumas províncias.

As relações entre os fluídos magnéticos, a medicina homeopática e o espiritismo, foram proporcionadas pela busca incessante de explicação sobre a cura de doenças por meio de fenômenos invisíveis. A carência de médicos fazia com que a prática do curandeirismo fosse frequente entre as camadas mais populares. Tanto os seus praticantes, quanto aqueles que procuravam os

---

<sup>18</sup>Considera-se como data inaugural do Espiritismo Brasileiro o ano em que foram iniciados os primeiros estudos das obras kardecistas, ou seja, em 1865, quando foi criado o Grupo Familiar por Teles de Menezes, em Salvador, BA. Após esta data, o espiritismo passou a abranger outros centros e grupos de estudos.

curandeiros para fazer rezas e orações, acreditavam em poderes invisíveis capazes de trazerem benefícios para a saúde (THIAGO, 1991).

Esses fenômenos invisíveis também apareceram na França, contudo, os objetivos estavam muito mais voltados para experiências que tentavam certificar a existência de fluídos magnéticos, do que para a tentativa de curar doenças por meio de rezas. Além disso, os franceses que buscavam informações sobre os fenômenos invisíveis eram provenientes de segmentos que pretendiam analisar a veracidade de tais fatos à luz da ciência. O próprio Kardec foi influenciado pelas informações sobre a existência de fluídos magnéticos.

Os fluídos magnéticos, que atraíram Kardec, estavam presentes na prática da homeopatia, que desembarcou no Brasil entre os anos de 1840 a 1850. Ao aportar em território brasileiro, a medicina homeopática mesclava magia e ciência (THIAGO, 1991). Não meramente, os “[...] homeopatas aceitavam a fama de curadores místicos, que lhes atribuíam” (MACHADO, 1983, p.63).

Criada pelo médico alemão Samuel Hahnemann (1755-1843), a homeopatia começou a ser praticada, no Brasil, difundindo práticas que incluíam noções que o espiritismo kardecista viria a utilizar, posteriormente, por meio de curas mediúnicas. Como explica Damazio: “A cura mediúnica, além de um fim em si mesmo, vale como uma comprovação da realidade e da interferência do mundo extra físico, sendo a forma mais direta de expandir a crença” (DAMAZIO, 1994, p. 152).

O criador da homeopatia afirmava que o processo de cura passa pela participação de forças invisíveis e que, apesar de não fazerem parte do mundo físico, são capazes de reanimar os organismos vivos acometidos nos seus princípios vitais (THIAGO, 1991)<sup>19</sup>. Na homeopatia, defende-se a existência de que não são concebidas como matéria física apesar de interferirem no organismo humano. Seria uma “força vital” que deveria ser cultivada de maneira a evitar o adoecimento do corpo. Porém, quando o corpo já estivesse adoecido a prescrição médica optaria por produtos naturais, simpatizando, inclusive, com práticas da medicina popular (DAMAZIO, 1994).

---

<sup>19</sup> N’O *Livro dos Espíritos*, Allan Kardec também afirma sobre a existência do princípio vital, definindo-o como “[...] o elo existente entre o Espírito e a matéria [corpo físico]” (KARDEC, 2002a, p. 93).

O responsável por inserir a medicina homeopática, no Brasil, foi o médico francês Benioit Jules Mure (1809-1858), que se mudou para o país no intuito de compor a Colônia Industrial do Saí no Rio de Janeiro, em 1841 (CANELAS, 2009). As ideias de Mure tinham aporte em seu país de origem, mas eram condizentes com as transformações que o Brasil pretendia implantar (THIAGO, 1991).

O interesse pelos estudos acerca dos fluídos e energias invisíveis também chamava a atenção de curiosos que passaram a procurar experimentos que estavam sendo realizados em salões europeus. Estas informações chegaram pela imprensa e por meio de imigrantes franceses, que assim como o médico Benioit Jules Mure conheciam os procedimentos (THIAGO, 1991; DAMAZIO, 1994).

Dentre os imigrantes franceses instalados no Rio de Janeiro, destacavam-se jornalistas, advogados e professores. Sem dúvida, os franceses foram mais receptivos ao espiritismo, tanto é que o Professor Casimir Lieutaud, professor parisiense que veio com sua família para o Brasil, na década de 1850, lançou o livro intitulado *Les temps sont arrivés*, escrito e publicado, em francês, no ano de 1860 (CANELAS, 2009). Casimir Lieutaud ocupou o cargo de diretor do Colégio Francês, instituição que gozava de grande prestígio na Corte. Seus escritos se juntaram aos de Adolpho Hubert e Madame Perret Collard, ambos franceses, que moravam no Brasil e dividiam a responsabilidade pelo jornal *Courrier du Brésil*, cuja redação tinha uma linha notoriamente anticlerical (STOLL, 2004).

Para os pesquisadores do espiritismo, tais como Sylvia Damazio, José Luiz dos Santos e Sandra Jacqueline Stoll, os membros da colônia francesa eram homens bem relacionados junto aos grupos expoentes da elite brasileira, sendo que eram recebidos de bom grado para realizarem encontros de discussão sobre os fenômenos que acreditavam ser científicos e os aspectos filosóficos do espiritismo, além disso, debatiam as demandas políticas que pairavam na França e no Brasil (DAMAZIO, 1994; SANTOS, 1997; STOLL, 2004).

A medicina homeopática alastrou a concepção do que se intitulava de energias sobrenaturais, mas estas mesmas energias também estavam presentes no movimento de mesas que giravam nos salões europeus, e das quais os brasileiros passaram a ter notícia entre os anos de 1853 e 1854, quando três periódicos publicaram sobre os referidos fenômenos. Os periódicos, que



noticiaram sobre o frenesi das mesas girantes foram: *O Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco* e *O Cearense*<sup>20</sup>.

O *Jornal do Commercio* foi o primeiro a trazer as informações sobre as mesas girantes. O jornal circulava na corte do Rio de Janeiro e na edição do dia 14 de junho de 1853, na seção intitulada *Exterior – Correspondência do Jornal do Commercio* publicou uma carta que dizia:

Não há neste momento uma reunião em Alemanha na qual não se fale da nova importação americana – *the moving table*, e não se experimente mais de uma vez o fenômeno. Parecendo-me que a sua descrição poderá interessar os seus leitores, passo a referir o que vi (JORNAL DO COMMERCIO, 14 jun. 1853 apud WANTUIL, 2007, p. 65).

Dias depois, no mesmo periódico foram publicadas novas informações sobre as mesas girantes. Desta vez, os detalhes sobre como se processava o ritual eram noticiados de maneira ainda mais elucidativa, fazendo a descrição ao que o correspondente do periódico havia presenciado na Europa.

Um tal correspondente de Berlim lembrou-se escrever à redação deste jornal que na Alemanha estavam na Berra as *moving tables* (mesas girantes), e explicou o simples e fácil processo de comunicar a vida aos chapéus e às mesas. Eis que logo os curiosos, científicos e não científicos, começaram a fazer experiências; e daí a dias um colega da imprensa referia ainda timidamente o resultado afirmativo das experiências de um hábil professor nosso, e outro colega traduzia as que se fizeram em alguns lugares da Europa (JORNAL DO COMMERCIO, 30 jun. 1853 apud WANTUIL, 2007, p. 66).

As referências ao fenômeno voltaram as páginas do jornal quando, numa nova publicação, foi escrito que:

Não há neste momento uma reunião na Alemanha na qual não se fale da nova importação americana *The moving table*, e não se experimente mais de uma vez o fenômeno, parecendo-me que a sua descrição poderá interessar os seus leitores, passo a referir o que vi. Importa pouco a madeira de que a mesa deve ser feita,

---

<sup>20</sup> As citações referentes ao “Jornal do Commercio”, ao “Diário de Pernambuco” e ao “Cearense” foram retirados do livro de Zeus Wantuil, *As mesas girantes e o espiritismo*. Apesar de tentativas, os periódicos não foram localizados. Contudo, outros autores, que versam sobre a história do espiritismo, mencionam tais fatos, vide Machado (1983) e Monteiro (2003).

basta que seja de forma oval e pouco pesada, para se tornar rápida a execução da experiência.

Sentadas cinco pessoas pelo menos à roda da mesa, põem as mãos sobre ela e formam uma cadeia, colocando o dedo mínimo da mão direita sobre o dedo mínimo da mão esquerda da pessoa que fica à direita [...] Começa a notar-se na mesa um movimento de ordenação que se transforma em movimento de rotação assaz rápido [...] Agora, quanto a maneira porque este fenómeno se explica, nada sei (JORNAL DO COMMERCIO, n. 08, 1853 (JORNAL DO COMMERCIO, 30 jun. 1853 apud WANTUIL, 2007, p. 68).

O *Diário de Pernambuco*, no dia 02 julho de 1853 noticiou os fenômenos, expondo na edição duas cartas, uma vinda de Portugal, especificamente da cidade do Porto, e outra de Paris. Na correspondência que partia de Portugal, datada do dia 09 de junho, dizia que:

A mania da Cadeia magnética para fazer dançar mesas, chapéus, pratos, etc., passa à loucura contagiosa; nos cafés, nas lojas, nas casas particulares, apresenta-se a cada passo o espetáculo de se acharem pessoas de todas as idades e sexos em volta dos objetos que se propõe fazer mover, um-dos e quedos, esperando o movimento, às vezes por espaço de muito tempo, de modo que a seriedade do mais fleumático saxônio-normando não poderia negar-lhe o tributo duma gargalhada (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 02 jul. 1853, p. 2, apud WANTUIL, 2007, p. 72).

Logo abaixo da correspondência vinda de Portugal, era publicada uma carta originária da França, com data de 20 de maio de 1853, nela se lia a estranheza que cingia o fenômeno das mesas girantes, porém não deixava de fazer menção à maneira como o fato que havia originado na América do Norte havia se popularizado na França. A carta contava que:

Apesar das preocupações políticas, um fato bizarro e que talvez não lhe é desconhecido, atraente neste momento a atenção curiosa do público, quero falar do fenômeno das tabulas volantes (tables tournantes). Esta bizarra descoberta nos veio da América do Norte, porém aclimatou-se logo em França, onde faz andar em roda todas as cabeças. Na hora em que lhe escrevo, não se pode por pé em um salão sem ver toda a sociedade em torno de uma mesa redonda tendo cada um o dedo mínimo apoiado no do vizinho, e esperando todos em silêncio que a tabula queira voltar. Nessa posição se está quinze minutos, meia hora, e até uma hora, como se estivesse ocupado de um negócio importante. Algumas

vezes a experiência falha, mas quase sempre tem resultado, e a mesa arrasta em seu movimento os experimentadores contentes e admirados. A mesma experiência se faz com os chapéus, sapatos, e uma multidão de objetos inertes, os quais recebem igualmente o impulso do fluido magnético. Tomei parte em algumas dessas experimentações, ajudei a fazer voltar a tabula, e afirmo-lhe que o fenômeno se produziu plenamente (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 02 jul. 1853, p. 2, apud WANTUIL, 2007, p. 73).

Naquele mesmo período, o *Diário de Pernambuco* publicou outras informações sobre as mesas girantes<sup>21</sup>. Entretanto, a matéria que foi publicada, em 14 de julho de 1853, chama a atenção para os estudos que buscam vislumbrar como as mesas girantes eram propagadas no Brasil. O jornal noticiava que o Dr. Sabino Pinho, médico homeopata, reuniu alguns amigos, em sua casa, para fazer experimentos que envolvessem o movimento de objetos.

Além dos periódicos: *Jornal do Commercio* e *Diário do Pernambuco*, o jornal *O Cearense* também divulgou as mesas girantes:

Apareceu agora em França um fato que despertou sumamente a curiosidade pública: quero falar-lhes das tabulas volantes (tables tornantes) que embora tenham sido inventadas na América inglesa, os franceses deram carta de naturalização (O CEARENSE, 1957, p. 134 apud WANTUIL, 2007, p. 76).

A homeopatia e a divulgação dos fenômenos sobrenaturais que estavam ocorrendo na Europa chegaram até o Brasil, primeiramente, com os imigrantes franceses e depois com os jornais que deixavam os brasileiros informados das novidades que ocorriam no além mar. Essas notícias tinham uma recepção ainda maior, pois a presença de crenças, fundamentadas em elementos espirituais, ou invisíveis, participava da cultura brasileira há tempos, desde que o período em que as religiões de origem africana, ou afro-brasileira, passaram a fazer parte do contexto do país .

As religiões africanas e afro-brasileiras adentraram, no Brasil, em período anterior ao Espiritismo Kardecista e em torno delas se realizaram sessões que revelam as separações constituídas entre escravos africanos e a religião dos seus

---

<sup>21</sup> Foi publicado no mesmo ano um artigo retirado do jornal "*L'illustration*", com o título de "A Seita dos Espíritos". O artigo foi publicado no dia 11 de julho de 1853 (MACHADO, 1983).

senhores. De certo modo, as disseminações africanas e afro-brasileiras delineavam práticas que guardavam semelhanças com o espiritismo.

Eram consideradas religiões aquelas que evocam espíritos para se comunicarem com o mundo dos vivos, em fenômenos conhecidos como transe. Estas características as aproximam do espiritismo, que apesar das diferenças, possuem a singularidade de encontrar seguidores, no Brasil, do século XIX

Acentuando um fenômeno que ocorria, com intensidade variável, em todo o país, a realidade mágica, muitas vezes se sobrepunha à própria realidade cotidiana. Os espíritos, as caprichosas assombrações, atazanavam os escravos em suas senzalas e os senhores em seus casarões. Temia-se a mandinga como a um animal venenoso, pronto a dar uma mordida mortal. Breves, figas e ervas mágicas protegiam do mau-olhado e da inveja. O misticismo era o adubo mais poderoso no terreno social. Tudo favorecia uma expansão fulminante do espiritismo (MACHADO, 1983, p. 82)

O terreno para o espiritismo brasileiro já havia sido preparado na Bahia, porém, gerava a separação entre brancos e negros, ou entre a senzala e o casarão. Entretanto, o espanto com as manifestações invisíveis também causava a curiosidade. Para aqueles que cultivavam apreço pelo ideário modernizante do século XIX, praticar a religião dos negros poderia ser algo pejorativo. Logo, a maneira de evitar a comparação era entender as religiões de possessão por outro prisma, que pudesse reunir filiações expostas como científicas, filosóficas e, ao mesmo tempo, religiosas.

Diversos autores, dentre eles Brown (1978) e Cavalcanti (1983) apontam que as disseminações religiosas, de origem africana, marcavam oposições entre o que era permitido e o que era proibido, sempre partindo do princípio de que as práticas católicas eram as corretas. O espiritismo tinha que driblar este empecilho, ou então, defender seus princípios das comparações com a religiosidade praticada pelos escravos. Exemplarmente, no que tange à última questão, os autores concordam que as vertentes religiosas de possessão amparavam a comunicação com os mortos. Neste ponto, elas auxiliaram na aceitação do espiritismo no Brasil (CAMARGO 1961; 1973; BROWN, 1985).

Para romper com as tradições religiosas dos escravos africanos, os primeiros seguidores baianos do Espiritismo procuraram fundamentar suas

aproximações com o legado europeu, sem dizer que, “[...] As obras de Kardec, lidas em francês eram discutidas apaixonadamente nas classes mais culta” (MACHADO, 1983, p. 81).

Portanto, os desdobramentos que principiaram o espiritismo brasileiro são semelhantes às ocorrências do que se via na França, distante guardava as particularidades locais, sobretudo, no que diz respeito à religiosidade. Enquanto na França, as reuniões tinham características entoadas como cientificistas, em que a observação de fenômenos das mesas girantes era um meio de experimentar a existência da comunicação com os espíritos desencarnados, no Brasil as reuniões tinham outro foco. Logo, constituiu-se um espiritismo com as especificidades brasileiras.

#### **4.2 Espiritismo à brasileira: dos primeiros passos na Bahia à difusão no Rio de Janeiro**

No momento em que o espiritismo kardecista se instaurou em terras brasileiras, ele contou com dois pólos de disseminação: o Rio de Janeiro e a Bahia. Outras províncias também tinham seus seguidores e adeptos, contudo, a ausência de meios de propagação, como centros de estudos e periódicos específicos, fez com que as demais províncias tivessem um despontar da Doutrina Espírita quase incipiente (MACHADO, 1983)<sup>22</sup>.

Os anos correspondem a segunda metade do século XIX, momento em que o Brasil vivenciava um período de transição. Estava em evidência a crise do império, o qual se encontrava abalado pelas tendências modernizadoras que interferiam diretamente nas relações políticas e aglutinava uma leva contestatória rebelada contra o regime monárquico.

A ordem imperial era questionada por elites intelectualizadas em ascensão, sobretudo as que eram influenciadas pelas notícias vindas dos países que o

---

<sup>22</sup> Veloso (2010), indica que as obras kardecistas tiveram maior dificuldade de circular em outras províncias devido a falta de tecnologias que fizessem com que as obras kardecistas chegassem até outros pontos. “Com a implantação das ferrovias” e estradas de ferros a situação começou a se modificar, contudo, o quadro só se efetiva no final do século

Brasil tomava como exemplo. Nesse quadro, a Doutrina Espírita aportou em Salvador para depois se difundir na Corte do Rio de Janeiro. Ao abordar sobre o contexto histórico de chegada do espiritismo, a socióloga Célia Arribas diz que:

Não só a cidade de Salvador, mas o Brasil enfrentava grandes mudanças: o movimento abolicionista, que culminou com o fim da escravidão em 1888, ocasionando uma crise na mão-de-obra da lavoura; a Guerra do Paraguai (1870), que resultou na politização do exército e no fortalecimento das idéias republicanas; os conflitos entre a Igreja e o Império Brasileiro; as reivindicações cada vez maiores de uma camada social média (da qual pertenciam funcionários públicos, profissionais liberais, estudantes, artistas, comerciantes) que estava crescendo nos grandes centros urbanos e desejava mais liberdade e maior participação nos assuntos políticos do país, identificando-se, assim, com os ideais republicanos. Além de tudo isso, a Bahia, em particular, passava por uma crise econômica devido à forte concorrência no mercado internacional de açúcar, sua principal fonte de riqueza (ARRIBAS, 2010, p. 76-77)

O contexto político e econômico sofria contestações, deixando em evidência uma expressiva vontade de mudança. Partes das reivindicações seriam atendidas com o fim do Império e a implantação da República, que se mostrava como o exemplo de regime político mais moderno e menos conservador.

Como se não bastasse, o cenário de profundas alterações adentrava as ideologias da época a partir de um “revolucionarismo” que insurgia contra o ímpeto materialista iniciado com as revoluções do século anterior. Notoriamente, o período viu o fulgor com que diversas ideologias políticas se erguiam mundo a fora, sendo que o Brasil não fugiu dessa conjuntura. Além das ideologias revolucionárias, surgiam as tendências que se proclamavam científicas no intento de subsidiar todo aquele processo.

Grande parte dessas tendências aludia à ordem numa sociedade em que as desavenças estabelecidas pelas condições revolucionárias tinham se fixado. O espiritismo era uma dessas tendências, que além de se auto-afirmar científica, ainda dizia ser filosófica e religiosa. A tendência iniciada por Kardec adentra ao Brasil com o discurso ordeiro, em que a meta era fazer as almas progredirem por meio do progresso moral. Tão logo, colocavam-se novas tendências que aliavam as perspectivas modernizadoras e republicanas de então.

Além disso, por meio da imprensa, procurou estabelecer uma imagem de doutrina civilizadora, participando do levante contestatório, ao mesmo tempo em que promulgava a ordem social. Nesse ponto, os espíritas entendiam que,

A república era vista como uma conquista do espírito humano, previsível por meio das leis divinas, expressas na natureza e 'desvendadas' pela obra de codificação. O ideário republicano assumido pelo espiritismo aprofundava a oposição construída pelo imaginário kardecista com o católico. A imprensa e a literatura espírita aprofundavam a construção das oposições imaginárias entre o passado legitimista católico e o presente e o futuro, marcados pelas conquistas das liberdades, que renunciaram a utopia (ISAIA, 2012, p. 104).

Quando chega ao Brasil a Doutrina Espírita adentra pela província da Bahia, a qual experimentava o decurso histórico marcado pelo legado religioso católico. Igualmente ao que ocorria em outras províncias, na Bahia se reproduzia os interesses de uma nova camada social e suas angústias com a manutenção da antiga estrutura patriarcal, na qual prevalecia a economia da monocultura, com uso de mão de obra escravocrata. Sem dizer que alguns segmentos também se levantavam contra as alianças do Estado com o conservadorismo da Igreja Católica.

Por suas características econômicas e culturais, a Bahia reunia um número considerável de escravos e estruturas culturais, tanto nas senzalas quanto nos quilombos. Religiões, danças e festeiros que provinham do universo africano e que se espalhavam pela província causavam certa rejeição numa parte da sociedade, mas não deixava de causar curiosidade.

As características procedentes do cenário baiano foram essenciais na implantação do espiritismo brasileiro, o qual foi iniciado pela adesão de um pequeno grupo interessado em estudar as obras de Kardec. Nascia assim, o primeiro centro espírita brasileiro no ano de 1865, quando foi criado em Salvador, o Grupo Familiar de Espiritismo.

O grupo foi dirigido por Luis Olímpio Teles de Menezes e nele se lia, em francês, as obras de Kardec. Pela própria afinidade com a leitura no idioma francês, percebe-se que os primeiros adeptos da doutrina eram letrados e, conseqüentemente, tinha aproximação com ideias vindas da Europa e circulavam em outros idiomas.

Os primeiros participantes de grupos de estudos espíritas discutiam os fenômenos sobre a vida na pós-morte, numa perspectiva que pretendia agrupar as concepções religiosas e as que se diziam científicas. Entretanto, em certa medida, pode se afirmar que a iniciativa de criar um grupo foi dada pela “[...] repressão do clero [que] aguçou fortemente o instinto de luta dos pioneiros. Em meados da década de 1860, Salvador conheceu uma explosão espírita de que não há paralelo no Brasil” (MACHADO, 1983, p. 68). Ao interpretar assuntos de ordem religiosa, o espiritismo gerava receios, mas numa cidade como Salvador, em que o ecletismo era uma realidade, à aderência a Doutrina Espírita não demorou.

Está explicação é encontrada em estudiosos que analisaram os primeiros passos da Doutrina Espírita no Brasil, como por exemplo, Sandra Jaqueline Stoll que narra o momento inicial do espiritismo brasileiro do seguinte modo:

Salvador saiu na frente para a consolidação do Espiritismo Brasileiro quando no dia 17 de setembro de 1865 instalou o Grupo Familiar de Espiritismo, presidido por Luís Olímpio Teles de Menezes. Naquele dia ocorreu a primeira sessão mediúnica com a psicografia de uma carta a quem foi atribuída ao “Anjo Gabriel” (STOLL, 2002, p. 34).

Mesmo com todo o ecletismo, a inserção do espiritismo, na Bahia, não se deu sem resistência feita pelo Catolicismo. De acordo com Paulo Cesar Fernandes, estabeleceram-se contendas que caracterizam a rejeição de novas correntes religiosas. O autor cita dois acontecimentos marcantes: o primeiro deles é a carta que foi enviada ao Arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira, por Manoel da Silva Pereira, ex-major do exército. Segundo Fernandes, a carta criticava os ensinamentos espíritas que estavam sendo publicados pelo jornalista baiano, Luiz Olímpio Teles de Menezes (FERNANDES, 2003).

A segunda contenda, relatada por Fernandes, foi estabelecida pelo Padre Juliano José de Miranda da província da Bahia, o qual escreveu para o próprio Teles de Menezes, mostrando sua contrariedade aos princípios doutrinários do espiritismo. Na carta, havia a indicação de que o espiritismo era uma “doutrina demoníaca” e praticada por pessoas que tinham em mente “fraudar os dogmas católicos” (FERNANDES, 2003, p. 68).



Como forma de rebater as críticas, Teles de Menezes, respondeu criando o jornal *O Écho d'Além Túmulo*, periódico que iniciou suas atividades, em 1869, e visava defender “[...] a verdadeira ciência, capaz de aproximar o homem de Deus” (Ó ÉCHO..., jul. 1869, n. 1, p. 1).

Os ataques aos espíritas partiam de padres, beatos e de bispos que se opunham, ferozmente, os preceitos doutrinários do espiritismo, como por exemplo, a reencarnação e a comunicação com os mortos. A busca por inserir a Doutrina Espírita contrariava uma sociedade habituada com os dogmas católicos. Para a Igreja Católica não era possível aceitar a introdução dos princípios que contrariavam a ressurreição e que postulava a possibilidade da alma voltar para evoluir, corrigindo os erros do passado, como divulgava o espiritismo.

Consideramos que as querelas teóricas envolvendo a Igreja Católica e o movimento espírita giraram em torno da oposição entre a idéia espírita de *reencarnação* e da evolução do espírito como via salvífica e a idéia católica de *ressurreição* e da misericórdia divina como graça de salvação, como também de possibilidade/ impossibilidade da comunicação com os mortos e da pretensão ‘científica’ do espiritismo em desvendar o transcendente em contraposição à aceitação católica diante do *misterium* indecifrável (CAMARGO, 1971, p. 139, grifo do autor).

Outros desentendimentos entre católicos e o iniciador das publicações espíritas brasileiras tomaram proporções maiores, fazendo com que a *Sociedade Anônima para Estudos Espíritas*<sup>23</sup>, na França, se pronunciasse a respeito em 11 de Outubro de 1869, a referida sociedade remeteu carta a Teles de Menezes, publicada na Revista Espírita nos seguintes termos:

Para nós, o espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada. Ele é e deve continuar como uma filosofia tolerante e progressiva, abrindo seus braços a todos os deserdados, seja qual for a nacionalidade e a convicção a que pertençam. Não ignoramos que o caráter e a crença daqueles a quem se dirige *O Eco do Além-Túmulo* devem levar o Sr. Luiz Olímpio a manejar certas susceptibilidades. Mas acreditamos, por experiência, que a melhor maneira de conciliar todos os interesses consiste em evitar tratar de questões que a cada um cabe resolver, e empenhar-se em popularizar os grandes ensinamentos que encontram eco simpático em todos os corações chamados ao

<sup>23</sup> *Société Anonyme à parts d'intérêt et à Capital variable de La Caisse générale et centrale Du Spiritisme.*

batismo da regeneração e ao progresso infinito (REVUE SPIRITE, 1869, p. 475).

A opção encontrada por Teles de Menezes era seguir com a disseminação do espiritismo, apoiando-se na perspectiva científica. Afrontar o catolicismo seria um motivo a mais para a não aceitação da doutrina numa sociedade em que a Igreja Católica era imposta como religião oficial. Do mais, as oposições aos adeptos do espiritismo tinham se iniciado antes do lançamento do jornal *O Écho d'Além Túmulo*.

As divergências remontavam os anos de 1850, quando o ritual das mesas girantes foi popularizado na França e adentrava ao Brasil em reuniões feitas por curiosidade, ou na tentativa de atestar veracidade aos fenômenos das “mesas girantes”. Do mesmo modo que era feito nos salões europeus, quando estavam reunidos, os participantes estendiam suas mãos sobre mesas e questionavam os espíritos sobre a possível vida pós-morte. Esse processo de difusão dos “fenômenos espirituais” não diferia do que ocorria nos salões parisienses (WANTUIL, 2007).

A doutrina atraía alguns participantes, no entanto, também se abria para ser combatida, sobretudo pelos católicos conservadores, e por outros segmentos, como por exemplo, os médicos alopatas, que relacionavam o espiritismo com o crescimento da homeopatia.

Em um contexto que primava pela observação empírica, pautada nas ciências positivas, aumentava o número de interessados nos fenômenos invisíveis, e também aumentava o número daqueles que duvidavam de qualquer ciência que não comprovasse seus métodos. As investigações que pareciam inovadoras para os intelectuais brasileiros da época eram realizadas com certa frequência na Europa, mas em terras brasileiras não passavam de manifestações fantasiosas (STOLL, 2004).

Aos que tomaram o espiritismo como uma nova ciência, abria-se a possibilidade de compreender o mundo pela interface que agrupava a religião com a filosofia e a ciência, tornando-se, assim, bem quista por pequenos grupos de intelectuais interessados na modernização do pensamento religioso brasileiro. Contudo, as investigações sobre espiritismo não conseguiam penetrar largamente

em todos os meios intelectuais, sendo que os grupos que se criaram no Brasil seguiram orientações diversas.

A falta de um direcionamento fez com que o movimento não tivesse a proporção esperada por seus iniciadores brasileiros, os quais foram criticados, veementemente, tanto por pessoas ligadas a Igreja Católica, mas também por homens ditos da ciência, como os médicos da época<sup>24</sup>. Estes últimos questionavam a possibilidade de cura que a doutrina dizia ser possível mediante o passe que era aplicado, em reuniões, ou ainda, praticado por homeopatas que vinculavam o espiritismo à medicina. Do mais, a característica religiosa denotava um ar de curiosidade que retirava a credulidade da razão científica ao envolver curiosos que queriam ver mesas dançar e girar (MACHADO, 1983; DAMAZIO, 1994).

Para a expansão do espiritismo, era essencial que as leituras das obras doutrinárias fossem realizadas com disciplina. O modelo de estudos encontrado foi de reuniões em grupos, como os realizado pelo Grupo Familiar de Espiritismo, lançado em Salvador.

Por sua vez, no Rio de Janeiro, a Doutrina Espírita era vista como se fosse uma dentre tantas outras tendências da época. Não meramente, procurou estabelecer centros de estudos, requerendo o mesmo processo decorrente da implantação de sociedades científicas e literárias que estava ocorrendo na Corte. Seguindo esta perspectiva, no ano de 1873 foi fundado o Grupo Confúcio<sup>25</sup>. A partir de então, diversos adeptos dos estudos espíritas começaram a partilhar de ideais parecidos que, de maneira geral, fazia coro ao progresso e a modernização. O Grupo Confúcio assumia-se enquanto um lugar de “estudos para as manifestações espíritas”. Comparativamente, os “manuais científicos” que

---

<sup>24</sup> No Brasil, muitos médicos recusaram a possibilidade de curas espirituais. O *magnetismo animal* ou *mesmerismo* já era estudado na Europa com a finalidade médica, afirmando que as energias vindas dos espíritos transmitiam fluídos magnéticos provindos da imposição das mãos e sem relação com forças espirituais (MACHADO, 1993; DAMAZIO, 1994).

<sup>25</sup> “O Grupo devia seu nome a uma das mensagens recebidas, quando da primeira sessão oficial, por psicografia da Sra. Pimet e assinada por *Confucius*. Todavia, não se deve haver engano, não tendo o nome relação com o filósofo chinês, tratava-se de um grande emissário de Ismael, que adotando aquele pseudônimo, transmitia mensagens instrutivas e ensinamentos sérios aos poucos grupos particulares que havia, naquela época, na corte do Brasil” (AUBRÉE; LAPLATINE, 2009, p. 143).

orientavam os seus experimentos era composto pelo *Livro dos Espíritos* e pelo *Livro dos Médiuns*. No regulamento da instituição essa questão ficava acertada:

O Regulamento, datado de 9 de Outubro de 1873, e publicado nesse mesmo ano pela 'Tipografia da América, Rua da Assembléia n. 36-A, rezava o artigo 1° que a Sociedade tinha 'por fim o estudo dos fenômenos relativos as manifestações espiríticas, bem como o de suas aplicações às ciências morais, históricas e psicológicas'. O artigo 28 dizia que o Grupo seguiria os princípios e as formalidades exposto n' *O Livro dos Espíritos* e n' *O Livro dos Médiuns*, conformando-se com as diretrizes adotadas pela 'Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec', com sede em Paris e na época sob a esclarecida direção de P. G. Leymarie (WANTUIL, 2002, p. 121, grifo do autor).

O estudo dos textos básicos do espiritismo era circunscrito aos homens letrados, muitos deles oriundos de famílias que tinham, na Europa, o destino preferido para a formação estudantil de seus filhos, aproximando-os do que havia de mais inovador, tanto em termos religiosos, como científicos.

Surgiam assim, os primeiros intelectuais do espiritismo brasileiro, que além do Grupo Confúcio, freqüentava am Sociedade de Estudos Deus, Cristo e Caridade. Entre os anos de 1876 até 1879, basicamente, eram esses os dois centros de disseminação espírita no Rio de Janeiro. Entretanto, o grupo precisava de uma maior representatividade e, como a maioria de seus membros tinham por objetivo colocar em prática o quê acolhiam como científico, fundaram em 1879 a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade.

A sociedade dizia ser de cunho científico e literário, sendo que seus participantes alegavam que eram agentes de agentes de um tipo de moral, inspirada por concepções científicas que nascera na modernidade, por volta do século XV e vinha se consolidado, alcançando seu apogeu no século XVIII e XIX. Ao congregarem-se, os adeptos do espiritismo, afirmavam ser possuidores do perfil que atrelava a moral e a ciência. Eles ratificavam que eram,

[...] homens honestos, respeitadores da lei, como símbolo da ordem, que colocam o amor a verdade acima de todas as considerações humanas, estudando, comparando, analisando, sistematizando e experimentando, a face da astronomia, da física, da química, da anatomia e da fisiologia etc, etc, (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan., n.1, 1881, p. 25).

Todas as qualidades expostas pelos intelectuais espíritas, como se lê na citação acima, eram importantes para que eles pudessem participar socialmente das decisões daquele período, sobretudo, pela época exigir um perfil de homem progressista, de acordo com os princípios modernos. Assim, o espiritismo adentrava a Corte como uma alternativa que encantava e inspirava ao progresso social mediante o uso das ciências.

Em sua maioria, os intelectuais do espiritismo carioca acatavam esse tipo de discurso e, juntamente com outros segmentos, passaram a compor “A elite ilustrada que se formara no último quartel do século XIX [e que] era obcecada pela idéia de ciência, progresso, civilização, modernidade” (CARVALHO, 2003, p. 111).

Ainda que a afirmação de Carvalho não se refira diretamente aos intelectuais espíritas, é possível inseri-los no mesmo plano dos demais intelectuais da época, aos quais Angela Alonso nomeia como sendo a “Geração de 1870” (ALONSO, 2002). Caracteristicamente, eram homens bens instruídos, que se valiam da contrariedade aos encaminhamentos do Império para expor suas convicções modernizadoras.

Outra particularidade daquela geração é que os intelectuais espíritas do Rio de Janeiro não atuavam isoladamente, mas configuraram um grupo baseado em seus ideais, o qual compartilhavam e expressavam, inclusive nas páginas da Revista da Sociedade Acadêmica, lançada em 1881. Nela, os espíritas naturalizavam suas premissas aos debates das lutas sociais que já eram correntes, sobretudo na imprensa republicana da Corte.

Observa-se que, tanto os intelectuais da imprensa espírita como os de outros segmentos, mantinham a mesma obsessão pelas ideias de ciência e progresso, lemas que utilizaram, pedagogicamente, para a instrução por meio da imprensa e que serão discutidos no próximo capítulo.

## 5 A IMPRENSA ESPÍRITA E OS PRINCÍPIOS FORMATIVOS DO SÉCULO XIX

Os anos oitocentos deixaram de legado o debate acerca de temas significativos para a Educação, como a instrução pública, a laicização do Estado, o método intuitivo e tantos outros exemplos (CASTANHO, 2009). No período ergueram-se diversos princípios educativos, pautados em ideais, que se afirmavam científicos, progressistas e morais. Estes princípios não estavam restritos a educação formal, porém, davam conta de formar as concepções que impetravam a determinados grupos, a exemplo dos intelectuais que escreviam para a imprensa espírita.

O período verificou a efervescência de grupos que tentavam impor suas visões de mundo recorrendo a ideias reformistas, as quais, fossem acatadas, destituiria o Império. A política imperial era acusada de manter estruturas conservadoras, a exemplo do vínculo com a aristocracia rural e das relações que sustentava com a Igreja Católica. Estas questões passaram a ser o alvo das contendas, manifestadas em diversos espaços públicos, dentre eles, a imprensa.

Das insatisfações do período, emergiram discursos eloquentes na busca de modos de governar que não se ativessem no conservadorismo e, atualizando as concepções mantenedoras de relações inconciliáveis com o propalado progresso. Era necessário evoluir! Darwin e Spencer já haviam proclamado, contudo, quando assim fizeram, balizaram suas abordagens ao desenvolvimento biológico.

As novas condições, vistas em países como o Brasil, indicavam que não só o universo físico e natural precisa evoluir, mas também era preciso fazer com que o espírito humano encontrasse um caminho para os estágios de perfeição. As almas também tinham que evoluir, porém, não por seleção natural, mas pelas escolhas individuais de cada sujeito. Essa forma de pensar sintetiza o modelo progressista do espiritismo que, juntamente com as ideologias revolucionárias e as concepções biologicistas, adentraram o país.

Os periódicos espíritas não tinham a pretensão de fazer a discussão sobre a renovação da política imperial. No entanto, o que se observa é que ela instruía o seu público a partir de ideais que também circulavam em outros editoriais. Ou

seja, os princípios cientificistas, progressistas e moralizantes, não eram uma exclusividade dos periódicos espíritas.

Entretanto, se a imprensa espírita utilizava de conceitos correntes em outros periódicos, que pretendiam ser combativos em relação ao Estado imperial, pode-se dizer que ela era mais um modelo editorial a somar forças aos interesses que aspiravam modernizar a sociedade. Como assevera Barbosa, a imprensa do século XIX, mesmo que não divulgasse sua intenção em interferir na política, deixava visível a vontade de fazer valer as reivindicações ideológicas dos seus editores, redatores e jornalistas (BARBOSA, 2010).

Porém, as concepções modernizadoras, que preenchiam as páginas dos periódicos espíritas, possuíam funções que, em certa medida, eram distintas das concepções correntes nos demais segmentos intelectualizados. Em outras palavras, as ideologias da Doutrina Espírita, no que tange as ideias modernizadoras, atendiam os interesses reformistas do período, mas não se eximiam de expressar os princípios doutrinários do espiritismo. Materializa-se então a concepção de progresso espiritual, que além de proporcionar a evolução da alma, servia para justificar a regeneração humana.

Não se perde de vista que a Doutrina Espírita estabelecia vínculos com as questões religiosas, as quais eram lembradas com um enfoque moralizante. Nesse sentido, há o entendimento de que as noções de ciência e de progresso vinculavam-se aos encaminhamentos sobre uma sociedade moral, sendo assertivos em promulgar as ideias que o país necessitava para caminhar rumo à civilização.

Tem-se assim que a imprensa espírita servia para disseminar a doutrina criada por Allan Kardec, mas também servia para a consolidação de ideologias que circulavam no final do Império brasileiro. Instrutivamente, cabia a ela auxiliar na proliferação de postulados modernizadores, que atuavam pedagogicamente ao publicar que os homens deveriam cultivar o progresso moral, visando a evolução dos seus espíritos.

Para dar conta das articulações educativas por meio da imprensa espírita, seus articulistas atuaram no quadro mais amplo da conjuntura histórica em que visões de mundo eram propagadas para atrair as causas ideológicas. Desse modo, as ideologias modernizadoras eram apresentadas como a esperança para

renovar as antigas concepções. Com o discurso objetivado para renovar todo aquele cenário, os espíritas expressavam os conceitos de progresso e evolução como os norteadores do desenvolvimento. O que se pretendia era construir outra ordem, uma vez que o modelo em vigência respaldava a estrutura do Império entendida como retrógrada quando comparada aos regimes políticos edificados em outros contextos, sobretudo, nos países europeus.

As ideias emanadas, de países ditos civilizados, deviam dar conta de que os países periféricos pudessem seguir rumos semelhantes ao percorrido em lugares de civilização adiantada. Essa visão contrariava a composição patriarcal do Império, culpabilizada por não permitir o desenvolvimento econômico, e por permitir a permanência de noções que inviabilizavam a industrialização, a urbanização e o progresso.

Os significados daquele contexto vinham do discurso científico e ganhava espaço nas páginas da imprensa espírita. Sendo o espiritismo um produto das ideologias emblemáticas do século XIX, ele não poderia deixar de mostrar sua pretensão em se firmar como uma ciência. Nesta perspectiva, a imprensa espírita recorria a valores morais, mostrando que o progresso era uma consequência da caridade e do amor. Em concordância com este modo de pensar, o redator do jornal *O Écho d'Além Túmulo* recomendava que os homens mantivessem suas atitudes superiores para que pudessem sempre progredir. Em uma citação do referido jornal, que versava sobre os males que acometem o progresso, pode ser lido que:

O egoísmo que domina os homens, é um indício de sua inferioridade, como espíritos; é por isso que atraem sobre a terra maior número de maus do que de bons espíritos, mas os bons vem também auxiliar o progresso (O ÉCHO... jan., 1870, n. 4, p. 187).

Para evitar o egoísmo os homens deveriam procurar praticar a caridade. Era essa a instrução dada n' *O Écho*. A mesma orientação, para que se ensinasse a caridade e a moral, procedendo como instrução, marcadamente, oitocentista foi feito pelo redator da *Revista Espírita*. Para tal, afirmava que:



O espiritismo é a mais sublime expressa da moral na humanidade, a mais racional das concepções filosóficas, e por todos esses títulos é ele destinado a reunir sob sua bandeira, em futuro mais ou menos próximo, a imensa maioria das nações do globo (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 39).

Seguindo o mesmo princípio, *A Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* orientava:

Ensine-se a grande lei do progresso – Caridade e amor, - estabeleça-se a fraternidade e a paz universal, e a humildade compreenderá que só pode adorar a Deus em espírito e verdade, aquele, que para externar o seu culto intimo, faz aos outros o que queriam que lhe fizessem (REVISTA DA SOCIEDADE..., abr. 1881, n. 4, p. 112).

Ao fazer alusão ao progresso e a moralidade, os periódicos do espiritismo declaravam se vincular ao projeto modernizador em processo de instauração. Suas convicções ajustavam-se as lutas políticas, como a causa abolicionista e republicana, usando como pano de fundo a moralidade das relações humanas, as quais seriam alcançadas pelo “progresso moral”.

Em uma célebre frase, Allan Kardec registrou o que se tornou o maior lema da Doutrina Espírita: “Sem caridade não há salvação” (KARDEC, 2002a, p. 207). A frase estampava a capa da *Revista Espírita* e foi citada e analisada pelos demais periódicos, que afirmavam primar pela moral e caridade, estabelecendo os fundamentos educativos do espiritismo.

O discurso publicado nas páginas da imprensa espírita criava interfaces com um novo modelo de educar, expondo ser a moral espírita, que não afligia os valores cristãos, o caminho adequado para a melhoria dos homens. Enquanto “encarnados”, os homens deveriam buscar a caridade, o amor e a solidariedade para que, após a morte – ou depois de “desencarnados”, o espírito pudesse evoluir para um estágio de perfeição. Aqueles que não tivessem alcançado o referido estágio, poderiam retornar ao mundo para tentar adequar-se aos ideias que faziam o espírito evoluir.

Todavia, o ideal de progresso seguia as recomendações vindas dos “espíritos evoluídos”, o qual, para a maioria dos não adeptos do espiritismo, era inexistente. Sendo assim, as recomendações só teriam aceitação, caso fosse

primeiramente, comprovada a existência de vida depois da morte. Nada seria mais louvável para os espíritas se a ciência da época confirmasse a existência dos espíritos evoluídos, que habitava os mundos invisíveis e que entravam em contato mediúnico com os vivos. A comprovação da existência da vida espiritual precisava ganhar credibilidade, caso contrário, haveria dificuldades para que os propósitos morais, ditados pelos espíritos evoluídos, fossem aceitos. A missão de certificar a veracidade da vida espiritual, naquele momento, foi determinada a imprensa espírita que insistiu na perspectiva científica para comprovar sua crença. Eis o desafio dos intelectuais espíritas e dos periódicos que publicaram.

### **5.1 Os periódicos da imprensa espírita**

Ao recuperarem-se os textos da imprensa espírita, é possível encontrar excertos que pretendiam instruir os adeptos do espiritismo sobre posturas concordantes com o ideário oitocentista. Como faziam outros periódicos da época, que acatavam as ideologias dos intelectuais da Corte, a imprensa espírita “[...] deve ser considerada hoje como agente de modernização política; entendemos aí que ela adota uma atitude crítica mais receptiva em relação à mudança” (COUTROT, 2003, p. 350).

Nas páginas da imprensa espírita, as contendas não proclamavam abertamente o partidário político, ainda que seus intelectuais deixassem claro o lado que estavam dentro do levante ideológico que se instaurava. Embora suas alterações permanecessem mais no plano das ideias, do que, propriamente, no âmbito da prática, eles evidenciavam que eram contrários a política imperial e favoráveis as ideias que conclamavam o republicanismo, ou, ao menos, as mudanças das práticas em voga na monarquia. Enfatizavam questões cívicas e reformistas, a exemplo do vínculo entre Estado e Igreja. Em outra explicação:

Com uma proposta que endossava diretamente os valores cívicos, o Espiritismo vai aprofundar em seu discurso a defesa da ordem republicana, vista como sintoma do novo homem e da nova terra anunciados pelos espíritos. O comprometimento da doutrina

espírita com as virtudes cívicas, com o elogio à cidadania, acentuara sua oposição ao catolicismo, encarado como o baluarte de preservação dos antigos privilégios (ISAIA, 2007, p. 291).

Todas estas solicitações indicadas por Isaia (2007) estavam na pauta das contendas entre modernizadores e conservadores. Sendo os espíritas, modernizadores, que aspiravam a um modelo específico de tendência progressista, eles enlaçavam similaridades com intelectuais não espíritas que também difundiam ideias modernizantes. Esta era uma prática presente em vários grupos e adentrou as páginas dos periódicos espíritas.

As similaridades de ideias que partiam do ideário oitocentista fizeram se presente nos três periódicos históricos, que marcam o início do espiritismo brasileiro. Neles havia a exposição do discurso progressista, cientificista e moralizante por parte dos seus articuladores. Exemplarmente, alegaram em algum momento que o progresso seria alcançado quando a ciência moderna fosse empregada à religião e, em tal ponto, os homens viveriam em uma era em que “[...] todos evoluiriam intelectual e moralmente” (MONTEIRO, 2003, p. 78).

O interesse que nutriam por tais termos fazia com que eles se ligassem em rede, sendo que a sociabilidade acontecia nas páginas da imprensa. Era uma estratégia de disseminação da doutrina encontrada em homens como Luiz Olímpio Teles de Menezes, Antonio da Silva Neto, e dos membros da Revista da Sociedade Acadêmica, Deus, Cristo e Caridade.

Nos jornais para os quais estes homens escreviam, ficaram registrados os interesses em divulgar as ideias que, segundo eles, iriam modernizar o pensamento e fazer com que a sociedade evoluísse. As características, presentes em cada um destes intelectuais espíritas necessitam ser analisadas para o devido entendimento de como suas ideias eram compartilhadas em redes.

Além de estampar as ideologias do período, os jornais e revistas espíritas publicavam fatos que diziam ser provenientes de espíritos evoluídos, como se fossem ensinamentos a serem seguidos pelos viventes. Nomes de espíritos, ou apenas a menção a mensagens vindas do mundo espiritual preenchiam as colunas e seções dos três periódicos analisados.

Em determinadas seções, apresentavam-se os diálogos entre o redator e os leitores, que por meio de cartas, ou por textos direcionados, geralmente

esclareciam dúvidas sobre questões doutrinárias. Muitas dessas questões não passavam de curiosidades daqueles que não concordavam, ou ainda, não tinham se convencido da existência da vida no além túmulo. Do mais, nas páginas da imprensa espírita aparecia ainda a defesa da doutrina frente aos ataques de católicos, ou até mesmo, daqueles que não concordavam com as reflexões feitas pelos espíritas que escreveram para os jornais.

Os objetivos estipulados pela imprensa espírita podem ser sintetizados da seguinte forma:

- Eles objetivavam *divulgar as ideias Kardecistas no Brasil*: fato que se comprova com a tradução dos *Livros da Codificação*, bem como a referência constante aos demais textos Kardec e seus seguidores, principalmente os que participavam dos debates que se davam em outros países;

- Foram estabelecidos para ser o *local de exposição das ideias de seus redatores*: nos três periódicos analisados os intelectuais apontam convicções que demonstram a forma como pensavam, tanto no que diz respeito às questões espíritas, quanto em outras questões, como por exemplo, no que tange a participação política do contexto imperial;

- *Serviam para esclarecer os curiosos sobre o mundo dos mortos*: a linguagem própria do espiritismo, bem como as premissas que cercavam a doutrina foi enfatizada nos periódicos. De modo exemplar, a *Revista Espírita* deixava esta característica mais evidente;

- E, ainda, eram usados para *defender o espiritismo do conservadorismo religioso*, fosse pela tradição católica do Brasil, ou em decorrência do descrédito em seus princípios. Certo é que os periódicos publicaram textos em que defendiam a Doutrina dos ataques de padres, bispos e outras figuras ligadas a Igreja. Contudo, apresentavam estes textos mais num sentido de defesa, do que propriamente uma propaganda espírita.

Para certificar dos objetivos acima descritos, a seguir serão abordadas as particularidades de cada periódico espírita analisado. O interesse é apresentar as características gerais dos mesmos, como o formato redacional e os articulistas que os compunham.

Inicia-se a exposição na ordem cronológica em que os mesmos foram publicados, a saber: ***O Écho d'Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil***

(1869-1870), a *Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos* (1875) e a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* (1881-1882).

### 5.1.1 O Écho d'Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil (1869-1870)

O *Écho d'Além Túmulo* veio a lume no ano de 1869, mesmo ano em que Allan Kardec faleceu em Paris. Sua morte não pôs fim na obra por ele iniciada em 1857, quando publicou *O Livro dos Espíritos*. Ao contrário, as ideias de Kardec continuaram a percorrer o mundo e aportando em países como o Brasil, acolhedor as novidades que se diziam progressistas.

A imprensa da época auxiliou para que as ideias de Kardec continuassem a ser difundidas. No Brasil, o jornal *O Écho do Além Túmulo* prestou significativo trabalho ao espiritismo quando, Luiz Olímpio Teles de Menezes, principiou a publicação do jornal, considerado o pioneiro da imprensa espírita brasileira.

O jornal era impresso na tipografia do *Diário da Bahia* e inaugurou um novo modelo editorial, constituindo-se no primeiro periódico a disseminar, em idioma português, as premissas kardecistas. Até então, o contato com estas ideias eram pouco difundidas, e muitas vezes, requeriam o conhecimento da língua francesa, fato que dificultava sua propagação entre os segmentos não letrados. Entretanto, mesmo depois de sua publicação ser lançada, as ideias continuaram restritas a pequenos grupos, sobretudo por confluir interesses de homens interessados em modernizar o país. Do mais, mesmo estando em português, a leitura de periódicos não alcançava o volume de analfabetos do período (STOLL, 2004).

A circulação do periódico era bimestral e cada número saía impresso com cinquenta páginas divididas em seções que não adotavam uma padronização, variando a disposição de colunas de um número para o outro. As únicas informações que permaneciam fixas eram as contidas na capa e as que vinham nas últimas páginas do jornal. Na capa, publicavam-se os dados de identificação como, por exemplo, a tipografia que imprimia o jornal e a data da publicação

(ANEXO A). Nas páginas finais havia uma parte dedicada as “Variedades”, em que, geralmente, eram publicados “Aforismos Espíritas”. (ANEXO B).

O jornal assumiu tamanha repercussão que dos seis volumes lançados, o seu editor “[...] chegou a fazer um compêndio, equivalente a um livro, como resultado do primeiro ano de sua publicação, correspondente ao período de julho de 1869 a maio de 1870, compondo um total de 304 páginas” (FERNANDES, 2003, p. 61).

O referido compêndio também foi vendido, como se fosse um livro. A obra trazia na capa as livrarias em que o mesmo seria comercializado, bem como mostrava os dados relativos à participação de Teles de Menezes como “Membro do Instituto Histórico da Bahia e Sócio Honorário Correspondente da Sociedade Magnética da Itália” (ANEXO C). O compêndio continha um índice que servia como um guia para encontrar as ideias que estavam distribuídas ao longo do periódico. (ANEXO D).

Nas páginas introdutórias, do primeiro número, constavam as “Condições de Assinatura” do periódico, alertando que o pagamento deveria ser “sempre adiantado”, para que não houvesse interrupções na entrega. Valores e outras particularidades do periódico foram descritas da seguinte forma:

#### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

O ÉCHO D'ALÉM-TÚMULO aparece, bimestralmente, em um folheto, in-8º grande, contendo 50 páginas de impressão.

Preços para a capital da Bahia 9\$000 por ano, e fora da capital, 10\$500; para todas as Províncias do Brasil 11\$000 (livre de porte); fora do Brasil 12\$500 (livre de porte).

Não se assina por menos de um ano. Todas as assinaturas partem do 1º de Janeiro, enviando-se os números publicados as pessoas que assinarem no decurso do ano: o pagamento deve ser feito sempre adiantado, para não haver interrupção na entrega.

Número avulso 2\$000.

São unicamente recebidas cartas livres de porte (O ÉCHO..., 1870, capa, p. 1).

A circulação d'*O Écho d'Além Túmulo* atingia outras províncias, além da Bahia, e encontrou espaço fora país. Os exemplares eram enviados para localidades distantes, mediante a troca de livros e publicações que pudessem ampliar os debates difundidos por Teles de Menezes. Prova de sua circulação, e do contato que estabelecia com outros países, é o agradecimento que foi

publicado no último número do jornal, quando Teles de Menezes citou contribuições recebidas de várias partes do mundo. Agradecia ele ao dizer que:

Com toda a efusão do reconhecimento temos o prazer de render nossos cordiais agradecimentos aos nossos esforçados companheiros na difícil, mas gloriosa, tarefa de propagar as novas ideias, - que mais tarde tem de, indefectivelmente, inaugurar a era nova da humanidade, - a amabilidade, com que se dignaram de honrar o Écho, não anunciando sua existência, como enviando nos em troca seus muitos apreciáveis e conceituados jornais, exclusivamente dedicados à propagação do Espiritismo. Temos pois recebido os seguintes periódicos: *Revue Spirite*, Paris; *Le Spiritisme à Lyon*, Lyon; *Human Nature*, Londres; *The Universe*, New-Yorke; *El Criterio Espiritista*, Madrid; *Revista Espiritista*, Barcelona; *El Espiritismo*, Sevilha; *La Voce di Dio*, Catania (Itália); *La Salute*, Bolonha (Italia) (*O ÉCHO...*, maio, n. 6, p. 300).

Teles de Menezes manteve contato com influências estrangeiras, particularidade demonstrada nas seções destinadas a publicar textos e colaborações de intelectuais que se corresponderam com ele. Um exemplo é a seção dedicada a transcrever partes *Revista Retrospectiva*, periódico escrito em francês por Casimir Lieutaud e que também discutia as ideias kardecistas. Segundo o editor da revista francesa, o interesse da publicação era manter os leitores (e os seguidores de outras partes do mundo, como Teles de Menezes) informados sobre o desenvolvimento da ciência espírita. Em um trecho retirado da *Revista Retrospectiva* e que foi publicada n' *O Écho d'Além Túmulo*, Lieutaud afirmava que:

Os leitores encontrarão nessa revista como uma pequena enciclopédia, os elementos da ciência espírita; por quanto, compreenderá ela o que de mais interessante e de mais importante se tem publicado desde 1858 sobre o Espiritismo (*O ÉCHO...*, set., 1869, n. 2, p. 95).

Teles de Menezes, assim como outros intelectuais da elite letrada brasileira, tinha interesse nas novidades que partiam de contextos que inspiravam e encantavam pelo prisma modernizador. Nessa perspectiva, ele já havia se colocado a serviço da Doutrina Espírita desde 1865, quando lançou em Salvador o Grupo Familiar de Espiritismo.

O grupo era formado, basicamente, por homens de uma elite letrada, que tinham acesso a cultura européia. Alguns deles tiveram a oportunidade de estudar em colégios europeus e entraram em contato com as tendências científico-filosóficas que se nominavam como modernizadoras. Outros adeptos da doutrina tomaram conhecimento do espiritismo por meio de informações esparsas nos jornais que informavam sobre a “febre das mesas girantes” que enchiam os salões europeus de curiosos (WANTUIL, 2007).

Independente do modo como estes intelectuais passaram a ter contato com a Doutrina de Kardec, todos nutriam um profundo interesse por questões que se diziam científicas e que estavam na base das ciências positivas. No intuito de compreender a organização do mundo eles advogavam a favor de investigações que utilizasse de métodos empírico e observacionais capazes de explicar o mundo sem ter que se voltar as questões metafísicas ou a elucubrações que não tinham origem nas ciências naturais.

Teles de Menezes compreendeu e participou desse contexto. Igualmente aos demais intelectuais que tiveram contato com as perspectivas modernizadoras, o baiano estabeleceu relações com o cientificismo desde muito jovem, quando contrariou aos seus pais e deixou de seguir a carreira militar para seguir o magistério.

Naquele ambiente, passou a ter contato com o mundo das letras e, ao escrever para jornais de circulação local, começou a confluir uma rede de pessoas que, notadamente, estavam interessadas em compartilhar sobre os princípios cientificistas da época. Contudo, Teles de Menezes se mostrava fiel as tradições cristãs. Exemplarmente, no primeiro número do jornal espírita ainda havia latente a permanência do prisma mais religioso, quando não, o seu próprio criador assumia-se católico para evitar perseguições doutrinárias e ainda, dizia que as “feições características do Espiritismo no Brasil” não pretendiam ir contra a religião predominante (O ÉCHO..., jul., 1869, n. 1, p. 5).

O primeiro periódico nascia assim com a perspectiva de disseminar o espiritismo, sem fazer embates com o catolicismo. Vale ressaltar que o jornal não se esquivava de trazer textos que comentavam sobre passagens bíblicas, sendo que até mesmo, algumas comunicações espirituais eram atribuídas a santos, beatos e padres. Exemplarmente, nomes como o de Santo Agostinho, Padre



Constâncio e Anjo Gabriel eram citados ao lado de textos escritos por espíritos desencarnados (O ECHO..., jul., n.1, 1881; nov., n.3 1881). A questão religiosa foi mencionada no periódico por algumas vezes, sobretudo, na tentativa de se resguardar dos ataques feitos por parte de padres, beatos e bispos que não concordavam com o rumo que a doutrina estava tomando.

N'O *Écho do Além Túmulo*, Teles de Menezes, defendia a possibilidade de manter suas convicções religiosas sem perder de vista o interesse nas questões que julgava como sendo provenientes de um saber universal. Sobre isto, Magali de Oliveira Fernandes afirma que:

Na tentativa de concatenar conhecimento científico e religiosidade, de maneira profética e eloqüente, Luiz Olímpio explanava seu desejo pelo saber universal relacionado à moral cristã, acreditando numa perspectiva progressista, que somente a instrução e a reforma íntima do ser eliminariam a ignorância e o sofrimento humano neste mundo (FERNANDES, 2003, p. 38).

O perfil descrito por Fernandes, evidencia que o iniciador da imprensa espírita brasileira foi detentor de uma vasta produção bibliográfica. Antes de atuar na imprensa espírita, ele foi redator do periódico *A Época Literária*, que era publicado na capital baiana e tinha como leitores os círculos intelectualizados, notoriamente, compostos por homens de uma elite letrada, obstinados em conhecer as novidades que estavam sendo reivindicadas no âmbito do Império brasileiro.

No meio jornalístico, Teles de Menezes conheceu pessoas que tinham expressão notável na sociedade baiana, em sua maioria, professores, bacharéis em direito e médicos, como o Dr. Manoel Maria do Amaral Sobrinho, Dr. José Álvares do Amaral, Dr. Inácio José da Cunha e Dr. Julio Cezar Leal, todos pertencente a famílias com prestígio social em Salvador (FERNANDES, 2003).

Alguns contatos de Teles de Menezes foram citados por ele n'O *Écho d'Além Túmulo*, indicando que eles o auxiliaram na implantação do movimento espírita brasileiro. O Dr. Julio Cezar Leal, por exemplo, era leitor assíduo jornal, sendo que contribuía com correspondências as quais foram publicadas em alguns números.

Publicamos no *Écho d'Além Túmulo* a carta, que o Sr. Julio Cezar Leal nos dirigiu, testemunhando sua fervorosa e decidida adesão ao ensino da doutrina espírita, o eloquente, conciso e sentencioso prólogo, com que apresente ele ao publico suas *Meditações* poético-espíritas, e também alguns extratos dessas meditações é certo que tudo isto, melhor que todos os comentários, por si só fala mais alto e mui eloquentemente demonstra os bons e generosos sentimentos, a profunda convicção e o vivo desejo que animam o Sr. Julio Cezar Leal, de dar testemunho de provar o principio da solidariedade universal, saudando cheio de amor e fé a aurora da Era Nova.

Felicitemos, pois, ao Sr. Julio Cezar Leal pela franca adesão que tão solenemente manifesta aos ensinos do Espiritismo e com toda a efusão de nossos sentimentos enviamos ao nosso Irmão Espírita um estreito e fraternal amplexo pelo valioso concurso que nos vem ele prestar no empenho da árdua e gloriosa tarefa da propagação do Espiritismo (O ÉCHO... nov., 1869, n. 3, p. 190-191).

O que os movia era um interesse (que muitas vezes não fugia da curiosidade) em entender a veracidade do mundo espiritual. A pretensão era buscar uma explicação racional, que não adentrasse ao misticismo, e a religiosidade.

O principiador da imprensa espírita brasileira também manteve contatos com ideologias estrangeiras, principalmente as que chegavam em teorias afrancesadas. Não por acaso, considerava que as inovações na inteligência humana tinham forte apelo na “França que toma sempre a peito o desenvolvimento dos conhecimentos humanos” (O ÉCHO..., jul. 1869, n.1, p.18).

Percebe-se que o pensamento modernizador, postulado por pensadores europeus, tinha lugar de destaque nos textos do jornalista baiano. A participação destas ideias era importante para ditar à organização da sociedade brasileira, uma vez que era a expressão de modelos vindos de sociedades que inspiravam pelo processo civilizatório tinham alcançado.

Seguindo na divulgação das ideias francesas, Teles de Menezes investiu na investigação sobre os espíritos desencarnados. Os estudos realizados em reuniões do Grupo Grupo Familiar de Espiritismo geravam a necessidade de um periódico que pudesse expor uma nova maneira de abordar a vida pós-morte. Assim, o baiano empreendeu a organização de divulgação do primeiro periódico espírita brasileiro em 1869, quando lançou *O Écho d' Além Túmulo*.

O jornal não deixou de vislumbrar os interesses cientificistas do seu criador, o qual afirmava que seus objetivos não se resumiam apenas a propaganda via imprensa, mas que a mesma iria auxiliar na configuração dos princípios doutrinários, sem trair com as convicções religiosas presente naquele contexto. De acordo com o que foi publicado nas páginas do próprio periódico:

Iniciando, pois a publicação d'O Écho do Além Túmulo, Monitor do Espiritismo no Brasil, não temos por fim fazer a propaganda a todo transe das idéias espíritas; nosso intuito é estudar os fenômenos, que se nos apresentam por maneira tão extraordinária, quanto admirável; e não fazendo monopólio de luzes, buscamos a imprensa para registrar todos os fatos que tiverem lugar em nossas reuniões, feitas, unicamente, no interesse de sermos uteis à nossos irmãos em Jesus Cristo (O ÉCHO..., jul., 1869, n. 1, p. 6).

O periódico explicitava seu interesse em instruir seus leitores de acordo com os valores morais postulados pelo espiritismo. Teles de Menezes, argumentava que pensar na moralidade era um dever a ser cumprido:

Nosso fim, porém, com a publicação do Écho d'Além-Túmulo, monitor do Espiritismo no Brasil, é o cumprimento de um dever moral, a quem nós Espíritas nos achamos adstritos por conselho e reconhecimento de nossa própria consciência: Temos fé de que iremos que conseguimos-lo (O ÉCHO, jul., 1869, n. 1, p. 8).

Em poucos textos, Teles de Menezes, explicitou diretamente suas convicções políticas e partidárias. Entretanto, nos artigos vinculados a conceitos que balizavam as contendas do período, denota-se o quanto o articulista fez do jornal um instrumento de modernização.

Ao que informava, *O Écho d'Além Túmulo*, o seu objetivo central não era discutir os problemas políticos do segundo reinado, porém era quase inevitável afastar-se de questões que inquietavam parte da elite letrada da qual Teles de Menezes fazia parte. Apesar do foco do periódico não ter sido a discussão político-partidária, a exemplo do republicanismo e abolicionismo, o redator informava sua preocupação com as questões estruturais do império, como a escravidão, ao informar que o lucro obtido com a venda do jornal seria destinado a causa abolicionista. Lia-se assim:

O Écho d'Além Túmulo deduzirá de cada assinatura realizada 1\$000, cuja soma será, anualmente, publicada e destinada para dar liberdade à escravos, de qualquer cor, do sexo feminino, de 4 à 7 anos de idade, nascidos no Brasil. (O ÉCHO D'ALÉM TÚMULO, jul. 1869, n.1, p.1) .

O jornal possuía uma linguagem ainda modesta em relação as revistas que o sucederiam na missão de divulgar o espiritismo no Brasil. Porém, desde seu início ele empreendeu o discurso sobre os fundamentos que deveriam ser inculcados para a validade da imprensa espírita brasileira, ou seja, apadrinhar o espiritismo como uma ciência que detinham-se no progresso espiritual. Por ser o primeiro jornal espírita brasileiro, *O Écho d'Além Túmulo* carecia de um formato mais sistematizado em relação as revistas que viriam depois. Entretanto, esta particularidade não retirava dele o pioneirismo de um modelo que, posteriormente, ainda teria muito que se propagar.

### **5.1.2 Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos sob os auspícios de alguns espíritas (1875)**

No dia 10 de janeiro de 1875 foi lançado o primeiro número da *Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos sob os auspícios de alguns espíritas*. O periódico era o meio de comunicação do Grupo Confúcio e expressava as ideias de seus membros, ainda que, a redação fosse assinada por Antonio da Silva Neto, que também fora o primeiro presidente do grupo.

A *Revista Espírita* seguia os mesmos padrões da *Revue Spirite: Journal D'Études Psychologiques*, publicação francesa iniciada por Kardec em 1858 e que Silva Neto havia lido em período de viagens pela Europa. A partir da leitura do periódico, o redator encontrou o modelo que serviria para iniciar as publicações espíritas na Corte, visando defender os princípios que julgava ser a “revelação de Deus” para a existência da “verdadeira ciência” (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 9).

A compreensão do que foi o primeiro periódico carioca requer que se perpassasse a biografia de seu redator e editor. De origem baiana, assim como Teles de Menezes, o redator da *Revista Espírita* desenvolveu sua trajetória enquanto um intelectual das causas oitocentistas. Formado nas ciências exatas, Silva Neto possuía o interesse em analisar o mundo pelo legado cientificista, um dos principais requisitos para a intelectualidade letrada, atenta aos problemas que afligiam a sociedade, a qual deveria ser atualizada a partir dos princípios da modernidade.

Enquanto um intelectual oitocentista, Silva Neto foi defensor de ideias liberais, escrevendo matérias jornalísticas, opúsculos e livretos que defendiam os ideais republicanos. Em 1861 lançou pela Tipografia do Comércio um compendio de 15 páginas, intitulado de *Ligeiras reflexões políticas*. Nele o autor compartilhava de seu pensamento liberal e descartava as premissas conservadoras do Estado imperial. Marcante também, foi a atuação expressiva no que tange a defesa que fazia da abolição. Em 1866, ao publicar o livro *Estudo sobre a emancipação dos escravos do Brasil*, perfazia o curso histórico da escravidão no país e traçava a comparação entre o modelo escravista brasileiro e o que estava presente em outros países que ainda adotavam o regime escravocrata (WANTUIL, 2002; VALLE, 2010).

Outros títulos com a mesma temática foram lançados por Silva Neto, dentre eles destacam-se o livro *Segundos Estudos sobre a emancipação dos escravos do Brasil de 1868*, *A Coroa e a emancipação servil de 1869* e *Corte, 13 de maio de 1869*. Pela sua participação na publicação periódica, verifica-se um intelectual crente no ideário progressista, ao ponto de afirmar que:

O Brasil, possuindo uma natureza propícia ao progresso, poderia ter caminhado na senda do desenvolvimento moral e material das sociedades modernas, se a inteligência e a moralidade o guiassem sempre, desde a princípio da independência. Não são os poucos anos de sua existência a causa fundamental de tanto atraso, e sim os erros muitas vezes intencionados dos que lhe tem dirigidos os negócios (SILVA NETO, s/d apud WANTUIL, 2002, p. 104).

Antes de assumir o Grupo Confúcio, Silva Neto publicou algumas artigos no *Jornal do Commercio* e em pequenos panfletos que versavam sobre “[...]”

fenômenos científicos com causa atribuída aos mortos” (FEB, 2012). Porém, foi na *Revista Espírita* que ele desenvolveu sua carreira enquanto um intelectual do espiritismo brasileiro.

O periódico, criado e encerrado em 1875, circulou apenas por 6 números, que foram suficientes para expressar a conjuntura progressista defendida pela Doutrina Espírita. Assim como *O Écho d'Além Túmulo*, seus temas não estavam destinados as questões da política partidária. Ao contrário, a revista abordava assuntos que variavam desde a exposição textual de comunicações mediúnicas, até relato de fatos que envolviam o “mundo dos mortos” e que o seu editor julgava ter obtido pela observação científica, a exemplo dos estudos sobre a imortalidade da alma.

Na capa da revista era apresentado um pequeno sumário que informava sobre os conteúdos que seriam abordados no transcorrer dos números que fossem publicados. (ANEXO E). A *Revista Espírita* deveria abordar:

Os fatos das manifestações dos Espíritos. – Notícias relativas ao Espiritismo. – Transcrições da doutrina espírita. – Os ensinamentos dos Espíritos relativos ao mundo visível e invisível; sobre ciências, sobre moral, sobre a imortalidade da alma, sobre a natureza do homem e seu futuro. A história do Espiritismo na antiguidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc. (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, capa, grifo nosso).

A epígrafe escolhida para estampar a capa do periódico era uma exortação a ciência, publicada por Allan Kardec n’*O Livro dos Espíritos*, nela dizia: “Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. A potência da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito” (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, capa). Ao escolher pela epígrafe, Silva Neto mostrava que os efeitos, sem uma manifestação visível, poderiam ser analisados pela ciência, pois, segundo ele, decorriam de forças inteligentes, que para os espíritas habitavam mundos invisíveis no pós-túmulo.

A preocupação em provar a existência dos espíritos foi debatida em praticamente todos os números do periódico. O articulista tinha a mesma convicção que movia outros adeptos da doutrina, à exemplo dos demais espíritas que compunham a diretoria do Grupo Confúcio, como:

Dr. Francisco de Siqueira Dias Sobrinho, Dr. Joaquim Carlos Travassos, secretário geral; Eugênio Boulte, 2º secretário; Marcondes Pestana, 3º secretário; Casimir Lieutaud, tesoureiro; Doutor Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, Sra. Viúva Perret Collard e Sra. Rosa Molteno, membros da Comissão Fiscal, eleitos dentre os sócios titulares, pois que os havia 'livres' e 'correspondentes' (WANTUIL, 2002, p. 120).

Estes nomes transitaram em outros meios de divulgação espírita. Notoriamente, todos eles, inclusive Silva Neto, passaram a fazer parte da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade após a extinção do Grupo Confúcio em 1876. Evidente, o fator que os unia estava na crença de que poderiam provar a veracidade do mundo espiritual, utilizando-se dos princípios epistemológicos da ciência moderna. Tanto é que, em cada edição, o redator reservou espaços destinados a expor notas explicativas que expunham o processo de observação espiritual. Nestas notas, frequentemente, citava seus colegas e os feitos alcançados pela comunicação espiritual.

Sendo assim, os textos da *Revista Espírita* eram escritos com a finalidade de transmitirem os pressupostos metódicos da ciência espírita. No primeiro editorial, seu redator declarava que a missão do periódico era tornar-se “uma escola prática e teórica dos estudos espíritas”. (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 4). Na verdade, o que Silva Neto postulava é que a revista, por meio do Grupo Confúcio, confluía com os anseios que estavam se organizando no Brasil.

Porém, frente aos obstáculos, fazia-se necessário um processo de sistematização doutrinária, nem mesmo que fosse minimamente, para que pudesse publicar em idioma português as obras de Kardec. Assim, no anseio de divulgar o espiritismo, a revista justificava a sua existência na tradução de livros para instruir sobre os princípios da doutrina. Desse modo, argumentava:

Entre nós, sendo muito pouco conhecido o Espiritismo por falta de livros em nossa língua, uma publicação mensal tornava-se de necessidade indeclinável; tanto assim que, sentida essa necessidade por alguns espíritas que se entregam a esse estudo, nos incumbiram de uma tarefa que se tornaria superior as nossas forças, se não fosse o concurso dos bons Espíritos que animam a propaganda de tão sublime doutrina. Em tais condições, esta publicação tem durante os primeiros tempos, de sair um tanto fora da rigorosa significação tecnológica, para poder interessar aos

leitores estranhos a ciência, com a qual temos de nos ocupar (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 7),

Percorrendo o interesse em divulgar a doutrina de Kardec, Silva Neto, vangloriava as atitudes que facilitariam a disseminação das premissas doutrinárias no Brasil. Foi assim que informou sobre a tradução do *Livro dos Espíritos* em 1875 pela Livraria Garnier, uma das mais importantes da época. O texto aparecia de maneira apologética e utilizando-se de mais de uma página para noticiar que, “O senhor Garnier acaba de editar em nossa língua um livro que tido na Europa o mais estrondoso sucesso. Aparecido no mundo das letras, há apenas dezoito anos, já conta vinte e cinco edições” (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 38).

Além de proporcionar o contato com as obras de Kardec, a *Revista Espírita* objetivava fazer com que os seguidores do espiritismo debatessem o legado doutrinário de Kardec. Pelo que informou o periódico, não bastava apenas expor em suas páginas os fatos que mencionavam a existência da vida depois que o espírito desencarna, mas era preciso analisar os indícios da vida espiritual para que dela se extraísse ensinamentos morais. Por isso, o periódico advertiu:

Não podemos pois, as páginas da presente Revista ser cheias simplesmente de narrações de fatos, ainda mesmo comentados, porque não tem de servir só aos que conhecem mais ou menos a ciência espírita. É por isso que o leitor encontrará artigos que constituem os princípios da doutrina extraída das obras de Allan Kardec. É, portanto, o nosso trabalho na máxima parte material. O nosso empenho é auxiliar os que desejam ver o Espiritismo derramado nesta região da América; portanto, não receamos que nos falte matéria interessante, e que esta publicação se torne monótona (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 7).

Caracteristicamente, o jornal assumia um cunho pedagógico ao instruir sobre os princípios e os termos a serem utilizados pelos estudiosos do espiritismo. Seguindo este interesse, em vários números o redator preocupou-se em esclarecer a própria linguagem doutrinária em seções que denominava de “Vocabulário Espírita” e “Instruções dos espíritos”. (ANEXO F).

O periódico não deixava de ser um guia didático do espiritismo para os primeiros brasileiros que tiveram conhecimento sobre a obra de Kardec. Publicado com uma diagramação flexível, sem muitas colunas e com



aproximadamente 40 páginas, suas seções apresentavam artigos que nem sempre eram encerradas num único número. Inclusive, a maioria dos artigos doutrinários iniciava-se em um número e eram concluídos nas edições subseqüente.

O público leitor era basicamente os sócios do Grupo Confúcio. Dentre eles, haviam aqueles mais iniciados e os que ainda estavam adquirindo o conhecimento da Doutrina Espírita. Sendo assim, Silva Neto optou por uma linguagem menos carregada quando comparado com outros periódicos da época. Do mais, era necessário que essa linguagem pudesse cativar aos curiosos que “[...] tinham ouvido falar do espiritismo, mas faltavam informações para segui-lo” (MACHADO, 1983, p. 67).

Além do seu aspecto pedagógico, a *Revista Espírita* publicou textos que combatiam os adversários da doutrina, ou ainda que, publicaram informações denotando os princípios de Kardec como sendo fraude ou “devaneio”. Exemplar nesse sentido, foram os artigos defensivos dirigidos ao *Jornal do Commercio*, que criticou a Doutrina Espírita ao publicar, entre os anos de 1874 e 1875, textos que se referiam a expansão do espiritismo como sendo a “[...] epidemia das mais perigosas que a febre amarela”, verdadeira “fábrica de doidos” (JORNAL DO COMÉRCIO apud REVISTA ESPÍRITA, mar., 1875, n. 3, p. 117).

A *Revista Espírita* propagandeava as ideias de Kardec como uma maneira inovadora de encarar o futuro, esclarecendo que, na sua concepção, a vida não se encerrava na “pós-morte”. Segundo o periódico, este fato poderia ser constatado pelas observações ditas científicas e que fizessem uso do modelo epistêmico que a doutrina deveria abranger .

A doutrina espírita muda completamente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, porém, uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas sim um resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos em toda sua realidade; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa; são só próprios habitantes desse (REVISTA ESPÍRITA, abr., 1875, n. 4, p. 129).

A citação acima compunha uma série de artigos em que a finalidade era propagandear sobre a noção de ciência por trás das ideias kardecistas. Observa-

se que, a missão do periódico era entendida como o “[...] desvendar o véu do mundo espiritual”. Foi munido por tal objetivo e elevando-se por concepções que amparado na forma cientificista de “encarar o mundo”, que Silva Neto configurou o seu periódico.

Silva Neto reconhecia na imprensa um mecanismo legítimo de expressão, de crítica, de reivindicação, isto é, um espaço público de debate. A compreensão que tinha do valor desse veículo de comunicação para defender e divulgar a notava doutrina que abraçara. Desse modo, sua experiência intelectual, informava sua atuação como espírita (VALLE, 2010, p. 98-99).

Sendo assim, a publicação da *Revista Espírita* era a resultante do seu processo de aceitação da doutrina, o qual se desvelava a concordância com os ideais da época e que atendia aos seus interesses progressistas. Reconhecidamente, o redator da *Revista Espírita* era um “espírito livre”, e não expressava a religiosidade e nem praticava qualquer culto ou reverência a disseminações religiosas. Suas convicções científicas o levaram a praticar o espiritismo a partir de uma perspectiva que entendia como sendo científica (FEB, 2012).

Ainda que não defendesse a nenhuma disseminação religiosa, os princípios publicados por Silva Neto na *Revista Espírita* o aproximavam dos valores cristãos. Entretanto, sempre procurou fazer a junção entre tais ideais e os valores que acreditavam ser científicos e que o auxiliaria na interpretação da realidade e do mundo (WANTUIL, 2012). Foi assim que, ao defender a doutrina de Kardec, o intelectual passou a prestigiar os assuntos sobre as experiências empíricas, sendo um tenaz defensor das ideologias progressistas.

A partir das características do seu editor, podem-se confirmar as características singulares da *Revista Espírita* de ser um órgão que confluía para a formação dos primeiros passos do espiritismo no Brasil, em especial, no Rio de Janeiro. Sem ela, provavelmente, a missão seria mais complicada aos membros da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Até mesmo por que, o próprio Silva Neto migrou para ela e auxiliou na formação do periódico que sucedeu a *Revista Espírita*.

### 5.1.3 Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (1881-1882)

A *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* foi o veículo oficial de comunicação da instituição que lhe dava o título. O periódico começou a ser publicado em janeiro de 1881, e seu último número é datado de julho de 1882. Em 18 números, a *Revista da Sociedade Acadêmica* estabeleceu um modelo de imprensa com notáveis diferenças em relação aos periódicos que a antecederam, mas que não perdeu os objetivos de disseminar o espiritismo enquanto uma “ciência de observação”.

Ainda que, a auto-afirmação de perspectivas científicas fosse característica dos periódicos espíritas, a *Revista da Sociedade* tinha algumas particularidades, sobretudo, por expressar um cientificismo bem mais acentuado em decorrência dos propósitos da instituição que a mantinha. Assim, antes de adentrar na investigação de suas páginas, convém expor alguns dados da instituição, principalmente, no que aspiravam os seus membros.

A Sociedade Acadêmica era constituída por homens repletos do ideário oitocentista, dispensando especial atenção aos estudos ditos científicos. No Art. 2º dos Estatutos, os membros da instituição fizeram constar que a Sociedade Acadêmica tinha por finalidade “[...] criar e sustentar a Academia Espírita de Ciências [...] para a observação e estudo de todas as ciências, em especial, a Ciência Espírita” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, n. 1, p. 16).

Ao que tudo indica, o ideário oitocentista contribuía para que a Doutrina Espírita seguisse como uma ciência e não como uma religião. Dentre os intelectuais do espiritismo brasileiro figuravam homens que ambicionavam continuar desenvolvendo “a nova ciência de observação”. Dentre eles apareciam os nomes de intelectuais que já tinham participado de outros tantos fatos relacionados à consolidação do espiritismo no Brasil, a exemplo daqueles que fizeram parte do Grupo Confúcio, em 1875, e da Sociedade Deus, Cristo e Caridade. Podem ser citados como defensores da causa cientificista, os seguintes nomes: Bittencourt Sampaio, Ewerton Quadros, Elias da Silva, Angelo Torteroli, dentre outros. Todos eles passaram a atuar na diretoria da sociedade acadêmica que fundaram.

Nota-se que, antes, eles participavam da Sociedade Deus, Cristo e Caridade, o nome da instituição anterior era parecido, porém, não continha o termo “acadêmico”. Ou seja, a instituição já funcionava desde 1876, porém, só assumiu o título de sociedade científica a partir de 1879, quando foi organizado o regulamento que qualificava a instituição como sendo um lugar de estudos que partiam das tendências empíricas e racionais da modernidade. É possível entender assim que, o peso que se dava ao termo acadêmico decorria das abordagens epistemológicas feitas no âmbito das academias científicas de então.

A Sociedade Acadêmica, em carta enviada ao imperador solicitando a regulamentação da instituição, afirmava que era uma “sociedade científica e literária” e que seguia a legislação pertinente para o seu funcionamento<sup>26</sup>. Na mesma carta, a diretoria da instituição informava que pretendia criar cursos para o aperfeiçoamento dos seguidores da Doutrina Espírita, deixando os qualificados para fazer a investigação metódica dos fenômenos espirituais. Apesar de se considerar uma instituição acadêmica, o Art. 3º dos Estatutos advertia para: “A Academia não conferirá títulos científicos, mas criará cursos que habilite seus membros para os exames de faculdades oficiais” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, n. , p. 16).

Com a intenção de publicar os estudos realizados na Sociedade Acadêmica, os diretores organizaram a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*. A redação do periódico ficou a cargo dos membros que compunham a diretoria da referida sociedade acadêmica. Em sua maioria, intelectuais que tinham atuação na imprensa da época, sobretudo, nas que envolviam a questão republicana. Eram homens com perfis que remetiam as tendências ideológicas do período, logo, estavam inspirados por noções significativas para a intelectualidade que buscava nas concepções da época fundamentar suas ações e discursos.

---

<sup>26</sup> Para assegurar seus direitos, a Carta foi endereçada ao Imperador do Brasil no dia 31 de Outubro de 1880. A mesma foi publicada no primeiro número da revista e dizia: “A Sociedade Acadêmica, Deus, Cristo e Caridade, representada por sua diretoria [...] e firmada no direito que lhe faculta o § 2º do art. 27 do decreto n. 2.711 de 19 de Dezembro de 1860 que diz: ‘As sociedades científicas e literárias sob a forma anônima poderão impetrar autorização diretamente ao Governo, ou dos Presidentes nas Províncias...’”. (REVISTA DA SOCIEDADE, jan. 1881, n. 1, p. 25).

Motivados pelas ideias de modernização, estes intelectuais não descartavam a tríade, “ciência-filosofia-religião”, contudo, fizeram das páginas da revista um local de defesa do que acreditavam ser a “ciência que levaria aos tempos de progresso material e moral” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jul. 1881, n. 7, p. 217). Persistiam na ideia de que a “ciência espírita” seria o modelo adequado para instituir um novo modo de ser entender o mundo físico e o extra físico.

Todas estas peculiaridades preenchiam o periódico desde as epígrafes que o abriam. Na capa eram apresentadas três epígrafes retiradas das obras de Kardec, nas quais se podia ler a alusão ao “progresso” por meio de temas morais; o princípio dos feitos invisíveis, mas inteligentes e, as leis imutáveis da dita “ciência espírita” (ANEXO G):

A missão Espírita é estabelecer a fraternidade e a paz universal e ensinar à humanidade a grande lei do progresso: CARIDADE E AMOR.

Não há efeito sem causa. A natureza da causa determina a do efeito. A grandeza do efeito é proporcional a potencia da causa. Todo efeito inteligente tem necessariamente causa inteligente.

A Ciência Espírita consiste no conhecimento das leis imutáveis que regem os fatos ante os quais, sem ela, as outras emudeceriam. Ela demonstra a unidade da criação na verdade das manifestações da lei de continuidade.

(REVISTA DA SOCIEDADE..., 1881-1881, n.1-18, capas).

Na primeira epígrafe a revista chamava a atenção às atitudes moralizantes, como a caridade, o amor e a paz universal, conteúdos que apelavam à formação dos “bons espíritos” (REVISTA DA SOCIEDADE..., jun., 1881, n. 6, p. 196)<sup>27</sup>. Em diversos artigos o tema foi abordado com a perspectiva de amparar a doutrina como inovadora, por empreender debates progressistas e cientificistas, ou seja, modernos.

A segunda epígrafe confirmava a primeira. Nela constava um excerto retirado d’*O Livro dos Espíritos*. A frase era a mesma utilizada pela *Revista Espírita* que a precedeu. Inclusive, o interesse dos redatores tinha significado similar, senão o mesmo propósito: afirmar a existência de fenômenos inteligentes vindos do além-túmulo.

<sup>27</sup> Esta questão será tratada no próximo subtítulo.

A última epígrafe era a que mais demonstrava os anseios da *Revista da Sociedade Acadêmica* em analisar a dita “ciência espírita”, pelo mesmo prisma das demais correntes que se afirmavam possuidoras de princípios metódicos para chegar as “leis imutáveis” dadas pela ciência. A epígrafe não só confirmava as duas anteriores, mas dava um peso ainda maior no que deveria ser publicado na revista. E, de fato, foi o que ocorreu, uma vez que em todos os números publicados foi acentuada a defesa do espiritismo enquanto uma “ciência de observação”.

A revista alcançou um formato mais sistematizado se comparada com os outros periódicos que a antecederam. Nela continha seções pré-estabelecidas de acordo com o tipo de texto que ocuparia as suas páginas. A distinção mais visível em relação aos dois outros periódicos, certamente, ficou por conta da formatação adotada. Quando foi lançada, a revista dividia-se em três partes: *Seção Livre*, *Seção Administrativa* e *Seção Editorial*. Além destas seções prévias, a revista ainda dedicava espaço para correspondências, índice e sumário.

A *Seção Administrativa* estava direcionada a publicar as decisões burocráticas que envolviam a referida sociedade e os seus sócios, a exemplo dos estatutos, diretrizes e normas (ANEXO H). Por vezes, a seção foi utilizada para que o gerente da Sociedade Acadêmica, o Professor Afonso Angelo Torteroli, pudesse fazer avisos e consultar aos membros da Sociedade Acadêmica sobre assuntos referentes ao andamento da entidade.

Na *Seção Livre* publicavam-se “artigos avulsos” e textos diversos, desde que fossem autorizados pela diretoria. Seus responsáveis advertiram: “Publicaremos nesta seção, gratuitamente, todos os artigos de interesse geral, que nos forem oferecidos, se os julgamos dignos destas páginas” (REVISTA ESPÍRITA, jan. 1875, n. 1, p. 29). (ANEXO I). A ideia era destinar as contribuições livres, desde que os textos não contrariassem aos princípios cientificistas da Sociedade Acadêmica e do periódico.

Nestas páginas, denominadas – Seção Livre, que o Centro adiciona as páginas da Revista Social, considerando-as folhas soltas, dedicados aos Srs. Membros da Sociedade; e que, para não aumentar a árdua tarefa da Diretoria, nos foram confiadas, tornando-nos moralmente responsáveis por tudo que nelas for publicado; é de nosso dever declarar, como Editor dos trabalhos

que nos forem oferecidos, que ficamos autorizados a exigir a responsabilidade do próprio autor; sendo, entretanto o único responsável perante o Centro, por esta seção, do mesmo modo e ela mesma razão que os Srs. Diretores são responsáveis pela Seção Editorial (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan., 1881, n. 1, p. 29).

Ao longo da Seção Livre foram publicados artigos com temas dos mais variados, porém, sempre dando ênfase em questões que envolviam assuntos correlatos com fenômenos espirituais e sua clarificação pelo espiritismo. O interesse não era outro, senão, defender a doutrina enquanto um modelo explicativo. Ao defender a postura que se apregoava cientificista, a Seção Livre explicava que suas páginas serviriam para esclarecer os fatos doutrinários, que por ventura, ainda fossem “obscuros”. Evidente, que tal tentativa seria feito por meio de aproximação com a lógica das ciências positivas. O próprio periódico se defendia, afirmando que:

Contudo, como o **nosso intuito é chegar a verdade**, acolheremos todas as observações que nos forem dirigidas, e tentaremos tanto quanto permitir o estado dos conhecimentos adquiridos, quer apresentar dúvidas, quer **esclarecer os pontos ainda obscuros**. NOSSA REVISTA será assim uma tribuna franca, onde a discussão não deverá jamais apartar-se das leis mais estritas das convencionais. Em uma palavra, discutiremos, não disputaremos. A linguagem inconveniente nunca sérvio de boas razões aos olhos das pessoas sensatas; é arma daqueles que as não tem melhores, é arma que se volta-se contra aqueles que a maneja (REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA... jun., 1881, n. 6, p.183, grifo nosso).

Para que se cumprisse com o esperado e a revista continuasse a primar pelo legado dito cientificista, a distribuição do periódico também passou a exigir um regulamento. De acordo com as normas de circulação, o periódico seria enviando para centros de estudos, bem como para demais autores, dentro e fora do país. O regulamento informava que:

- A Diretoria está autorizada pelo Centro a enviar a REVISTA da Sociedade Acadêmica, como oferta, as Bibliotecas, as Corporações nacionais e estrangeiras, aos Chefes e aos Ministros dos Estados e das Igrejas, e as Redações, Tipografias, Autores e Editores que remeterem dois exemplares das obras e jornais que publicarem.

- A REVISTA será submetida aos Grupos Espíritas de todo o mundo, ainda que não estejam oficialmente reconhecidos pela Sociedade Acadêmica, e deles se dará notícia.
- A REVISTA dará publicada gratuitamente aos trabalhos científicos ou filosóficos que nos forem remetidos. Os autógrafos nunca serão restituídos.
- A Biblioteca da Sociedade Acadêmica destinada a conter obras sobre todos os ramos de conhecimento, e a estar aberta e franca ao povo todos os dias, inclusive os dias santificados das 10h da manhã as 09 da noite (REVISTA DA SOCIEDADE..., set., 1881, n. 9, p. 256, grifo nosso).

Dois pontos do regulamento merecem ser ressaltados: primeiramente, a ênfase dada aqueles que receberiam a revista, que além de ser enviado para Bibliotecas, também seria destinada a pessoas que tinham alguma expressão social, a exemplo de ocupantes de cargos políticos (ministros, chefes de Estado, entre outros). A revista também poderia ser distribuída mediante a troca de livros e obras que pudessem compor a biblioteca da Sociedade Acadêmica.

A partir de seu segundo ano, a revista passou a ser mais flexível e ao admitir “textos de colaboradores espontâneos”, que não tivessem, necessariamente, vínculos com a Sociedade. Inclusive, os textos poderiam ser alheios ao espiritismo, porém, o que se viu foi a continuidade de publicações vindas dos membros da Sociedade Acadêmica. Exemplarmente, poucas vezes foram publicadas cartas de pessoas que eram associadas, salvo exceção as correspondências que eram remetidas por seguidores do espiritismo em outras partes.

A Seção Editorial completava a revista. Ela pode ser entendida como um complemento da Seção Livre, tendo em vista que nela eram publicados assuntos doutrinários e concordantes com os desígnios da Sociedade Acadêmica. O que a diferenciava da Seção Livre é que, a Seção Editorial, estava destinada a publicar artigos provenientes dos membros diretores, não sendo aberta para a publicação de artigos vinda dos membros que não participassem como dirigente da entidade.

O entendimento era que, por ser uma seção destinada exclusivamente à diretoria, os artigos tenderiam a explicitar os interesses necessários a serem instruídos. Ainda assim, as contribuições para a seção deveriam ser autorizadas pela diretoria da revista. A Seção Editorial não foi publicada em todos os números do periódico, sendo que a característica mais presente nos textos era a linguagem que privilegiava termos provenientes do cientificismo da época.



De modo geral, os artigos publicados nas diversas seções da *Revista da Sociedade Acadêmica* não possuíam identificação de autoria. Na maioria das vezes, continha a de que o texto era originário de um membro da Sociedade Acadêmica. Tal fato, não permite traçar o perfil de um único responsável por conduzir o periódico.

Em alguns números, como por exemplo, no que foi publicado em outubro de 1881, os editores da revista identificavam alguns colaboradores, todos eles faziam parte da Sociedade Acadêmica, com exceção, é claro, dos espíritos que havia comunicados textos via psicografia mediúnica. Os nomes dos colabores vinham precedidos pelo título dos artigos que foram encaminhados a diretoria. Abaixo, segue o exemplo:

Os dignos colaboradores espontâneos – encarnados e desencarnados – continuam com dedicação, e agora com mais fervor, a ofertar trabalhos para a *Revista*; entre os que recebemos, além dos já noticiados existem os seguintes: *Os tempos são chegados*, traduzido do francês pelo seu autor, Professor Casimir Lieutaud; *O Redivino*, pelo Dr. Francisco Raimundo Ewerton Quadros; *A Verdade*, pelo Sr. Francisco Maria Teixeira de Queiroz; *A emancipação dos escravos*, pelo Espírito José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco); *Primeiras lições de moral á infância*, tradução do Sr. Capitão Zeferino Candido de Oliveira Duarte; *A Pluralidade das existências*, pelo Sr. Manoel Rodrigues Fortes; *A Desencarnação*, pelo Sr. Francisco Pinto Brandão; *A comissão científica de S. Petersburgo*, pelo Professor Casimiro Lieutaud; *O Espiritismo*, por um positivista – resposta por outro positivista; *Hino a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* e uma poesia, *O Espiritismo*, por um sócio do Grupo Espírita – Caminheiro do Além túmulo; *A Reencarnação*; *O Espiritismo na medicina*; sobre a transformação do trabalho, por diversos espíritas (REVISTA DA SOCIEDADE..., out., 1881, n. 10, p. 314)<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Não nos detemos nas especificidades biográficas de cada membro da Sociedade Acadêmica. Os exemplos citados tratam-se de membros que, de algum modo são citados ao logo do periódico. Para as biografias de cada um dos membros da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, sugere-se a leitura de Wantuil (2002) e do sítio eletrônico da FEB - Federação Espírita Brasileira que mantém uma relação com aproximadamente 300 biografias de líderes espíritas. Grande parte do século XIX.

Apesar de não ter um editor ou redator chefe, é possível entrever o perfil dos articulistas que publicavam na *Revista da Sociedade Acadêmica*. Eles apresentavam características similares a dos intelectuais que escreviam para outros periódicos da época.

Portanto, a imprensa espírita manteve o seu foco na disseminação do legado doutrinário, sobressaindo o modelo cientificista. Porém, isso não a eximiu de expor que era necessário mudar os rumos da sociedade e avançar na ciência e, também, na evolução moral. Enfaticamente, os periódicos publicaram a necessidade de estudar os princípios científicos que geravam o progresso moral.

Sem dúvida, ao se divulgarem enquanto defensores das ciências e do progresso, os periódicos da imprensa espírita oitocentista atraíram para si os interessados em conhecer a proposta progressista pensada por Kardec e que podia ser readequada para os momentos conflituosos do Império.

Mesmo com um público leitor restrito, formado basicamente por simpatizante e adeptos da Doutrina Espírita, os periódicos procuravam satisfazer a euforia da modernização e versavam sobre temas que ecoavam na época. Cada periódico cumpriu seu papel disseminador de um modo específico, mas em comum, não deixaram de lado os assuntos gerais que circulavam no ideário oitocentista.

## 5.2 O progresso intelectual e o progresso moral na imprensa espírita

*O Espiritismo tende a regeneração da humanidade; é isto um fato de experiência, entretanto, não podendo essa regeneração operar senão pelo progresso moral.*

(O ÉCHO..., jul. 1869, n. 1, p. 51).

*O progresso, como o tempo, como o espaço, não tem limite, é infinito.*

(REVISTA DA SOCIEDADE..., maio, 1881, n. 5, p.129).

A frequência com que os intelectuais brasileiros, da segunda metade do século XIX, evocavam a noção de progresso, demonstra o quanto eles estavam preocupados em mudar aquela sociedade. Não meramente, progredir era uma das grandes metas do período. Esta mesma concepção foi vista na imprensa espírita. Porém, de forma alguma, ficou restrita à ela. Ao contrário, a ideia de um progresso certo e vindouro era parte das estratégias de fazer com que o país superasse as adversidades na concretização de uma nação civilizada, aos moldes das nações avançadas.

Partindo do ideário oitocentista, os intelectuais brasileiros - fossem espíritas ou não - utilizaram a imprensa como veículo de apologia às ideias progressista. Em suas páginas, apontavam-se os caminhos a serem percorridos para que o progresso, tão anunciado, encontrasse sua efetivação. Sem ele, não haveria o “estabelecimento das condições materiais” capazes de impor uma nova ordem à “vida nacional”, como afirma Marcília Rosa Periotto:

No século XIX, o debate sobre o progresso seria uma discussão que o Brasil não se furtou em realizar. Nas palavras de seus mais diversos adeptos, trouxe questões as mais variadas. **Coube a imprensa assumir o papel de disseminadora das ideias que julgava mais cabíveis ao estabelecimento das condições materiais, necessárias para ‘diminuir a fraqueza relativa’ que [estava] presente em todos os setores da vida nacional.** Ela notabilizou-se em participar ativamente da vida do país, construindo e desfazendo fatos, defendendo ideias ou combatendo opiniões contrárias aos interesses predominantes. (PERIOTTO, 2001, p. 37, grifo nosso).

As condições materiais, mencionadas pela autora, referem-se ao universo de inovações que surgiram com o desenvolvimento capitalista. O levante iniciado nas revoluções do século XVIII assumiu as rédeas do avanço material, implantando formas de produção, que não aceitavam haver transformações sem que ocorresse o progresso material.

A quantidade de discursos que tomavam o progresso como estandarte assumiu proporções quase que incalculáveis. Nos cafés, livrarias e nos jornais, o que não faltava eram as defesas acaloradas sobre os meios de se alcançar uma sociedade progressista. Sem dúvida, os anos oitocentos legitimavam que o “Progresso é dessas idéias-força. [Ele] supõe que a civilização se mova para uma direção entendida como benévola ou que conduza a um maior número de existências felizes” (DUPAS, 2006, p. 30).

Na imprensa espírita o progresso era visto como a “ideia força” a que Dupas se refere. No entanto, a inquietação dos articulistas da imprensa espírita era com outro tipo de acepção progressista, que se valia de compreensões moralizante e acusava a preocupação desmedida com o avanço material da sociedade. A maneira como o progresso foi disseminada pela imprensa espírita, sucedia das ideias de Allan Kardec.

Kardec defendia que a alma passava por estágios de evolução engendrados pelo progresso moral. A crítica, por ele estabelecida, destinava-se as condições materialistas que favoreciam o desenvolvimento material e pouco fazia pelo desenvolvimento da humanidade (KARDEC, 2004).

As condições materiais vivenciadas no século XIX causavam euforia e ponderações. Destarte, até que ponto o progresso material correspondia a evolução da sociedade? Esta questão foi feita nos periódicos da imprensa espírita brasileiras. Na *Revista Espírita* a pergunta tinha como resposta que, “O progresso material não deve ofuscar a regeneração das almas” (REVISTA ESPÍRITA, mar., n. 3 1875).

A imprensa espírita brasileira era contrária ao pensar desenvolvimentista, tão e somente, das condições materiais. Entretanto, não se pode afirmar que ela era avessa ao avanço material, haja vista que por diversas vezes assegurou em suas páginas que o “progresso material é o alicerce que ajuizará toda a forma de

progresso da matéria social” (REVISTA ESPÍRITA, mar., 1875, n. 3, p. 104). Desse modo, o termo expressava definições distintas, mas que nem sempre foram opostas e, por muitas vezes, seguiram se complementando.

De acordo com o que Allan Kardec deixou postulado, o progresso material era o correspondente direto do progresso intelectual. O avanço do conhecimento humano incorria em aceitar as verdades reveladas ao conhecimento (KARDEC, 2004). O criador da Doutrina Espírita distinguiu o progresso intelectual, decorrente do avanço material, e o progresso moral, originário nos valores humanos. A distinção foi feita pela primeira vez n’ *O Livro dos Espíritos* e esclarecia:

**Há duas espécies de progresso**, que uma a outra se prestam mútuo apoio, mas que, no entanto, não marcham lado a lado: o **progresso intelectual** e o **progresso moral**. Entre os povos civilizados, o primeiro tem recebido, no correr deste século, todos os incentivos. Por isso mesmo atingiu um grau a que ainda não chegara antes da época atual. Muito falta para que o segundo se ache no mesmo nível. Entretanto, comparando-se os costumes sociais de hoje com os de alguns séculos atrás, só um cego negaria o progresso realizado. Ora, sendo assim, por que haveria essa marcha ascendente de parar, com relação, de preferência, ao moral, do que com relação ao intelectual? Por que será impossível que entre o século dezenove e o vigésimo quarto século haja, a esse respeito, tanta diferença quanta entre o décimo quarto século e o século dezenove? Duvidar fora pretender que a Humanidade está no apogeu da perfeição, o que seria absurdo, ou que ela não é perfectível moralmente, o que a experiência desmente (KARDEC, 2004, p. 448, grifo nosso).

A explicação de Kardec foi transcrita nos três periódicos espíritas brasileiros. Não por menos, fazia-se preciso expor qual era a função da noção de progresso naqueles tempos. Na *Revista Espírita*, por exemplo, foi publicado que sem a prática dos princípios morais, a “humanidade demoraria para alcançar o seu pleno desenvolvimento” (REVISTA ESPÍRITA, maio, 1875, n. 4, p. 116). Em tais termos, o progresso não condizia apenas com a satisfação das condições materiais, porém, ele indicava “[...] mudanças nas atitudes que faziam o espírito evoluírem progressivamente” (REVISTA ESPÍRITA, maio, 1875, n. 4, p. 116). A noção era ratificada pelo entendimento de que o “[...] o progresso da sociedade vem da mudança do espírito que renova as ações e a política” (REVISTA ESPÍRITA, maio, 1875, n. 4, p. 116).

A recompensa no aperfeiçoamento moral resultaria no “reino da perfeição”, iniciado na realidade terrena e que se concretizaria no além-túmulo. Ilustrativamente, pode ser mencionado um excerto da *Revista da Sociedade* que afirmar que: “O progresso decorre da “evolução, é portanto, o processo mediante o qual, a humanidade terrestre avança no caminho da perfeição” (REVISTA DA SOCIEDADE..., maio 1881, n. 5, p. 130).

Os espíritos também progrediam, mas em sentido diferente do previsto pelo avanço físico. Na *Revista Espírita*, por exemplo, existia uma “Classificação dos Espíritos”, bem como uma “Escala Espiritual”, que abordava cada estágio do progresso percorrido pelos “espíritos bons”. Eles deveriam servir de modelo para que os homens se adequassem ao que esperava a Doutrina Espírita.

Os exemplos de progresso moral estavam cercados de expressões que qualificavam os espíritos, como “evoluídos”, “bons”, “superiores”, opondo-se, respectivamente, a “espíritos involuídos”, “ruins” e “inferiores”. Enquanto encarnados, os homens deveriam satisfazer a e percorrer a “lei do progresso”.

A lei do progresso é uma lei de Deus, e a ela está sujeito o Espírito. Enquanto o Espírito não progredir [...] não compreendera a vantagem de por-se no caminho do progresso, então vê quanto se prejudicou em infringir as leis do bem, únicas leis do Código Divino. Aí começa o sofrimento moral, o castigo, e só termina com o sincero arrependimento, que outra coisa não é senão a reparação da infração cometida. (REVISTA DA SOCIEDADE..., abr., maio,. 1882, n. 4; 5, p. 88).

De modo análogo, N’O *Écho d’Além Túmulo* havia a mesma noção de progresso contínuo, respeitando a “graus de perfeição”. Contudo, o articulista dava maior ênfase as atitudes morais que cada espírito deveria cultivar. O desenvolvimento da moralidade dependia do livre arbítrio. De acordo com o que publicou o jornal:

Sabe que a alma progride incessantemente através de uma série de existência sucessivas, até que tenha atingido o grau de perfeição, que pode aproximá-la de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com uma mesma aptidão a progredir em virtude de seu **livre arbítrio**, que todas são da mesma essência, que entre elas somente há diferença do progresso consumado; que todas tem o mesmo destino e atingirão o mesmo fim mais ou menos

prontamente segundo o trabalho e sua boa vontade (O ÉCHO, mar., 1870, n.5, p. 220, grifo nosso).

A *Revista da Sociedade Acadêmica* apresentava o mesmo entendimento, não no que refere-se ao livre arbítrio que conduz as questões do progresso moral, mas dos estágios que o progresso moral contemplava.

O espírito só não chega a receber iluminação divina que lhe dá, ao mesmo tempo em que o livre arbítrio e a consciência, a noção de seus altos destinos, depois de ter passado pela série divinamente necessária dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra de sua individualidade; é somente a datar do dia em que o Senhor imprime-lhe sobre a fronte seu augusto tipo, que o espírito toma o lugar entre as humanidades. (REVISTA DA SOCIEDADE..., out. 1881, n. 10, p. 18),

Pela análise dos periódicos, observa-se que a noção de progresso era corrente na imprensa espírita. Esta noção implicava na concepção formativa da época. Defender uma noção de progresso moral exigia o aperfeiçoamento de uma sociedade que requeria mudanças em várias questões, a exemplo das condições servis e políticas. O discurso sobre o progresso não se fazia sem dar a ele a responsabilidade de ser o dinamizador social. Por isso, nas páginas da imprensa espírita “[...] a noção de progresso social extrapolou suas barreiras e indicava a necessidade de um progresso espiritual” (DAMAZIO, 1994, p. 36).

Partindo de interpretações doutrinárias que se aliavam ao ideário oitocentista, os periódicos da imprensa espírita brasileira publicaram que o século XIX estava colhendo “[...] os frutos da ciência que era o progresso intelectual e moral” (REVISTA ESPÍRITA, abr. 1875, n. 4, p. 118). A ciência havia feito avançar as condições materiais pela via do conhecimento, ou seja, pelo progresso intelectual, porém, o estágio que a sociedade tinha chegado deixava a desejar outro tipo de progresso, o moral.

Christopher Dawson corrobora que, as condições do século XIX assinalavam a noção de progresso em dupla perspectiva. Ao mesmo tempo em que se vislumbrava como uma “nova religião”, por conta do crescimento econômico dos países que vivenciaram o período pós-revolucionário do século XVIII; ele causava um “Descontentamento social derivado de uma supremacia política” (DAWSON, 2012, p. 56).

Aliando a explicação de Dawson ao que se via na imprensa espírita brasileira, pode-se entender que, o progresso material deveria ser repensado. No caso do Brasil, era evidente que a modernização ainda precisava ser empreendida, entretanto, o fato do espiritismo ter nascido em berço europeu, fazia com que seus divulgadores brasileiros denotassem uma roupagem diferente. Certamente, a ideologia apregoada pelos espíritas era mais consoante com o progresso moral, mas não deixava de lado que o “[...] espírito humano, enquanto estava na terra, deveria ser cultivado em melhoras sucessivas para que, igualmente, avançasse em outros planos” (REVISTA ESPÍRITA, mar., 1875, n. 3, p. 104).

Como defensores do progresso, os periódicos espíritas insistiam na transformação de todo o espírito humano. Era preciso renovar desde a moral cristã até as antigas concepções sobre a organização física do mundo<sup>29</sup>. Era com esse sentido que o progresso foi descrito nos periódicos espíritas brasileiros. A forma como a *Revista da Sociedade Acadêmica* tratou o assunto é exemplar. Nela os intelectuais do espiritismo se intitulavam como,

Obreiros do progresso físico, intelectual e moral, todos os homens são credores do amor e respeito mútuo, que se devem como irmão; por isso, nós, que estudamos a Ciência Espírita, procurando por em prática a moral crista, consagramos veneração: - aos apóstolos do trabalho, de cujas mãos nasce o progresso físico; aos sacerdotes da ciência, de cujo esforços resulta o progresso intelectual; e finalmente, aos levitas da religião, a quem incube o progresso moral; porque, concorrendo todos para o mesmo fim, o progresso humano, constituem a trindade santa do evangelho da criação (REVISTA DA SOCIEDADE..., ago., 1881, n. 8, p. 236).

Na citação acima, os espíritas brasileiros asseguravam interesse em várias noções progressistas. Ou seja, atendiam ao preceito da evolução da alma, mas não se esquivavam do progresso material. Cabe aqui recorrer, novamente, a Allan Kardec, n’*O Livro dos Espíritos*, o criador da Doutrina Espírita também afirmou que o progresso intelectual poderia engendrar o progresso moral, desde que os homens soubessem fazer suas escolhas. Nas palavras do próprio Kardec:

---

<sup>29</sup> Segundo Isaía, diversos grupos tentavam adequar-se a explicações científicas sobre a organização física do mundo. “Muitos deles eram grupos anticlericais expressivos: maçons, republicanos, socialistas, liberais, positivistas” (ISAÍÁ, 2001, p. 291).



*Como pode o progresso intelectual engendrar o progresso moral?*  
Fazendo compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos (KARDEC, 2004, p. 445, grifo do autor).

A distinção dada por Kardec encontrava-se na imprensa espírita brasileira. Seguindo sua forma de pensar, os membros da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* frisavam que o progresso da matéria deveria ser acompanhado de um progresso moral. Para eles, este era o modo que a humanidade se transformava.

Sim, por certo, a humanidade se transforma, como já se transformou em outras épocas; a cada transformação é assinalada uma crise, que é, para o gênero humano, o que são as crises de crescimento para os indivíduos; crises freqüentemente penosas, dolorosas, que carregam consigo as gerações e as instituições, mas sempre são seguidas de um fase de progresso material e moral (REVISTA DA SOCIEDADE, fev.; mar., n. 2; n. 3, 1882, p. 39).

Os periódicos faziam a diferenciação, mostrando que a ideologia de progresso intelectual distinguia o avançar material das ideias concernentes ao progresso moral, responsáveis pelas mudanças na conduta dos humanos e que favorecia a evolução do espírito. O problema ficava por conta do tipo de progresso que seria colocado em prática. A crítica apresentada no jornal *O Écho d'Além Túmulo* é exemplar:

É assim, pois que no centro do progresso material, e onde a moral do Calvário é sobposta aos interesses, aos lucros, aos proveitos, as conveniências puramente terrenas que a luz da verdade foi de novo acender o facho imenso, que há de levar a humanidade inteira ao caminho, que Deus lhe destinou em sua infinita e inexorável bondade (O ÉCHO... jul., 1869, n.1, p. 18).

Ao mesmo passo que faziam a defesa do progresso moral, os espíritas concordavam que para o Brasil seria necessário o progresso material, só assim, haveria de se ter uma nação civilizada. Logo, era preciso vencer as amarras políticas que haviam subjugado a história do país desde a época em que era uma

colônia portuguesa (ISAÍÁ, 2007; 2012). O modelo de superação era as atitudes morais, como a caridade, que fazia o espírito evoluir.

Um fator importante, que deve ser ressaltado na análise da concepção de progresso presente na imprensa espírita, diz respeito a sua configuração. Evidente que ela tinha inspiração máxima nas premissas doutrinárias estabelecidas por Kardec. No entanto, o modo como era retratado convergia a ideias correntes em outras perspectivas que se levantaram na época e que delineavam ideologias progressistas .

Estas ideologias também apresentavam o anseio de mudanças, melhoras e transformações sociais, ou seja, elas expunham o interesse do período. Não meramente, eram comparadas com as religiões. Além disso, os exemplos de tendências progressistas presentes se manifestavam em diversas frentes: debates políticos, filosóficos, dentre outros que recorriam às concepções de firmadas na ideia de progresso.

Contudo, não se espalharam pelo país sem passar por modificações que pudessem atender as especificidades, as quais eram impostas pela sociedade saturada com a estrutura do império. Aliados aos ganhos materiais, aportaram em expressões que se aplicavam a evolução dos corpos físicos e da própria moralidade. Logo, as ideologias progressistas não eram marginais, contrariamente elas eram centrais nas proposituras que se levantaram nos anos oitocentos. Paolo Rossi assevera que:

[...] a idéia de progresso não é marginal, mas constituída da imagem moderna da ciência. Dos primeiros anos do século XVII até a segunda metade do século XIX, a idéia de um crescimento de um *avanço do saber* acompanha todos os vários e diferentes programas científicos, constituindo, por assim dizer, seu fundo comum (ROSSI, 2000, p. 49, grifo do autor).

As tendências que emergiram na época, bem como seus expoentes, buscavam clarificar as ações humanas ao afirmar a ocorrência de sucessivos eventos que inovariam a sociedade a partir de novas políticas e até mesmo uma nova moral baseadas nas ideias de progresso. Pode se citar as correntes nominadas como Positivismo, o Darwinismo, o Specerianismo, o próprio Espiritualismo, dentre outros. Estas ideias foram bem aceitas nos anos de 1870 e

se referiam a determinados pensadores de então. Assim, Comte (1798-1857), Spencer (1820-1903) e Darwin (1809-1882) entendiam o desenrolar da história humana como uma sucessão marcada por superações contínuas.

Tanto Comte quanto Spencer entendiam o desenrolar da história humana como uma sucessão escalonada de superações, pelas quais a religião e a monarquia eram valores de um passado caduco. Todas as sociedades caminhavam inexoravelmente para o advento de um mundo guiado pela ciência e pela democracia. (MELLO, 2009, p. 19)

Para exemplificar a proximidade entre estas tendências e o espiritismo, vejamos uma citação de Spencer que se preocupou em definir o que era o *progresso intelectual* e o progresso moral, semelhantemente ao que fez a Doutrina Espírita:

O progresso intelectual [...] fazem no consistir no número crescente de fatos conhecidos e de leis compreendidas, entretanto que o verdadeiro progresso consiste nas mudanças íntimas, cuja acumulação de conhecimentos é apenas o indício. O progresso social consiste, como se crê, em produzir uma quantidade crescente de artigos o fundo do progresso social, são as mudanças da estrutura do organismo social, as quais trouxeram essas conseqüências (SPENCER, 1889, p. 06).

Como se observa a definição que Spencer deu ao “progresso intelectual”, estabelecia proximidade com a definição dada por Kardec no *Livro dos Espíritos* e que adentrou a imprensa espírita brasileira. As convicções consideravam a evolução da sociedade, mediante um processo contínuo de transformações.

As teorias evolucionistas e positivistas, por exemplo, avançavam moldando-se as peculiaridades apropriadas a um contexto em que a modernização ainda estava por ser fazer (ISAÍÁ, 2012). Cada segmento letrado apropriava-se das referidas correntes utilizando aquilo que mais aprazia aos seus interesses.

Ao delinear a comparação do espiritismo com as correntes científico-filosóficas, o que se quer é demonstrar que as concepções de progresso publicadas nos periódicos espíritas estabeleciam proximidades com outras formas de conceber as transformações em curso na época. Do mais, naturalizavam os termos a tal ponto que, progresso intelectual e progresso moral, passavam a ser

tomados de modo corriqueiros nos diversos debates. Não por acaso, para conceituar e defini-los impõe pensar em cada modelo que se levantava.

As correntes científico-filosóficas, como podem ser designadas, tinha o progresso como fim. No quadro de ideias que circulavam na segunda metade dos oitocentos, a sociedade que progredisse deixaria as atribuições que causavam retrocesso. A implantação do progresso acarretaria a linearidade evolutiva e se cumpriria atendendo as ideologias que resguardava aquela concepção. Segundo Hobsbawm, estas concepções eram tão evidentes ao ponto de serem medidas. De acordo com este autor:

O progresso era medido pela curva sempre ascendente de tudo o que pudesse ser medido, ou que os homens escolhessem medir. O aperfeiçoamento contínuo, mesmo das coisas que obviamente precisavam ser aperfeiçoadas, era garantido pela experiência histórica. Parecia difícil acreditar que, há pouco mais de três séculos, europeus inteligentes tivessem considerado a agricultura, as técnicas militares e até a medicina da Roma antiga como modelo para suas próprias [...] (HOBBSAWM, 1988, p. 46-47).

Progredir era elevar-se de um estado para outro, sempre o último sendo o mais sublime. Esse contínuo estava ligado à evolução, o que significava permanecer em movimento constante, mantendo a meta no futuro e jamais no passado. Os defensores do progresso moral, persistiam na necessidade de um entendimento de que o progresso material não deveria ser colocado em primeira instância, ou ainda, que ele não deveria superar a moralidade.

Assim, fazia-se coerente ser incisivo (e até exaustivo) na discussão sobre como o progresso deveria ser pensado. Não era ao acaso, nem somente por convicções ideológicas que os espíritas brasileiros publicaram em seus periódicos a necessidade do progresso. Como outros grupos, eles estavam imbuídos do debate que reafirmava a todo tempo a necessidade de mudanças. O que os diferenciava era o tom do discurso, pois, ao menos nos periódicos, não justificavam diretamente suas ações em nome do contexto estrutural, ou material. Contrariamente, certificavam-se de que o progresso deveria favorecer a “[...] evolução das almas que estavam além da realidade física” (REVISTA ESPÍRITA, mar., 1875, n. 3, p. 146).

A idéia de progresso ficou longe de ser apenas um conjunto de construções intelectuais. Ela adquiria adesão social de grande parte da população (ISAÍÁ, 2010; VALLE 2010). Evidentemente, cabia aos intelectuais difundirem e fazer com que ela se alastrasse, porém, para o século XIX suas noções já estavam amplamente divulgadas no anseio de pensar que aquela sociedade operaria mudanças significativas no seu modo de vida. Sendo assim, propalar o conceito não foi das missões mais difíceis para os intelectuais da imprensa espírita. Afinal, os homens buscavam o progresso e queriam transformar seus espíritos evolutivamente, como afirmou a *Revista da Sociedade Acadêmica*:

Todo o homem, por efeito de uma força espontânea, ou em virtude de uma lei irrevogável, necessária, absoluta, eterna, consciente ou inconscientemente almeja, procura, quer a verdade; porque sabe em espírito, que só guiado por essa luz divina, ele poderá progredir “(REVISTA DA SOCIEDADE..., maio 1881, n. 5, p. 130).

A compreensão de progresso conformava que havia a “[...] a passagem de um estágio inferior para um superior. Esse entendimento está sujeito a duas concepções quando pensado sob a idéia de progresso: de acúmulo de conhecimento e [...] de ‘melhorias morais e espirituais’ para que o homem seja ‘mais feliz, tranqüilo e sereno’” (DUPAS, 2006, p. 31).

Exemplarmente, n’*O Écho d’Além Túmulo*, Teles de Menezes, explicitava que o progresso moral deveria ser percorrido por todo aquele que pretendia regenerar sua alma e fazer progredir a humanidade. Por isso argumentou que “Tendo o espírito de progredir em todos os sentidos, tudo o quanto ele aprende auxilia o seu desenvolvimento” (O ÉCHO, jan., 1870, n. 4, p. 182).

Portanto, os intelectuais brasileiros, em particular os que escreveram para a imprensa espírita, entenderam e participaram daquele contexto. Teles de Menezes, Silva Neto, e os membros da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, publicaram, em seus periódicos, uma concepção de progresso que estava em pleno acordo com o contexto histórico em que viveram. Estes intelectuais teciam textos, artigos e debates que demarcavam o quanto o desenvolvimento moral da sociedade imperial estava aquém das estruturas progressistas.

Logo, para a imprensa espírita brasileira, estabeleceram-se duas formas de entender o progresso.

O ***Progresso Intelectual*** figurava entre os intelectuais dos mais diversos segmentos presentes naquela sociedade. Exemplarmente, homens que tinham conquistado a participação política e faziam a defesa veemente do avanço das condições materiais por meio da implantação da ciência materialista. Para os seus defensores, a preocupação que mais se evidenciava era com a política. Esta afirmação foi subsidiada nas correntes científicas da época, mostrando o modelo de desenvolvimento evolutivo que o país deveria seguir.

O ***Progresso Espiritual*** cumpriria a missão de levar os espíritos a outros estágios da evolução terrena, bem como em outros mundos. Este era o pensamento que o espiritismo abrangia, mas que de maneira bastante similar agrupava-se aos interesses do progresso intelectual - ou material, sobretudo, quando tomado que, em ambas as concepções, a intenção era encontrar meios de fazer com a humanidade avançasse e evoluísse.

Do mais, as concepções de progresso propalado pela imprensa espírita deixavam entrever que seus articulistas participavam do quadro político e não queria ficar alheia a “marcha do progresso”(REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA... abr., 1881, n. 05, 156). Notadamente, queriam participar do progresso material e conciliar-se com a noção de progresso moral.

É possível afirmar que, os espíritas sentiam-se empolgados com a possibilidade de discutir o ideário progressista numa perspectiva que incorporava ideias que mesclavam os benefícios materiais e, ainda, os justificavam moralmente. Além do mais, insistir no discurso progressista foi uma das formas que os espíritas encontraram para fazer com que suas argumentações fossem aceitas, haja vista que a recusa aos seus ideias eram ratificados pela conotação religiosa da doutrina, basta lembrar que, o espiritismo era para eles uma alternativa que permitia se professar católico, sem deixar de ser um estudioso da ciência dos espíritos (GIUMBELLI, 1997).

Respaldado pelos princípios kardecistas, a ideia de progresso seria um processo lento e sucessivo, variando de acordo com as virtudes de cada indivíduo. No entanto, todos deveriam saber que as práticas morais os conduziram para sua progressão, fosse ela espiritual, ou material. Assim,

certamente o que queriam consolidar – ou que pelo menos seria mais tangente - era o avanço das condições materiais, mas com o respaldo dado pelo progresso moral. De tal modo, não contrariam os princípios doutrinários defendidos por Kardec.

Ainda que o foco no progresso moral ganhasse maior atenção nas páginas da imprensa espírita, as questões tratadas pelos periódicos não deixaram de mencionar os desejos de transformação política e social a partir de uma noção de progresso. Estimulando a prática do progresso moral por seus adeptos, os espíritas teceram críticas as condições sociais que a sociedade se encontrava.

Enfim, buscar uma nova base de progresso, fundamentado na moral, era o que pretendia o discurso da imprensa espírita. Seguramente, as ideias feitas sobre o progresso indicavam a certeza de mudanças, caracterizadas pela vontade do eterno *continuum*, tanto no mundo dos vivos, quanto no mundo dos mortos. O lema era um só: progredir! Este anseio não foi algo que somente os oitocentos declararam, outras sociedades sempre evidenciaram suas lutas por alterações que almejavam novas atitudes. O que se mostra singular para o caso é o modo como o progresso foi adotado.

No caso do Brasil, especialmente, a partir do debate postulado pela Doutrina Espírita, a particularidade da ideologia progressista ficou por conta de um modelo que tentava aliar a materialidade com a moralidade. Todavia, essa novidade não era tão inovadora, uma vez que o próprio Kardec estimava aliar “ciência” e “religião”, ou ainda, “matéria” e “moral”. Dessa junção, ocuparam-se os periódicos espíritas, bem como seus intelectuais.

### 5.3 Os “princípios científicos” dos jornais espíritas

“A ciência de ora avante rege o mundo...”  
(REVISTA DA SOCIDADE... maio, 1882 n. 5, p. 118;  
O ÉCHO..., set., 1869, n. 2, p. 74).

A epígrafe que inicia esta seção foi retirada do discurso fúnebre, proferido por Camille Flamarion, pela ocasião da morte de Allan Kardec. De maneira profética, era enfatizado o entendimento que transpôs a fronteira da França e passou a ajuizar os intelectuais da imprensa espírita brasileira. Ao remeter-se ao discurso de Flamarion, os espíritas brasileiros queriam ir além de exortação feita em homenagem a Kardec. O propósito era divulgar os avanços científicos, que afirmavam terem sido alcançados após a Doutrina Espírita ter sido instaurada.

O discurso de Flamarion assinala o interesse em assentar as premissas esquematizadas de Kardec no mesmo quadro das ciências positivas, fazendo com que o espiritismo se alinhasse às tendências científicas edificadas no ideário oitocentista. O discurso explicitava o tom dos artigos dos periódicos da imprensa espírita brasileira. Ele esclarecia qual era a concepção de ciência aceita para o período e o quanto faria os homens avançar. Nos seus dizeres, extraídos da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*:

**Em nenhuma época da história, jamais a ciência desenvolveu, diante do olhar pasmo do homem, horizontes tão grandiosos.** Sabemos hoje que a *Terra é um astro*, e que *nossa vida atual se completa no céu*. **Pela análise** da luz, conhecemos os elementos que ardem no sol e nas estrelas, a milhões e trilhões de léguas do nosso observatório terrestre. **Pelo cálculo**, possuímos a história do céu e da terra em seu passado remoto como no seu porvir, que não existem para as leis imutáveis. **Pela observação**, temos pesado as terras celestes que gravitam na amplidão. O globo, onde estamos, tornou-se um átomo estrelar voando no espaço no meio das profundezas infinitas, e nossa própria existência sobre este globo tornou-se uma fração infinitesimal de nova vida eterna. (REVISTA DA SOCIEDADE..., maio, 1882, n. 5, p. 118, grifo nosso).

A análise, o cálculo e a observação baseavam a epistemologia científica moderna e, por sua vez, o Brasil era um país que “respirava a ciência”



(SCHWARCZ, 2010, p. 15). De tal modo, os intelectuais espíritas registraram suas convicções pela imprensa e não deixaram de subscrever o espiritismo como sendo o meio adequado para fazer a sociedade progredir cientificamente.

Para que as ideologias do século XIX fossem aceitas, elas não hesitavam em buscar traços que as assemelhassem com o legado dos grandes nomes da ciência moderna, como por exemplo, Bacon (1561-1626), Copérnico (1473-1543), Kepler (1571-1630), Descartes (1569-1650), Locke (1632-1704), dentre outros<sup>30</sup>. Retomar os princípios científicos fazia com que seguissem os mesmos princípios das ciências que já tinham sido aceitas. Teles de Menezes, sabedor da importância que a ciência moderna tinha para o espiritismo, afirmou no jornal *O Écho d'Além Túmulo*:

Neste ponto de vista todas as ciências, que nos fazem conhecer mistérios da natureza são revelações, e pode-se dizer que há para nós uma revelação incessante; a astronomia nos tem revelado o mundo astral, que não conhecíamos; a geologia, a formação da terra; a química, a lei das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo, etc. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier, são reveladores (O ÉCHO..., jan., 1870, n. 4, p. 153-154).

Se cada ciência tinha algo a desvendar, o espiritismo estava destinado a descortinar o mundo espiritual. Neste aspecto, nem mesmo a relação entre fé e ciência abalava os princípios da doutrina, ao contrário, o espiritismo tentava unir as duas maneiras de interpretar a realidade. A aliança entre as tendências oitocentistas e a moral vinda da fé, nada mais era que a tentativa de se estabelecer a concordância do ideal cientificista com o ideal religioso.

De modo exemplar, a tendência positivista já tinha percorrido a mesma aliança. Nesta perspectiva, o progresso seria o meio para o desenvolvimento da sociedade. Assim, o lema que pregava “O amor por princípio, a ordem por base, e o progresso por fim” (COMTE, 1978, p. 145) era disseminado em terras brasileiras e atraía vários intelectuais, tanto é que, os intelectuais do espiritismo brasileiro, quando não se valiam dos mesmos princípios, delineavam uma proximidade.

---

<sup>30</sup> Os três periódicos recorriam aos pensadores da ciência moderna para comporem proximidades entre a doutrina espírita e os aspectos observacionais promulgados na modernidade. Em alguns textos, os intelectuais espíritas lançavam mão de excertos retirados das obras clássicas, como do *Discurso do Método*, de René Descartes, e do *Novo Organum* de Francis Bacon.

Outra similaridade que aproximava o Positivismo do Espiritismo é a faceta religiosa cultivada por ambos. Pode até parecer contraditório, mas as ideias positivistas deveriam ser seguidas como se fossem partes de uma religião. Assim explica Fernandes:

Porém, apesar de pregar o fim do período da religião, o Positivismo, de maneira contraditória, acabou se estabelecendo como um culto moderno, possuindo inclusive um 'Catecismo Positivista' com direito a um 'clero próprio'. Em suma, enquanto ciência postulava o repúdio à metafísica e às essências, reduzindo a filosofia a metodologia e a sistematização das ciências. Como culto, colocava a ciência no lugar da religião, e a ela prestava reverência, sacralizando-a como a nova tábua de salvação da humanidade (FERNANDES, 2008, p. 42).

O que diferia era justamente a questão material, pois para Comte, o estágio positivo, visto como o mais evoluído, não podia se formar em elucubrações metafísicas. Porém, para o espiritismo, sendo uma ciência do invisível, era inevitável ir além da física. Logo, a filosofia positivista, ao contrariar o mundo físico, esbarrava na tese central do espiritismo, que acreditava na propositura de conhecer realidades avessas ao real, ou ao físico. Do mais, para o positivismo, o progresso deveria ser posto para resolver os problemas reais, enquanto para o espiritismo o progresso também estava destinado aos problemas morais.

Em seus periódicos, os espíritas justificavam a ciência positiva no que tange os seus métodos, mas se fechavam a impossibilidade de abarcar a análise do invisível, uma vez que ela proporcionava o contato com o mundo invisível. Exemplo disso foi a defesa que os membros da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade fizeram ao retomar os pensadores modernos, como por exemplo, ao afirmar que "Uma ciência deve ser, na expressão de Bacon, um rico celeiro para servir a glória de Deus e ao bem estar do homem" (REVISTA DA SOCIEDADE..., jul., 1881, n. 7, p. 206).

Sem dúvida, juntar ciência e religião foi uma das estratégias adotadas pelos periódicos espíritas para inserir a doutrina de Kardec no mesmo plano das tendências científicas que se estabeleciam no país, sem deixar de lado seus outros aspectos doutrinários.

No quadro de debates ideológicos do Brasil oitocentista, a ciência e a moral tinham espaço até mesmo para fazer com que os homens respeitassem as noções de ordem, tão significativa para uma sociedade em transformação. Não se pode perder de vista que todo esse cenário enquadrava-se dentro da crise política do Império, assim, era perfeitamente aceitável que ideias ditas científicas encontrassem acolhida no âmbito da religião.

Propagar uma concepção específica de ciência, que não deixasse de lado o grande legado configurado na modernidade, tornou-se o sustentáculo dos periódicos da imprensa espírita brasileira. Estratégia pedagógica que necessitava de distinções, sobretudo, para diferenciar-se do materialismo que ocupava as ciências positivas, e que não proporcionava a eficácia moralizante que a Doutrina Espírita abrangia.

Faz jus lembrar que durante aquele período, outras tendências, ditas científicas, incorporavam as perspectivas de observação do invisível. A necessidade de comprovar fluídos, fenômenos e efeitos sem causa aparente era o foco do Espiritualismo. Esse tipo de ciência acreditava nas “forças inteligentes” além da matéria, no entanto, não atribuía que estas forças vinham de espíritos. (ARRIBAS, 2010). Seriam fenômenos com explicação física, ou decorrentes de reações químicas, biológicas, que podiam ser explicadas sem se ater aos espíritos desencarnados. O Espiritualismo, que estava em voga, foi explicado nas páginas da *Revista Espírita* do seguinte modo:

ESIRITUALISMO. O que tem relação com o espiritualismo: partidário do espiritualismo. Todo aquele que acredita haver em nós alguma coisa além da matéria é *espiritualista*, o que não implica acreditar na crença das manifestações dos Espíritos. Todo o *espírita* é forçosamente *espiritualista*, mas pode ser espiritualista sem ser espírita; só o *materialista* não pode ser nem uma nem outra coisa. Diz-se: a filosofia *espiritualista*; *uma obra escrita nas ideias espiritualistas*. – As manifestações *espirituais* são produzidas p pela ação dos Espíritos sobre a matéria. A moral *espírita* emana do ensino dado pelos Espíritos. Há *espiritualistas* que ridicularizam as crenças *espíritas*. Bastam estes exemplos para justificar a criação da palavra espírita (REVISTA ESPÍRITA, jan. 1875, n. 1, p. 20)<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Essa definição segue a distinção feita por Kardec no *Livro dos Espíritos* e que já foi citado nesta tese em sua segunda seção.

O que diferenciava o Espiritualismo do Espiritismo? A resposta é que o último era a “Doutrina fundada sobre a crença da existência dos Espíritos e das suas manifestações” (REVISTA ESPÍRITA, jan. 1875, n. 1, p. 20). Não bastava ser uma ciência, ou apresentar aproximações com os modelos científicos em vigência, era preciso tecer diferenciações, ajuizando que o espiritismo era uma nova ciência, capaz de estabelecer a comunicação espiritual e dela tirar proveitos morais. A concepção era defendida nos periódicos espíritas do Brasil oitocentista, mostrando que a ciência alcançada, só seria a mais apropriada expressão da razão quando fosse condizente com o desenvolvimento moral dos homens, a exemplo do que foi publicado pela *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*.

São chegados os tempos em que a ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual, e em que a religião cessara de conhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria; essas duas forças, apoiando-se uma sobre a outra e marchando de harmonia, se prestarão um mundo auxílio. Então a religião, não recebendo mais desmentido da ciência, adquiriria um poder inabalável por se achar de acordo com a razão e, e não lhe poderá opor a irresistível lógica dos fatos. Ao Espiritismo estava reservado o papel difícil, mas por isso mesmo glorioso de estabelecer a aliança da ciência e da religião (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan., 1881, n. 1, p. 3).

Porém, para toda e qualquer tendência que quisesse para si o *status* de científica, primeiramente, teria que provar, metodicamente, os enunciados que fazia. Não foi diferente com o espiritismo! Allan Kardec, ao criar sua doutrina, atentou-se para este princípio e, inclusive, disse que sua doutrina tinha características mais voltadas para o que ele entendia como ciência, do que propriamente para a filosofia e para a religião<sup>32</sup>. Por entender que suas premissas fundamentavam um modelo de ciência, dizia ele que: “Quem deseja tornar-se versado numa ciência tem que estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das idéias” (KARDEC, 2004, p. 43). O tema foi tratado na imprensa espírita e seus intelectuais seguiram a Kardec e passaram a “estudá-la”.

---

<sup>32</sup> Sandra Jaqueline Stoll afirma que o estatuto científico não era uma prerrogativa do espiritismo, “[...] mas outras doutrinas religiosas da época, passaram a reivindicar o estatuto de ciência. Dentre elas, a Teosofia e a Maçonaria” (STOLL, 2002, p. 34).

Ao anunciarem os estudos que qualificavam como científicos, os intelectuais espíritas procuravam afastar os curiosos e aproximar da doutrina aqueles que estavam interessados em entender o mundo invisível por meio de estudos dos fenômenos invisíveis. Nesse sentido, Silva Neto advertia na *Revista Espírita* que,

O Espiritismo é uma ciência de observação; portanto, está compreendida no quadro das ciências positivas: o fervor que desperta do animo que o estudam, é uma forte presença á favor das verdades que proclama e dos fatos que explica, por isso está sendo propagado por todas as nações do mundo. Logo que os primeiros anos se passaram, os fenômenos das manifestações espíritas deixaram de simples folguedos curiosos para despertar atenção de *homens refletidos, que de pronto puderam devassar a influencia moral que tais fenômeno teriam no estado das relações sociais do mundo* REVISTA ESPÍRITA, jan. 1875, n. 1, p. 04, grifo do autor).

O autor rematava frisando que, “Hoje em dia constituído em corpo de doutrina científica, pelo imortal Allan Kardec, não é licito duvidar da revolução que há de operar em todos os ramos dos conhecimentos humanos” (REVISTA ESPÍRITA, jan. 1875, n. 1, p. 04).

A confiança no modelo científico moderno entusiasmava aos espíritas. Tanto os baianos, quanto os cariocas, tinham a certeza de que, a ciência era a responsável pelo progresso. Entendiam que o modelo de sociedade moralizante e progressista se fazia pela “marchas das ciências, da indústria humana, (e das) próprias descobertas materiais” (REVISTA ESPÍRITA, jan. 1875, n. 1, p. 04).

No jornal *O Écho d’Além Túmulo*, o editor responsável, Teles de Menezes, também abrangia a proximidade entre o espiritismo e as demais ciências materialistas, partindo de princípios observacionais. Ao considerar que o espiritismo era uma ciência, Teles de Menezes afirmou que:

A ação científica do Espiritismo revela-se pelas luminosas explicações e definições claras e precisas, que dá de todos os fenômenos, a que se têm dado o nome de sobrenaturais: revela-se, também, pelas provas palpáveis, que nos dá pré-existência, da individualidade e da imortalidade do ser pensante, demonstrando a luz da evidencia a causa das desigualdades Morais do mundo visível e invisível, e, portanto, a responsabilidade moral das almas,

bem como as penas e as recompensas futuras (O ÉCHO..., jul. 1869, n. 1, p. 3).

Os periódicos espíritas empenhavam-se para firmar a compreensão sobre uma verdadeira “ciência espírita” não abstrata e sem vínculos com o sobrenatural. O que desejavam era se sobrepor a qualquer tentativa de retirar do espiritismo o que seus seguidores defendiam como sendo científico. Seguindo essa linha de pensar, os periódicos da imprensa espírita insistiram em fazer aproximações entre as características epistêmicas das ditas ciências positivas, que estavam melhor definidas, como a química e a física, para delinear as peculiaridades da doutrina que ainda iria se formar.

A ciência espírita demonstra que o mundo espiritual não é uma coisa sobrenatural, mas ao contrario é uma força conscientemente ativa, origem de todos os fenômenos da natureza, até hoje são compreendidos, e por isso lançado para o domínio do fantástico, do maravilhoso e do sobrenatural (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan. 1881, n. 1, p. 3).

Invariavelmente, os espíritas alegavam que o espiritismo não se valia do que era inexplicável e, por diversas ocasiões, corroboravam que a doutrina tratava de explicar a realidade natural. Para Teles de Menezes, do mesmo modo que versaram os membros da Sociedade Acadêmica, o sobrenatural não existia e os espíritos faziam parte de uma realidade que poderia ser testada e verificada. Assim, foi publicado nas páginas d’ *O Écho*:

Hoje ninguém mais perguntará a alguém se existe Deus, como outrora fora Newton interrogado.

Nem será mister lançar os olhos ao firmamento para ler nele a existência divina como mandou aquele filósofo que o seu interlocutor fizesse.

Qualquer que tiver, pelo estudo profundo da ciência espírita, chegado a compenetrar-se das verdades irrefragáveis, que essa ciência encerra, por mesmo obterá a certeza dessas mesmas verdades, que se lhe manifestarão, a lhe não deixarem o mais leve resquício de dúvida.

Pois que uma razão sã, uma inteligência ilustrada, e um coração reto, nunca poderão recusar a evidencia, que só a má fé, ou a ignorância traduzirá de diversa maneira (O ÉCHO..., jul., 1869, n. 1, p. 9).

Entretanto, o método de observação, construído para subsidiar a ciência moderna, partia do sensível, ou ainda, daquilo que se podia ver e sentir. Em tal método, baseava-se uma gama de ciências emergidas para explicar questões das ciências naturais e físicas. Qualquer tentativa de se manter uma ciência sem os padrões configurados pela ciência moderna poderia causar o questionamento. E foi o que aconteceu com o espiritismo. Afinal, seria possível estabelecer métodos analíticos observacionais para tratar da existência espiritual? Para os espíritas, a resposta era afirmativa. Porém, eles reconheciam que o trabalho de auto-afirmação do estatuto científico espírita não era algo fácil. Por isso, os redatores da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade* alertavam para que: “Não devemos, pois estranhar que a ciência espírita tenha negadores e acérrimos contraditores” (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 4).

Os espíritas brasileiros entendiam que aquele período era o mais propício para o desenvolvimento de tais concepções, destarte, “Estava reservado ao século XIX, a este século, que com toda razão denominam as luzes ascender” (O ÉCHO..., jul. 1869, n. 1, p. 9).

Existia nos intelectuais oitocentistas a necessidade de implantar uma ciência que superasse as elucubrações dadas pela filosofia. Circulava, então, a crença de que o cientificismo, em seu viés prático e menos metafísico, conseguiria provar por meio de demonstrações, algumas teorias que tinham se tornado “verdades” e gerava “certezas explicativas do mundo”. Nascia, naquele período, um novo “olhar científico” que impulsionava o projeto modernizador.

A certeza de que a ciência era a propulsora da verdade seduzia as mentes e instigava as tendências filosóficas a praticar o método empírico e racional, deixando de lado a metafísica de outrora. Essa forma de abranger a ciência encontrava força no projeto modernizador que adentrava as terras brasileiras. O olhar científico do século XIX significou a radicalização da confiança no projeto moderno. [...] O projeto moderno europeu de conquista da história universal e de controle do sentido histórico, adaptando-o às novas circunstâncias do século XIX e racionalizando-o (REIS, 2005, p. 39).

Para que contemplasse os métodos observacionais, o espiritismo teria que comprovar a existência dos objetos que colocava em análise. Nesse sentido, não seria tarefa fácil evidenciar as comunicações espirituais como sendo algo factível.

A exigência decorria da modernidade, em que toda observação deveria prover em fatos observáveis. Qualquer tipo de legado metafísico não deveria permanecer. Seguindo essa forma de pensar, a ciência moderna, com fatos devidamente comprovados, era citada para garantir afirmações como a feita n' *O Écho d'Além Túmulo*: “A imortalidade da alma tantas vezes negada pelo *filosofismo materialista*, não é hoje só uma crença ou princípio, ou dedução filosófica, é um fato” (O ÉCHO..., jul., 1869, n. 1, p. 9, grifo do autor). Para não haver dúvidas, a questão era reafirmada, mostrando que a existência de almas na pós-morte era “[...] um fato, do qual não permitido mais duvida, porque a evidencia o atesta” (O ÉCHO... jul., 1869, n. 1, p. 9).

A imagem ‘moderna’ da ciência a que se fez referência aqui desempenha um papel decisivo e determinante na formação da ideia de progresso. Ela implica de fato: 1. a convicção de que o saber científico é algo que aumenta e cresce, e que atua mediante um processo para o qual contribuem, uma após outra, diferentes gerações; 2. a convicção de que esse processo, em qualquer uma de suas etapas ou de seus momentos, jamais é completo: ou seja, que não necessita de sucessivos acréscimos, revisões ou integrações; 3. enfim, a convicção de que existe de certo modo uma tradição científica que tem características específicas [...]. (ROSSI, 2000, p. 49, grifo do autor).

O discurso dos intelectuais espíritas tentava se adequar aos princípios científicos de cunho materialistas e positivos. A tarefa não foi fácil, visto a dificuldade que a Doutrina Espírita tinha para comprovar a existência da vida após a morte, por meio uma ciência positiva. A doutrina sofria com a falta de empirismo que facilitasse a observação lógica. Assim, restava aos seus adeptos criarem o seu próprio método que foi delineado por meio da “observação da comunicação espiritual” (GIUMBELLI, 2007).

A explicação estava na tentativa de comprovar a existência das comunicações espirituais, assegurando assim o princípio da vida no “além túmulo” e os “Échos que de lá emanavam” (O ÉCHO..., jul., 1869, n. 1, p. 3). Essa prática era necessária para se certificar que os espíritos, mesmo invisíveis, poderiam ser demonstrados como fazia as ciências naturais.



Se a ciência materialista servia para verificar os fenômenos físicos, a ciência espírita tinha seus métodos delineados pela observação da comunicação espiritual.

A evocação de espíritos era tida como prova experimental do espiritismo e tinha o seu ponto alto nas chamadas materializações, onde manifestações de ectoplasmas luminosos ultrapassavam a divisão entre espírito e matéria, e os espíritos movimentavam objetos, etc (LEWGOY, 2000, p. 159).

Tão logo, quando os intelectuais espíritas empregavam o discurso científico tinham como propósito mostrar que existia veracidade das manifestações espirituais ao mesmo tempo em que queriam confirmar a doutrina kardecista como sendo correta. Para além, pretendiam afirmar que os espíritos evoluídos poderiam exemplificar o caminho para a evolução, o qual deveria ser seguido pelos espíritos encarnados.

O método da ciência espírita consistia na comprovação dos abalos que feitos em objetos inanimados, como nas mesas que giravam, bem como na comunicação espiritual. Acreditavam, então, que estariam colocando em prática o método da observação nos mesmos quesitos feito pelas ciências da natureza. A explicação se deu do seguinte modo:

A missão da ciência é descobrir as leis da natureza; ora, como essas leis são obras de Deus, não podem ser contrárias as religiões fundadas sobre a verdade. Lançar o anátema do progresso como atentatório à religião, lançá-lo igualmente sobre a obra de Deus; é ainda trabalho inútil, porque todos os antemas do mundo não impedirão a ciência de marcha, e a verdade se tornar patente (REVISTA DA SOCIEDADE..., jan., 1881, n. 1, p. 10).

Para que o espiritismo pudesse ser qualificado como uma ciência, foi necessário que suas práticas e suas doutrinas fossem equivalentes – designadas por um mesmo conceito – a de outras ciência, no caso, as ciências positivas. Exercitavam um processo de aproximação constante entre o que era visto como científico e o modelo que pretendiam consolidar: a ciência espírita. Essa forma de pensar, divulgada pelos intelectuais que compunham os quadros redacionais da imprensa espírita brasileira, remetiam-se ao paradigma da ciência moderna. A compreensão de fenômenos invisíveis demandava explicações pautadas na

razão, vista como o modelo explicativo que partia das ciências positiva. A explicação dada pelos membros da Sociedade Acadêmica era que,

A Ciência Espírita, que não é uma filosofia abstrata, entra na ordem das ciências positivas, e procura explicar todos os fenômenos naturais pelas leis naturais, que regem o Universo; e por isso não teme nem receia medir suas armas com as dos seus mais denodados adversários. Explicar todos os fatos e fenômenos psicológicos, de modo positivo e racional, tal é em parte a tarefa que se impõe os que estudam e ensinam esta ciência (REVISTA DA SOCIEDADE..., jun. 1881, n. 6, p. 187).

Ao apresentar o espiritismo dessa maneira, os periódicos adequava-se aos tempos em que os homens “respiravam a ciência” (SCHWARCZ, 1993). No caso específico do espiritismo, esse fato se daria como uma vantagem, pois uniria a ciência com a religião, na busca por uma síntese que estivesse mais próxima da modernidade e suas contendas. Foi esse diálogo que os periódicos espíritas estabeleceram. Para aquele período, a grande marca do espiritismo era ser uma ciência que fornecesse subsídios morais e não apenas recompensas materiais.

A imprensa espírita apresentava as construções ideológicas que a sociedade brasileira esperava da ideia de ciência. A esperança de dissolver o legado conservador, as instituições aristocráticas e pudessem, enfim, mudar a política e dinamizar o país rumo ao progresso. Contudo, a complexa relação entre progresso da alma e progresso material, fez do espiritismo brasileiro um arcabouço de normas conceituais desenvolvidas a partir de um “progressismo histórico”, de cunho materialista e que, segundo alguns espíritas, estabelecia contradições com o avanço da humanidade, como postulou a *Revista Espírita*:

As marchas das ciências, da indústria humana, as próprias descobertas materiais, encontraram em todos os tempos contraditores, negadores inconscientes e conscientes que buscavam estes pelo atraso da inteligência, aqueles pelos choques que experimentavam suas conveniências materiais, embaraçar o adiantamento do mundo. Não devemos, pois estranhar que a ciência espírita tenha negadores e acérrimos contraditores, tanto mais fortes quando percebem que, em suas deduções psicológicas, tende deitar por terra a moral estragada da generalidade dos homens (REVISTA ESPÍRITA, jan., 1875, n. 1, p. 4).

O editor da *Revista Espírita* reconhecia que o legado cientificista tinha feito descobertas materiais inigualáveis, contrariamente, segundo ele, alguns “negadores inconscientes” da ciência não avançavam para além do mundo material. Quando do nascimento da ciência moderna houve o rompimento com as tradições metafísicas, utilizadas até então para expor como os homens poderiam ter domínio sobre o mundo. Esse controle sobre a natureza explicava as questões mundanas por meio de uma “filosofia natural”.

Os periódicos espíritas deveriam instruir os seus leitores para que praticassem a lógica científica, respeitando os princípios ditados pelos espíritos (GIUMBELLI, 2007). Essa estratégia era compartilhada na imprensa mostrando que métodos de comprovação da comunicação espiritual partiam da razão. Nesse aspecto, os periódicos da imprensa espírita brasileira, ao divulgarem as ideias de Kardec, não tinham como se furtar do prisma científico que a doutrina imputava.

Para praticar a ciência era preciso estudar os seus princípios. Nestes termos, a educação espírita deveria promover o estudo em locais propícios, ou seja, as reuniões espíritas. Conforme explica Damazio estas reuniões eram encontros em que ocorriam desde a leitura das obras kardecistas, até o estudo sistemático da física e da religião. Para qualquer integrante destas reuniões, o que se estava fazendo era ciência (DAMAZIO, 1994).

A reunião de grupos espíritas, frequentemente citadas pelos jornais espíritas, dava-se em espaços voltados para a discussão científica. Não por acaso, houve o aparecimento de centros, como a própria Sociedade Acadêmica, o Grupo Confúcio e o Grupo Familiar de Espiritismo. Em seus estudos, os intelectuais espíritas procuravam mostrar que os anseios em evoluir inspirava a definir locais de estudo, experimentos e divulgação do saber. Na prática, buscavam instituir centros espíritas numa perspectiva que se assemelhava a construção dos seus laboratórios. Algo bem característico ao século XIX em que,

[...] a instauração e manutenção dos Institutos Históricos e Geográficos, os museus e as faculdades de direito do século XIX, em um país marcado pelo desejo de progresso [...] Através dessas instituições e dos debates que elas geraram, pensava-se que seria possível superar a barbárie e atingir a civilização (SCHWARCZ, 1993, p. 24).

Todas estas instituições, dentre eles os centros espíritas – e até mesmo a imprensa espírita - demonstravam que os oitocentos foram um período de inovações, estabelecendo ideologias que, afirmavam-se a todo o tempo como científicas. E, ao menos discursivamente, rompiam com a metafísica e evocavam a instauração de concepções práticas, experimentais, empíricas, ou simplesmente, observacionais. Esse processo se deu por rupturas e acirrou os conflitos, principalmente, nos diversos modelos que emergem na tentativa de dar explicações sobre a constituição e organização do mundo (SCHWARCZ, 1993; ROSSI, 2000).

O espiritismo era comparado com as outras ciências que se diziam reveladores por apresentarem metodologicamente a explicação para a realidade. O estudo da realidade natural seria a via para alcançar o progresso ainda na terra. Esta felicidade resultava dos avanços técnicos. Em contrapartida os homens teriam que dominar a natureza e transformá-la em inovações (ROSSI, 2000, p. 15). Contudo, também teriam que transformar as ações humanas, partindo de preceitos que fizessem os homens agirem moralmente. Por isso, era importante frisar que:

Os fenômenos físicos, sobre os quais a princípio não se sentiu, devem tornar-se o objeto da crítica experimental, sem a qual não é possível nenhuma verificação. Esse método experimental, a que devemos a glória do progresso moderno e as maravilhas da eletricidade e do vapor, esse método deve compreender os fenômenos de ordem ainda misteriosos, a que insistimos em clarificá-los, medi-los e defini-los (REVISTA DA SOCIEDADE..., fev., 1882, n. 2, p. 34).

Os leitores da imprensa espírita se vislumbravam no discurso científico do espiritismo, posto como o modelo ideal e mais louvável de alcançar o progresso. A disseminação da sua vertente científica se dava incessantemente, mas, na prática, o que acontecia era uma desconfiança, até mesmo por parte dos adeptos que iniciavam na doutrina (GIUMBELLI, 2007).

A dificuldade na aceitação do espiritismo enquanto uma nova ciência, principalmente por parte de intelectuais ligados as ciências materialistas da época, revela que a Doutrina Espírita esteve longe de exercer a hegemonia (GIUMBELLI, 1997). O descrédito científico aliava-se com os conflitos no campo

religioso. Pesava para os crédulos na ciência às contestações vindas dos católicos fervorosos, que colocavam barreiras difíceis de serem transpostas.

Exemplarmente, os espíritas do império brasileiro buscaram nas páginas da imprensa divulgar a sua doutrina que eles alegavam ser científica e que se emparelhava com os argumentos de diversos segmentos. Essa maneira de procurar a imprensa por um interesse em comum fez com que fosse constituíssem uma rede de sujeitos que estavam à margem do discurso científico dominante. Entretanto, suas concepções se desvencilhavam muito mais por investidas religiosas, do que por litígios científicos (MONTEIRO, 2003).

Apesar da imprensa espírita nascente ter o seu foco principal na disseminação do legado científico doutrinário, isso não a eximiu de expor que somente a ações vindas da comunicação espiritual eram as mais adequadas. Pelo contrário, as atitudes humanas deveriam estar sempre presentes, mesmo quando não fosse consultado aos mortos.

Implantar a ciência moderna, valendo-se do discurso foi uma alternativa encontrada pelos primeiros intelectuais espíritas brasileiros. Eles tornaram-se os responsáveis pelas estratégias de disseminação da Doutrina Espírita, quando habilmente fizeram da palavra impressa o veículo para evidenciar suas ideologias.

De tal modo, queria imprimir que o modelo de ciência “[...] não era mais apenas uma contemplação a respeito do mundo e da realidade” (O ÉCHO, jul., 1869, n. 1, p. 17). Em oposição a um formato contemplativo, eles percorreram e buscaram difundir um tipo de ciência que pudesse “[...] instaura a instaurar a lógica de funcionamento do mundo” (O ÉCHO, jul., 1869, n. 1, p. 17). Entretanto, este discurso estava mais no âmbito das palavras do que propriamente na prática de suas ações.

Propagandeada como uma nova ciência de observação, a Doutrina Espírita, correspondia ao dogmatismo científico do século XIX. A ciência, exalada como uma das propagadoras do progresso, deveria ser inculcada e formada nas sociedades que pretendessem avançar. Nesta perspectiva, o espiritismo brasileiro nasceu com a incumbência de se afirmar científico. Para além de se dizer científico, ele teria que comprovar seus enunciados por meio de métodos já instaurados ao longo da modernidade. Desafio este a ser pensado pelos intelectuais da imprensa espírita.

## CONCLUSÃO

A análise realizada para a elaboração deste estudo revela que a imprensa espírita, entre os anos de 1869 a 1882, divulgou em terras brasileiras a doutrina iniciada por Allan Kardec, articulando-se na defesa de ideais cientificistas e moralizantes, que eram vistos como asseguradores do progresso. Nessa perspectiva, os intelectuais da imprensa espírita participaram do movimento que requeria os alicerces modernizadores para o país, a partir de inspirações alastradas pelos países ditos civilizados, em especial os de origem européia, como a França, berço do espiritismo.

No caso dos intelectuais espíritas, o modelo adequado se filiava a uma doutrina que se afirmava como científica, filosófica e religiosa. Respalhada em tais termos, o espiritismo projetava sua pedagogia ao instruir os seus praticantes que, para haver evolução, era preciso uma nova moral. Esta concepção coincidia com as ideologias que subsidiavam os levantes políticos no Brasil oitocentista, mais precisamente, entre segmentos letrados, formados por sujeitos compreendidos como intelectuais, que estavam eufóricos com a possibilidade de implantar o regime republicano.

As mudanças solicitavam que a sociedade seguisse pelo caminho das inovações, logo, a ciência moderna era tomada como base, pois, por meio dela os intelectuais acreditavam que teriam acesso as verdades que propunham o progresso intelectual, ou ainda, o progresso material. Na leva de ideologias que se filiavam a este tipo de pensar, emergiram correntes que se nominavam como científico-filosóficas, que ambicionavam o progresso como um fim. Foi em tal conjuntura que, em meados da década de 1850, Hippolyte Léon Denizard Rivail, que mais tarde passou a atender por Allan Kardec, estabeleceu os princípios da Doutrina Espírita.

Kardec compreendeu as necessidades daquele período e desenvolveu seus estudos para a formação do espiritismo, que julgava ser uma ciência de observação. Em seus dados biográficos nota-se o quanto ele era possuidor de uma concepção de mundo decorrente do cientificismo moderno, fato que o levou a ter contato com as danças das mesas girantes, fenômeno que aguçava a

curiosidade de homens que cobiçavam descobrir a razão de feitos sem causa visível.

O criador do espiritismo sistematizou hipóteses, elaborou teorias e divulgou sua doutrina por diversas partes. As contestações eram muitas, entretanto, não foram o suficiente para fazer com que a propaganda, do que seria a sua “nova ciência”, parasse de avançar mundo a fora, transpondo os limites geográficos da Europa. Esse movimento foi incentivado pelas tendências ideológicas emergentes na época, as quais tinham um público certo em vários países, como é o caso do Brasil. Ao adentrar o contexto brasileiro, o espiritismo configurou ideias que pretendiam formar seus seguidores tendo como partida ideias originadas na ciência moderna, nas ideologias progressistas e nos conteúdos moralizantes.

A curiosidade e o interesse de alguns brasileiros pela “ciência espírita” fizeram com que o fenômeno das mesas girantes fosse noticiado em periódicos que circulavam em várias províncias do país, a exemplo do *Jornal do Commercio* e do *Diário de Pernambuco*. No momento em que as primeiras informações sobre a doutrina de Kardec aportaram no Brasil, por volta de 1865, o que se havia eram apenas dados esparsos sobre fenômenos percebidos como uma animação vulgar, sem finalidades que pudessem ser, claramente, compreendidas pela lógica empírico-racional das ciências modernas. Inversamente, o peso inicial da doutrina incomodava muito mais por seus aspectos religiosos, a exemplo da comunicação espírita, do que por sua perspectiva que se dizia científica.

Entretanto, na França a doutrina já estava sistematizada – ou codificada, com a possibilidade de impulsionar uma nova ciência de observação (ao menos era o que defendia o seu criador). O espiritismo que se erguia, passava a assegurar que suas características eram as mesmas que vigoravam em outras tendências ideológicas que, igualmente, se afirmavam científicas. Dessa forma, poderia ser entendido como uma tendência científica e filosófica que vangloriava o progresso, a ordem e a moral.

Os sujeitos que se viram atraídos pelo espiritismo constituíam um segmento intelectualizado e tinham suas carreiras projetadas por debates públicos. Eles compunham o quadro de intelectuais que reivindicavam a modernização do país perante o descontentamento com o conservadorismo do Estado imperial. Pode-se afirmar que alguns intelectuais, ao entrarem em contato

com as ideias kardecistas, perceberam que a doutrina de Kardec concordava com a gama de noções modernizadoras que insurgiam no Brasil. Desse modo, não tardou para que iniciasse a divulgação da Doutrina Espírita no país, fato que começou a ocorrer na segunda metade do século XIX, especialmente após 1869, com a publicação do primeiro periódico espírita, *O Écho d'Além Túmulo*.

Nas páginas do periódico foram publicadas partes dos textos da codificação, traduzidos por Luiz Olímpio Teles de Menezes, pioneiro das publicações espíritas no país. A ele coube a função de reunir outros interessados em estudar o que intitulava como sendo uma de “ciência de observação” voltada para a análise do mundo invisível. Seguindo a meta de disseminar o espiritismo, Teles de Menezes congregou outros intelectuais no *Grupo Familiar de Espiritismo*, fundado para a leitura das obras doutrinárias e para as práticas mediúnicas de comunicação espiritual.

*O Écho d'Além Túmulo* declarava, abertamente, que o espiritismo era uma ciência e, como tal, deveria seguir os princípios forjados pelos cientistas que deixaram suas premissas marcadas na história da ciência, como por exemplo, Bacon, Descartes e Locke. Correntemente, o jornal fazia referência a tais pensadores no intuito de demonstrar que os pressupostos científicos, por eles traçados, fizeram o universo evoluir.

Durante os seis números do periódico, que foram publicados entre os anos de 1869 e 1870, o jornal baiano conseguiu dar os primeiros passos para aquilo que seria o espiritismo brasileiro. Sua característica mais marcante, sem dúvida, foi a exposição das ideias contidas nos livros de Kardec em artigos que versavam sobre o progresso moral do espírito.

A mesma concepção de mundo presente n'O *Écho d'Além Túmulo* foi compartilhada por dois periódicos lançados na Corte, a *Revista Espírita* e a *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, que datam, respectivamente, do ano de 1875 e 1881. Ambas as revistas foram emblemáticas na consolidação das ideias espíritas no Brasil, haja vista que convieram para estender o espiritismo para além da Bahia, movimentando ideais progressistas que tinham impacto expressivo em círculos letrados da Corte.

A *Revista Espírita* seguia a mesma formatação do periódico intitulado *Revue Spirite*, instituído em Paris por Allan Kardec no ano de 1858. O redator da



revista era Antonio da Silva Neto, um abolicionista declarado, que escrevia para outros tantos jornais, abordando suas convicções ideológicas.

Por conta do cenário de inovações que corria todo o país, a trajetória de disseminação do espiritismo no Rio de Janeiro foi muito similar ao que aconteceu na Bahia. Na Corte também foi instituído um grupo para estudar a doutrina de Kardec, o Grupo Confúcio, do qual Silva Neto foi um dos fundadores. A *Revista Espírita* atendia os interesses do grupo que tinha como missão instruir os adeptos de Kardec. Pela análise do periódico, o que se observa é uma proximidade pedagógica presente em artigos, textos e traduções que visavam colocar os seus leitores a par das questões essenciais para o entendimento da doutrina.

Por contemplar um formato pedagógico, a *Revista Espírita* incluía vocabulários, instruções e seções de perguntas e respostas que explicitavam o arcabouço doutrinário do espiritismo. A análise deste periódico aponta que os conceitos progressistas estiveram presentes nos seis números publicados, os quais vieram ao público no ano de 1875. Em consonância com ao período, a revista se ajustava ao ideário circulante na mesma linha das ideias divulgadas por pensadores como Auguste Comte, Herbert Spencer e Charles Darwin.

A *Revista Espírita* teve fim no mesmo ano de sua criação. Após seu encerramento, a imprensa espírita brasileira ficou seis anos sem um periódico que acomodasse os interesses dos intelectuais espíritas. Porém, eles continuaram se articulando em centros de estudos, sem perder de vista o discurso dito científico-filosófico. Dessa forma, apesar da ausência de um periódico específico para difundir a Doutrina Espírita, o espiritismo continuava a ser difundido, agregando intelectuais voltados para o empreendimento do espírito moderno, como os membros da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade fundada no Rio de Janeiro no dia 03 de outubro de 1879.

A organização societária ficou conhecida por privilegiar a perspectiva científica do espiritismo em detrimento das duas outras: que se nominavam filosófica e religiosa. Os membros da Sociedade Acadêmica insistiam no espólio empírico e racional das ideias de Kardec, sendo que estas ideias foram coligadas no periódico que levava o nome da organização, ou seja, *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, lançada no ano de 1881.

A *Revista da Sociedade Acadêmica* apresentava algumas características diferentes em relação aos periódicos que a antecederam – O *Écho d'Além Túmulo* e a *Revista Espírita*. Na *Revista da Sociedade Acadêmica*, o interesse continuava sendo a disseminação do espiritismo, porém, a missão não era encarregada a apenas um editor ou redator, como ocorreu com o jornal de Teles de Menezes e o com a revista de Silva Neto. Contrariamente, todos os membros da referida sociedade poderiam participar na elaboração do periódico. Evidente que nem todos tinham a habilidade para a escrita, do mesmo modo que não haveria espaço para que cada membro tivesse sua publicação. Logo, alguns nomes tiveram maior destaque, a exemplo de Ewerton Quadros e Bittencourt Sampaio, os quais assinavam textos que reafirmavam a necessidade da ciência espírita desvendar a natureza e clarificar o universo. O periódico circulava mensalmente e pretendia chamar a atenção para a necessidade de um guia para o espiritismo brasileiro.

A *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* encerrou suas atividades em 1882; após ela, outros periódicos foram criados, mas ganharam o direcionamento da FEB - Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884. A partir de então, novos rumos foram dados para o espiritismo brasileiro, que, minimamente, buscou conciliar os segmentos diversos, fossem científicos ou religiosos, diversificados desde o aparecimento da doutrina no Brasil.

Todavia, no período em que os três periódicos espíritas foram iniciados, verificou-se que eles uniam as ideias dos intelectuais espíritas aos clamores ideológicos que satisfazia a outros segmentos letrados. Ressalta-se que, estas ideias ficavam mais no âmbito do discurso progressista, do contrário, se favorecesse a questão religiosa, a situação poderia gerar desentendimentos, o que não seria interessante para o momento inicial da doutrina, uma vez que comprometeria a participação de novos adeptos das ideologias modernizantes.

Evidentemente, houve conflitos, resistência e até mesmo acusações quanto à veracidade das instruções espíritas. Porém, elas não cessaram a disseminação dos ideais via imprensa e, ainda, impulsionaram os periódicos espíritas para serem instrumentos de defesa em nome das concepções kardecistas.

Do mais, os intelectuais da imprensa espírita, ao se posicionarem contra a política brasileira, ambicionavam implementar o discurso corrente nos círculos letrados da época, os quais proferiam a urgência de mudanças que pudessem empreender o desenvolvimento da ciência e do progresso. Em outras palavras, era necessário implantar a ciência e fazer com que o progresso deixasse de ser uma utopia para tornar-se real.

O discurso do espiritismo se emoldura no quadro das ideologias insurgentes. Os seus adeptos, nesta tese entendidos como intelectuais, não estavam alheios aos clamores de uma nação civilizada. Vale dizer que, ao mesmo tempo em que reafirmavam suas convicções nos princípios ideológicos de seu tempo, os intelectuais da imprensa espírita brasileira não abriram mão de um modelo pedagógico e procuravam instruir de acordo com ideias moralizantes que também se colocavam a serviço da reformulação da sociedade.

Assim, a noção de moral, amplamente discutida nos periódicos espíritas, tinha por meta viabilizar o progresso espiritual, porém, não deixa de entrever proximidades com o progresso material. A justificativa encontra-se no próprio período em que os princípios kardecistas foram escritos, tendo em vista que na época havia a imposição de uma nova ordem que solicitava que o país se modernizasse.

Não só nos periódicos espíritas, mas independente de onde partia, o clamor social se igualava quando o assunto era o progresso. A proporção do tema ganhou lugar nos espaços públicos, nos salões e na imprensa, sendo que os impressos espíritas também se ocuparam de defendê-lo; afinal, a discussão sobre o progresso moral interferia, diretamente, nas questões que diziam respeito à religião e, notadamente, ao vínculo entre a Igreja Católica e o Estado.

No quadro de debates e contendas, os jornais e revistas espíritas utilizaram, habilmente, o discurso moralizante e progressista. Teles de Menezes no *Écho d'Além Túmulo* e Silva Neto na *Revista Espírita*, Ewerton Quadros e Bittencourt Sampaio, na *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, afirmaram que sem o progresso moral os homens não evoluíam, sendo que as almas permaneceriam sem avanços em seus estágios evolutivos. Constituía-se assim, para os intelectuais espíritas, a distinção entre progresso

material e progresso espiritual, o qual seria alcançado não apenas na vida terrena, mas na pós-morte.

Considerando que a existência espiritual era uma realidade para os seguidores de Kardec, os periódicos trataram de mostrar escalas e classificações de evolução do espírito de acordo com as suas práticas morais. Este tipo de pensamento era importante para a doutrina, pois explicava a razão de alguns espíritos que não haviam avançado e, ainda, permitia estabelecer analogia com o atraso do Império brasileiro. Dito de outra forma, para que os espíritos evoluíssem era necessário o comportamento em que a moral fosse privilegiada.

Não foi por acaso que a tão almejada moral encontrou espaço entre os articulistas da imprensa espírita oitocentista. Sua defesa pode ser entendida como uma estratégia para que a doutrina ganhasse mais adeptos. O espiritismo indicava atitudes que, teoricamente, deveriam formar os sujeitos adequados para as relações sociais que surgiam. Cumpria, assim, com o ideal de civilidade, um dos conceitos ideológicos que também vigorou nos anos oitocentos.

O modelo de ciência e de progresso, que se levantava nas páginas dos periódicos espíritas, prometia as garantias de um eterno *continuum*, sem adentrar nos prejuízos gerados pelo progresso material, motivador de preocupações à medida que não era conduzido por perspectivas moralizantes.

A noção de moral, pretendida pelos espíritas, estava dotada de historicidade e, antes de ser uma expressão própria do espiritismo, era uma noção que revelava concepções cristãs, e que indicava virtudes a serem seguidas por todos aqueles que desejavam a evolução espiritual.

O legado religioso do espiritismo estava muito mais no âmbito das atitudes morais, do que na participação de rituais religiosos. O que leva a entender o porquê dos periódicos denotarem maior atenção ao discurso progressista e cientificista. Exemplarmente, encontrava-se nos periódicos espaços específicos para expor sobre assuntos ditos científicos, contudo, o espaço que dedicavam, exclusivamente, para fazer discursos religiosos era bastante reduzido.

Portanto, partindo de um conteúdo moralizante, as páginas dos jornais e revistas espíritas confluíam, em rede, para as sociabilidades produzidas pelos espíritas interessados no repertório modernizador, incumbido de formar o ideário

oitocentista. As inovações vindouras se adequavam às especificidades das novas elites que aparentavam cansadas do conservadorismo do Estado imperial.

Sendo assim, os jornais espíritas não contrariavam ao debate político sobre a sociedade em formação, pelo contrário, somavam força aos interesses dos reivindicatórios, principalmente, quando evidenciava as tendências que empolgavam e afiançavam um futuro promissor sem a presença do conservadorismo presente no Império. É importante ressaltar que, o fato dos intelectuais da elite brasileira participar dos debates sobre os direcionamentos políticos, ao publicar concepções que culminavam com o ideário da época, não significa que eles detinham o poder de transformar o quadro posto. A organização dos grupos espíritas não privilegiava até então uma forma de atuação direta, ou outra forma de representatividade que congregasse a todos e, nem mesmo, a maioria dos espíritas.

A estratégia de se dizer progressista, cientificista e moralizante foi a maneira encontrada para naturalizar as relações, buscando um equilíbrio entre as questões da época e os interesses de consolidação da Doutrina Espírita no Brasil. Se não fosse dessa forma, as questões religiosas certamente teriam causado maiores rejeições, além daquelas que se ergueram contra a doutrina no que tange ao seu conteúdo místico e religioso.

Enfim, ainda que os periódicos espíritas aqui analisados não objetivassem uma função pedagógica, em acordo com um tipo de educação formal, dada pelos princípios da instrução escolar, no sentido mais estrito da expressão, não se pode negar que eles contemplavam uma concepção de educação. Certo é que o objetivo primordial dos referidos periódicos era a propaganda da Doutrina Espírita, porém, outro objetivo era pretendido. Podemos afirmar que a imprensa espírita oitocentista, por meio dos seus intelectuais, também pretendia formar nos seus leitores as concepções cientificistas, progressistas e moralizantes da época. Desse modo, são fontes para a História da Educação.

Defendemos assim que, ao difundir os conceitos significativos para a segunda metade do século XIX, os periódicos da imprensa espírita brasileira visavam propagar concepções concordantes com a sociedade em que eram publicados. Em pleno acordo com a concepção de que a imprensa serve a época em que está inserida, observamos pela análise documental dos periódicos da

imprensa espírita que eles não se eximiram de patentear, ideologicamente, o tipo de sociedade que deveria ser constituída. Agregando adeptos em redes demarcadas pelas páginas da imprensa, os periódicos serviam para a sociabilidade dos intelectuais que acolheram o espiritismo no Brasil. O público leitor que atingiam era reduzido, mas ainda assim, não deixaram de ser uma ferramenta significativa na conformação dos sujeitos que viveram nos fins do Império brasileiro.

## REFERÊNCIAS

### FONTES PRIMÁRIAS

O ÉCHO D'ALÉM TÚMULO: monitor do Espiritismo no Brasil. Salvador: Tipografia do Diário da Bahia, 1869-1870, Bimestral. ano 1, n. 1, jul. 1869.

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 2, set., 1869.

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 3, nov., 1869.

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 4, jan., 1870.

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 5, mar., 1870

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 6, maio, 1870

REVISTA ESPÍRITA: publicação mensal de estudos psicológicos feita sob os auspícios de alguns espíritas. Rio de Janeiro: Tipografia de Domingos Luiz dos Santos, 1875, Mensal. ano 1, n. 1, jan., 1875.

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 2, fev., 1875.

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 3, mar., 1875.

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 4, abr., 1875.

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 5, maio, 1875.

REVISTA DA SOCIEDADE ACADÊMICA DEUS, CRISTO E CARIDADE. Rio de Janeiro: Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, 1881-1882, Mensal. ano 1, n. 1, jan., 1881.

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 4, abr., 1881

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 5, maio., 1881

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 6, jun., 1881

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 7, jul., 1881

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 8, ago., 1881

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 9, set., 1881

\_\_\_\_\_. ano 1, n. 10, out., 1881

\_\_\_\_\_. ano 2, n. 1; jan., 1882

\_\_\_\_\_. ano 2, n. 2; fev., 1882

\_\_\_\_\_. ano 2, n. 2; 3, fev., mar., 1882

\_\_\_\_\_. ano 2, n. 4; 5, abr., maio., 1882

\_\_\_\_\_. ano 2, n. 8, ago., 1882



**BIBLIOGRAFIA**

AGULHON, M. **Pénitents et Francs-Maçons dans l'ancienne Provence**. [S.I.]: Fayard: 1984.

ALVES, M. M. **A igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

ALVES, W. O. **Introdução ao estudo da Pedagogia Espírita**. Araras: IDE, 2000.

ALONSO, A. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, 2009. p. 49-86. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452009000100003>>. Acesso em: 12 Nov. 2011.

\_\_\_\_\_. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 02., n. 03, p. 21-41, 2012 Disponível em: <<http://www.revistappgsa.ifcs.ufrj.br/index.php?area=revista&revid=13>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

ALBUQUERQUE, T. P. **O espiritismo em teses e dissertações (1982-2009)**. [S.I.]. 2010. Disponível em: <<https://sites.google.com/sit/pesquisandoespiritismo/>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

ARAÚJO, J. C. S. A imprensa, co-participe da educação do homem. **Cadernos de História da Educação**. v. 1, n.1, p. 59-62, jan/dez. 2002.

ARRIBAS, C. G. **Afinal, espiritismo é religião?** São Paulo: Alameda, 2010.

AUBRÉE, M.; LAPLANTINE, F. **A mesa, o livro e os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

BASTOS, M. H. C. A Imprensa periódica educacional no Brasil (1808-1944) (Apêndice). In: CATANI, D. B; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo; Escrituras, 1997. p. 173-187.

BASTOS, F. M.; PINHEIRO, P. G. A. Os caminhos das Bulhas Capixabas: as sociabilidades nas ruas, 1850-1872. **Revista Urbana**, v. 4, n. 5, dez. 2012. Disponível em: <[www.ifch.unicamp.br/ojs/urbana/article/download/928/pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/urbana/article/download/928/pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2012.

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARROS, R. S. M. A ilustração brasileira e a idéia de universidade. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras - USP, 1959.

BECKER, J. J. A opinião pública. In: RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: 2003, p, 185-212.

FEB. Federação Espírita Brasileira. **Biografias Espíritas**. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/pesquisas/biografias/>>. Acesso em: 10 Mar. 2012.

BROWN, D. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

CARVALHO, J. M. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 123-152. Disponível em: <[www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi1a3.pdf](http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi1a3.pdf)>. Acesso em: 05 Mar. 2012.

CARVALHO, J. M. **A construção da ordem**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

\_\_\_\_\_. Brasil 1870-1914: a força da tradição. In: **Pontos e Bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 107-129.

\_\_\_\_\_. Os três povos da República. In: **Revista da USP**, São Paulo, n. 59, p. 96-115, Set./Nov. 2003. Disponível em: <[www.usp.br/revistausp/59/09-josemurilo.pdf](http://www.usp.br/revistausp/59/09-josemurilo.pdf)>. Acesso em: 05 Mar. 2012.

CAMARGO, C. P. F. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo: Pioneira, 1961.

\_\_\_\_\_. **Igreja e desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, 1971.

\_\_\_\_\_. **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CANELAS, L. T. O *Courrier du Brésil* e o conflito entre associações francesas no Rio de Janeiro. In: VIDAL, T. ; LUCA, T. R. **Franceses no Brasil: séculos XIX-XX**. Franceses no Brasil: séculos XIX- XX. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 289-318.

CAVALCANTI, M. L. **O mundo invisível**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CASTANHO, S. O Império e as correntes do mar histórico. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Orgs.). **Navegando pela história da educação brasileira: 20 anos de HISTEDBR**. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 2009. p. 113-142.

COMTE, A. Curso de filosofia positiva. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

COUTROUT, A. Religião e Política. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 1996. p. 331- 363.

COSTA, E. V. **Da monarquia a república: momentos decisivos**. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

DAMAZIO, S. F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DAWSON, C. **Progresso e religião: uma investigação histórica**. São Paulo: Realizações editora, 2010.

DINES, A. **O papel da imprensa: uma releitura**. 4 ed. São Paulo: Summus, 1986.

DOYLE, A. C. **História do espiritismo**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

DUPAS, G. **O mito do progresso ou progresso como ideologia**. São Paulo: UNESP, 2006.

FARIA FILHO, L. M.; CHAMON, C. S.; INACIO, M. S. (Apresentação). In: FARIA FILHO, L. M.; INACIO, M. S. (Org.). **Políticos, literatos, professoras, intelectuais: o debate público sobre educação em Minas Gerais**. 2009. p. 19-20.

FERNANDES, M. O. **Luiz Olímpio Teles de Menezes: os primeiros momentos da edição kardecista no Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Ciências e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. **Vozes do céu: os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil**. São Paulo: Mandacaru, 2003.

FERNANDES, P. C. C. **Origens do espiritismo no Brasil: diálogo, razão e resistência no início de uma experiência (1850-1914)**. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FERRARO, A. R. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 81, p. 21- 47, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

GALUCH, M. T. B. **Da vinculação entre ciência e ensino de ciências: contribuições para a formação docente**. Maringá: EDUEM, 2013.

GOMES, A. C. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v. 6., n. 11, 1993. p. 62-77. Disponível em: <[bibliotecadigital.fgv.br/ojs/inde/reh/article/download/1954/1093](http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/inde/reh/article/download/1954/1093)>. Acesso em: 05 mar. 2012.

GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

HABERMAS, J. **Técnica e Ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 2009.

HOBBSAWM, E. J. **A era das revoluções: 1798-1848**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

\_\_\_\_\_. **A era do capital: 1848-1875**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

ÍSAIA, A. C. Espiritismo, República e Progresso no Brasil. HOMEM, A. C.; SILVA, A. M.; ISAÍÁ, A. C. (Coord.). **Progresso e religião: a República no Brasil e em Portugal 1889-1910**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Uberlândia: UFU, 2007. p. 285-306.

\_\_\_\_\_. A República e a teleologia histórica do espiritismo. In: ISAIA, A. C.; MANOEL, I. A. **Espiritismo & religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais (Orgs.)**. São Paulo: UNESP, 2012. p. 103-117.

INCONTRI, D. A. **Pedagogia Espírita**: um projeto brasileiro e suas raízes Histórico-Filosóficas. 2001. 338f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - São Paulo, 2001.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 120 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002a.

\_\_\_\_\_. **O Livro dos Médiuns**. 71 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002b.

\_\_\_\_\_. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Gênese**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005a.

\_\_\_\_\_. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005c.

\_\_\_\_\_. **O que é Espiritismo**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

LEWGOY, B. **Os espíritas e as letras**. 2000. 353f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. **Revista de Ciências de Sociais**, Porto Alegre, v.6, n.2, p.151-167, jul/dez. 2006.

\_\_\_\_\_. O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais dos espíritas e evangélicos. **Ciencias Sociales y Religión; Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 6, n. 6, p. 51-69, Out. 2009. Disponível em:

<2004seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2266>. Acesso em: 05 jun. 2012.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

LUSTOSA, I. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MACHADO, U. **Os intelectuais e o espiritismo**. Niterói: Lachâtre, 1983.

MAIOR, M. S. **Kardec: a biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. **Imprensa e cidade**. São Paulo: UNESP, 2006.

MARTINS, A. L. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-80.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 1.

MEIRELLES, J. G. **Imprensa e poder na Corte Joanina: a Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

MELO, J. M. **A opinião do jornalismo brasileiro**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MELLO, M. T. C. **A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império**. Rio de Janeiro: Editora da FGV; Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. A modernidade republicana. **Revista Tempo**. v. 13, n. 26. Niterói, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042009000100002>>. Acesso em: 25 Abr. 2011.

MONTEIRO, E. C. **100 anos de comunicação espírita em São Paulo (1881-1981)**. São Paulo: Madras, 2003.

MOREL, M.; BARROS, M. M. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do Século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREL, M. **As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)**. São Paulo: Hucitec, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os primeiros passos da palavra impressa**. In: DE LUCA, Tânia Regina, MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-44.

\_\_\_\_\_. **Cipriano Barata na Sentinela da Liberdade**. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 2001.

MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In.: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, p. 43-64.

NÓVOA, A. **A imprensa de educação e ensino: repertório analítico - séculos XIX-XX**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

PALLARES-BURKE, M. L. G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Caderno de pesquisa**, n. 104, p. 144-161, jul. 1998. Disponível em: <[www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/168.pdf](http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/168.pdf)>. Acesso em: 20 Jul. 2011.

PERIOTTO, M. R. Fontes para a história da educação: o pensamento de Hipólito Jose da Costa e o Correio Braziliense. In: SCHELBAUER, A. R.; LOMBARDI, J. C.; MACHADO, M. C. G. **Educação em Debate: perspectivas, abordagens e historiografia**. Campinas, SP: Autores associados, 2006. p. 241-256.



\_\_\_\_\_. **A “espiral do progresso” e a felicidade da nação.** 2001. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, Campinas, 2001.

PIRES, J. E. **Mediunidade:** vida e comunicação – conceituação da mediunidade a análise geral dos seus problemas atuais. 5 ed. São Paulo: Edicel, 1984.

PROENÇA ROSA, C. A. **História da ciência:** da antiguidade ao renascimento científico. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2012.

RAMOS, C. A Imprensa Espírita no Brasil, 1869-1978, **VII Congresso Brasileiro de jornalistas e escritores espíritas.** Juiz de Fora: Instituto Maria, 1979.

ROSSI, P. **Naufraágios sem espectador:** a ideia de progresso. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

REIS, J. C. **História & teoria:** historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

RIBEIRO, L. M. **Imprensa e espaço público:** a institucionalização do jornalismo no Brasil – 1808-1964. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

RIZZINI, C. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil.** Rio de Janeiro: Kosmos, 1945.

SANTOS, J. L. **Espiritismo: uma religião brasileira.** São Paulo: Moderna, 1997.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, F. L. **Espiritismo:** história e poder (1938-1949). Londrina: EDUEL, 2005.

SILVA, E. M. Entre religião e política: maçons, espíritas, anarquistas e socialistas no Brasil por meio dos jornais *A Lanterna* e *O Livre Pensador*. In: ISAIA, A. C.; MANOEL, I. A. **Espiritismo & religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais** (Orgs.). São Paulo: UNESP, 2012. p. 87-101.

SIMÕES JR, A. S.; RAPUCCI, C. A.; CAIRO, L. R. (Apresentação). In.: \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação**. São Paulo: Nankin, 2009. p. 9-12.

SIRINELLI, J. J. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: 2003, p, 231-270.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Intercom; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SPENCER, H. **Lei e causa do progresso**: a utilidade do anthropomorphismo. Rio de Janeiro: Laemnent, 1889.

STOLL, S. J. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil. 1999. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Edusp; Orion, 2004.

\_\_\_\_\_. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. **Estudos Avançados**. 2004, vol.18, n.52, p. 181-199. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php? &pid=S010343&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 15 Mar. 2011.

VALLE, D. S. **Intelectuais, espíritas e abolição da escravidão**: os projetos de reforma na imprensa espírita (1867-1888). 194f. 2010. Dissertação. Mestrado em História, 2010. Universidade Federal Fluminense.

VELOSO, A. **Primórdios do espiritismo em Goiás**. Goiânia: FEEGO, 2010.

VIDAL, D. G.; CAMARGO, M. J. G. A imprensa periódica especializada e a pesquisa história: estudos sobre o Boletim de Educação Pública e a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 73, n. 175, set./dez. 1992.

WANTUIL, Z. **Grandes espíritas do Brasil**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_. **As mesas girantes e o espiritismo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007

## APÊNDICE

### CRONOLOGIA DO ESPIRITISMO (FRANÇA E BRASIL)

**1804** - Nascimento de Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec) em Lyon, na França.

**1848** – “Manifestação” dos primeiros fenômenos em Hydesville, nos Estados Unidos;

**1853** – Hippolyte Léon Denizard Rivail inicia a observação do fenômeno das *mesas girantes*;

**1857** - Após Rivail aceitar as suas observações enquanto um tipo de ciência, ocorre a publicação d' *O Livro dos Espíritos*;

**1858** - Criação, na França, da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, por Kardec e lançamento da Revue Spirite: *Journal D'Études Psychologiques*.

**1861** - Publicação do *Livro dos Médiuns*;

**1864** – Publicação do livro *O Evangelho segundo o espiritismo*;

**1865** – Publicação do livro *O Céu e o Inferno* em Paris; no Brasil houve a criação do Grupo Familiar de Espiritismo na cidade de Salvador, com direção de Luiz Olímpio Telles de Menezes;

**1867** – Publicação do livro *A gênese*;

**1869** – Morre de Allan Kardec em Paris; no Brasil ocorreu a publicação do primeiro periódico espírita: ***O Écho d'Álem-Túmulo***, tendo como redator Luiz Olímpio Teles de Menezes;

**1873** – Fundação do Grupo Confúcio no Rio de Janeiro – considerado o segundo centro espírita do país;

**1875** – Lançamento do periódico, ***Revista Espírita*** por Antonio da Silva Neto;

**1876** – Fundação da Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade no Rio de Janeiro;

**1879** – Fundação da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade;

**1881** – Publicação do primeiro número da ***Revista da Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade***;

**1882** – Publicação do último número da Revista da Sociedade Acadêmica;

**1884** - Fundação da FEB - Federação Espírita Brasileira.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

Capas do jornal *O Écho d'Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil*

# O ÉCHO D'ALÉM-TUMULO

MONITOR

**D'O SPIRITISMO 'N-O BRAZIL.**

---

ANNO I

N.º 1

JULHO, 1869

---

### INTRODUCCÃO.

---

I. Maravilhoso é o phenomeno d'a manifestação d'os Spiritos: e por toda a parte eil-o que surge e vulgarisa-se!

Conhecido dèsde a mais remota antiguidade, se-o-vê hoje, em pleno seculo XIX, renovado, e, pel-a primeira vez, observado 'n-a America Septentrional, 'n-os Estados-Unidos, onde produziu-se por movimentos insolitos de objectos diversos, por barulhos, por pancadas e por embates sobremodo extraordinarios!

D'a America, porém, passa, rapidamente, á Europa, e ahi, principalmente 'n-a França, após um curto periodo de annos, sahe elle d'o dominio d'a curiosidade, e entra 'n-o vasto campo d'a sciencia.

Novas idéas, emanadas então de milhares de communicções, obtidas d'as revelações d'os spiritos, que se-manifestam, quer espontaneamente, quer por evocação, dão logar á confecção de uma doutrina, eminentemente philosophica, a qual 'n-o volver de poucos annos tem circulado por toda a terra, e penetrado todas as nações, formando em todas ellas proselytos em numero tão consideravel, que, hoje, contam-se por milhões.

Nenhum homem concebeu a idéa d'o Spiritismo: nenhum homem, portanto, é seo author.

Si os Spiritos se não tivessem manifestado, espontaneamente, certo que não haveria Spiritismo: logo é elle uma questão de facto, e não de opinião; e contra o qual não pôdem, por certo, prevalecer as denegações d'a incredulidade.

A rapidez de sua propagação próva, exuberantemente, que se-tracta de uma grande verdade, que, necessariamente, ha de triumphar de todas as opposições, e de todos os sarcasmos hu-

# O ÉCHO D'ALÊM-TUMULO

MONITOR

## D'O SPIRITISMO 'N-O BRAZIL.

---

ANNO I

N.º 6

MAIO, 1870

---

### **O Spiritismo não é obra d'o demonio.**

#### I

#### O ABBADE LACORDAIRE E AS MESAS GYRANTES.

Eis ainda uma prova irrefragavel d'a não intervenção d'o demonio 'n-as communicações spiriticas, que se-encontra em uma carta d'o abbaide Lacordaire, dirigida á Sra. Swetchine, datada de Flavigny, em 29 de junho de 1853, extrahida de sua cor espondencia publicada em 1865.

« Ten les vós visto gyrar e ouvido fallar mesas?—Eu deixei  
« de vêl-as gyrar como cousa mui simples, porém eu ouvi e fiz  
« fallar algumas. Ellas me-disseram cousas bastante notaveis  
« sobre o passado e o presente. Por mais extraordinario que  
« seja isso, é para um christão, que acredita 'n-os *Spiritos* um  
« phenomeno muito vulgar e de pouca importancia. Houve em  
« todos os tempos meios mais ou menos bizarros para communi-  
« car-se com os *Spiritos*; fazia-se todavia outr'ora um mysterio  
« d'esses procedimentos, como se-fazia um mysterio d'a chimi-  
« ca; a justiça, por execuções terriveis, rechaçava 'n-a sombra  
« essas extranhas praticas. Hoje em consequencia d'a liberdade  
« d'os cultos e publicidade universal, o que éra um segredo  
« tornou-se uma formula popular. Talvez queira Deos tambem  
« proporcionar o desinvolvimento d'as forças spirituaes ao de-  
« sinvolvimento d'as forças materiaes, afim de que não se-es-  
« queça o homem, em presença d'as maravilhas d'a mechanica,  
« que existem dous mundos inclusos un 'n-o outro: o mundo d'os  
« corpos e o mundo d'os *Spiritos* ».

Não é, pois, manifesto, pel-o que precede, que o abbaide Lacordaire, tido por todos por uma d'as intelligencias superiores d'este seculo, acreditava 'n-o mundo invisil e 'n-as relações

## ANEXO B

“Seção Variedades” que compunha uma das artes do jornal *O Écho d'Além*  
*Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil*

---

O ÉCHO D'ALÉM-TUMULO

197

---

### VARIEDADES.

#### Visões

Lê-se 'n-o *Courrier de Lyon*:

« N-a noite de 27 para 28 de agosto de 1857, produziu-se, 'n-a Croix-Rousse, um caso singular de visão intuitiva, com as seguintes circumstancias:

« Ha cerca de tres mezes, os esposos B. . . , honestos obreiros tecelãos, movidos por um louvavel sentimento de commiseracão, recolhiam em sua casa, como criada, uma moça um pouco idiota, e que habita 'n-os arredores de Bourgoing.

« Do.ningo passado, entre duas e tres horas d'a manhã, foram os esposos B. . . acordados de sobresalto, pel-os gritos agudos soltados por sua criada que dormia em um sotão contiguo ao seo quarto.

« A Sra. B. . . , accendendo uma luz, subiu ao sotão, e achou a criada que, desfazendo-se em lagrymas e 'n-um estado de exaltação de spirito difficil de descrever, torcendo os braços em terriveis convulsões, chamava sua mãe, a qual acabava de ver morrer. dizia-ella, diante de seos olhos.

« Depois de ter consolado a moça, como melhor pôde, a Sra. B. . . voltou para seo quarto. Já estava quasi deslembrado esse incidente, quando hontem, terça-feira, de tarde, um carteiro entregou ao Sr. B. . . uma carta d'o tutor d'a moça, que annunciava á mesma que, 'n-a noite de domingo para segunda-feira, entre duas e tres horas d'a manhã, tinha morrido sua mãe, em consequencia de uma queda que tinha dado d'o alto de uma escada.

« A pobre idiota partiu hontem mesmo, pel-a manhã, para Bourgoing, acompanhada d'o Sr. B. . . , seo amo, para receber a parte de successão que lhe cabe 'n-a herança de sua mãe, cujo fim deploravel vira tão tristemente em sonho. »

Não são raros semelhantes factos, e teremos muitas vezes occasião de relatar alguns, cuja authenticidade não se-póde contestar. Produzem-se, ás vezes, taes factos durante o somno 'n-a occasião de sonhar; e como não são os sonhos outra cousa sinão um estado de somnambulismo natural incompleto, designaremos



questões de dogma que á consciencia de cada-um pertence resolver, empenhando-vos em popularisar os importantes ensinamentos, que encontram um echo sympathico em todos os corações chamados ao baptismo d'a regeneração, e ao progresso indefinido.

Temos muita satisfação em renovar-vos a authorisação de extrahir d'a *Revue-Spirite* todos os artigos que vos-parecerem capazes de interessar vossos leitores.

Dignae-vos acceitar, charo senhor, a renovação d'as seguranças de nossos mais distinctos sentimentos e de nossa inteira dedicação.

Pel-o *Comité* de administração

A. DESLIENS.

*Nota.*—Publicando a presente carta damos inequivoca prova de nosso reconhecimento á Sociedade Spirita de Paris, pel-a maneira honrosa, porque em seo authorisado juizo distingue o *Écho d'Além-Tumulo*, julgando-o digno de acolhimento 'n-as classes esclarecidas; bem como de nossa adhesão ás judiciosas reflexões ácerca d'os meios e d'os fins d'o Spiritismo: cordialmente agradecemos á Mr. A. Desliens as próvas de consideração, que tão fraternalmente nos-prodigalisa.

LUIZ - OLYMPIO.

---

## VARIEDADES

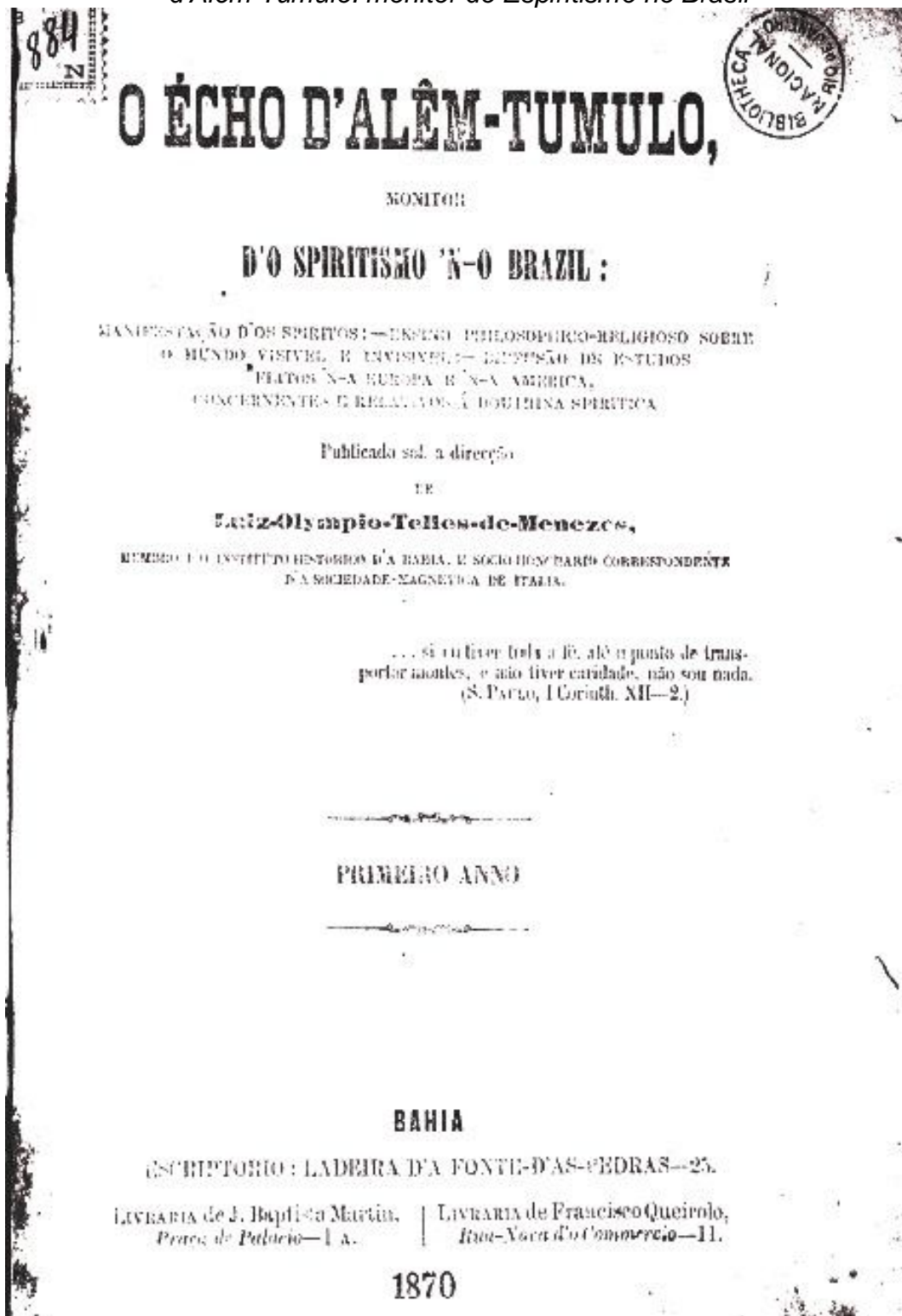
### OS MILAGRES DE BOIS-D'HAINÉ.

*Le Progrès thérapeutique*, jornal de medicina, em seo numero d'o 1.º de março de 1869, refere um phenomeno singular, que se-tem tornado objecto de curiosidade publica 'n-a aldéa de Bois-d'Haine, 'n-a Belgica.

Tracta-se de uma môça de 18 annos, que, todas as sextas-feiras, de uma e meia hora d'a tarde ás quatro e meia, cahe 'n-um estado de extasi cataleptico; e permanece assim, deitada, de braços abertos, pés cruzados um sobre o outro, 'n-a posição de Jesus sobre a Cruz.

ANEXO C

Capa do compêndio lançado em 1870 com todos os números do jornal *O Écho d'Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil*



## ANEXO D

Índice elaborado para o compêndio do jornal *O Écho d'Além Túmulo: monitor do Espiritismo no Brasil*

# INDICE

## DAS MATÉRIAS CONTIDAS 'N-ESTE VOLUME.

N.º 1—JULHO, 1869.

INTRODUÇÃO.....	PAG. 1
Aurora d'a Regeneração.....	" 2
Certeza d'a manifestação d'os bons Spiritos.	" 20
Classificação d'as diversas naturezas de manifestações e comunicações.....	" 26
Respostas d'os Spiritos à algumas questões.	" 30
Manifestação d'os Spiritos: <i>comunicações escriptas espontaneamente</i> .....	" 33
Tudo vem à seo tempo.....	" 46
O que ensina o Spiritismo.....	" 49
<i>Variedade</i> —Aphorismos Spiriticos.....	" 55

N.º 2—SEPTEMBRO.

Discurso lido 'n-a reunião d'o Gremio d'os Studos Spiriticos 'n-a Bahia em 8 de Março de 1869.....	" 57
Biographia de Mr. Allan Kardec.....	" 60
<i>Discursos pronunciados sobre a sepultura de Allan-Kardec:</i>	
—Em nome d'a Sociedade Spirita de Paris, pel-o Vice-Presidente Mr. Levent.....	" 68
—O Spiritismo e a Sciencia, por Mr. C. Flammarion.....	" 70
—Em nome d'os Spiritos, e d'os Centros remotos por A. Delanne.....	" 79
—Em nome d'a Familia e d'os amigos, por E. Muller.....	" 80
A imprensa em Paris sobre a morte de Allan Kardek.....	" 83
Comunicação d'o Spirito de Mr. Allan-Kardec 'n-o dia d'o seo interramento....	" 85
O Spiritismo 'n-o Brazil.....	" 88
<i>Revista retrospectiva. por Mr. Casimir Lieutaud.</i>	
—Utilidade de algumas evocações particulares.....	" 96

—Mãe estou aqui!.....	PAG. 97
—Uma conversão.....	" 99
—Problemas moraes propostos à S. Luiz..	" 103
<i>Variedade:—Aphorismos Spiriticos.....</i>	" "

## N. 3—NOVEMBRO.

O Spiritismo não é obra d'õ demonio.....	" 105
O Spiritismo 'n-õ Brazil.....	" 108
<i>Necessidade d'a manifestação d'os Spiritos:</i>	
—Cap. I D'a unidade, principio elementar constitutivo d'as fôrças, que presidem à todos os seres creados.....	" 113
<i>Manifestação d'os Spiritos:</i>	
Comunicações escriptas espontaneamente <i>Revista retrospectiva por C. Lieutaud, resumo d'a doutrina Spiritica:</i>	" 123
—Preliminares.....	" 130
—Deos.....	" 132
—Os Spiritos.....	" "
—Manifestação d'os Spiritos.....	" 123
—Progressão d'os Spiritos.....	" 135
—Os Mundos.....	" 136
—O Homem.....	" 137
—Faculdades d'õ homem.....	" 139
Correspondencia.....	" 141
<i>Variedades;</i>	
—Os Milagres de Bois-d'Haine.....	" 142
—Manifestação typtologica.....	" 148
—Pedra tumular de M. Allan-Kardec.....	" 149
—Lenda de Fr. Palacios.....	" 151
Aphorismos Spiriticos.....	" 152
<i>Errata.....</i>	" "

## N.º 4—JANEIRO, 1870.

Characteres d'a revelação Spiritica.....	" 153
<i>Necessidade d'a manifestação d'os Spiritos:</i>	
—Cap. II Progresso geologico d'õ Planeta que habitâmos.....	" 162
<i>Manifestação d'os Spiritos:</i>	
—Passagem d'õ nosso irmão spirita Dr. Al- varo Tiberio ao mundo invisivel.....	" 166
—Dous Spiritos cegos.....	" 173
—Conselhos ao medium.....	" 179



<i>Revista retrospectiva por C. Lieutaud. Resumo d'a doutrina spiritica:</i>	
—Emanipação d'a alma.....	PAG. 181
—Destino d'o homem.....	" 182
—Regresso á vida corporal.....	" 184
—Influencia d'os Spiritos.....	" 186
—O Bem e o Mal.....	" 188
—A oração.....	" "
—Consequencias moraes d'o Spiritismo....	" 189
<i>Bibliographia:—O Spiritismo, meditações poeticas sobre o mundo invisivel por Julio Cezar Leal.....</i>	
	" 190
<i>Variedades:</i>	
—Visões.....	" 197
—A poltrona d'os antepassados.....	" 199
—Aphorismos spiriticos.....	" 206

## N. 5—MARÇO.

Testemunho historico d'o extasis e d'a faculdade mediamimica de curar.....	" 201
—I. Manifestação religiosa d'o extasis 'n-os primeiros christãos.....	" 202
—II. Os convulsionarios d'as Cevénas e de Saint-Medard.....	" 204
—III. Os Swedemborgistas.....	" 207
<i>Necessidade d'a manifestação d'os Spiritos:</i>	
—Cap. III. Adiantamento moral d'a humanidade.....	" 211
Characteres d'a revelação spiritica: ( <i>continuação</i> ).....	" 216
<i>A vida eterna:</i>	
—A terra 'n-o infinito e 'n-a eternidade por C. Flammarion.....	" 225
<i>Revista retrospectiva:</i>	
—O Livro d'os Spiritos.....	" 234
—O Magnitismo e o Spiritismo.....	" 241
<i>Variedades:</i>	
—A duas irmans gêmeas.....	" 243
—A incredulidade.....	" 244
—Sonho e visão.....	" 246
—Aphorismos Spiriticos.....	" 247

## N. 6—MAIO.

<i>O Spiritismo não é obra d'o demonio:</i>	
—I O Abbade Lacordaire e as mezas gyran-tes.....	" 249

ANEXO E

Capas da Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos feita sob os auspícios de alguns espíritas

399, 1, 2  
1.º edição

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

FEITA SOB OS AUSPÍCIOS DE ALGUNS ESPIRITAS

CONTENDO

Os factos das manifestações dos Espíritos. — Noticias relativas ao Espiritismo. — Transcrições da doutrina espirita. — Os ensinios dos Espíritos relativos ao mundo visível e invisível; sobre sciencias, sobre a moral, sobre a immortalidade d'alma, sobre a natureza do homem e seu futuro. — A historia do Espiritismo na antiguidade; suas relações com o magnetismo e o somnambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mythologia de todos os povos, etc.

REDIGIDA POR

A. DA SILVA NETTO



Todo effeito tem uma causa. Todo effeito intelligente tem uma causa intelligente. A potencia da causa intelligente está na razão da grandeza do effeito.

PRIMEIRO ANNO— N. 1. —JANEIRO DE 1875

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE DOMINGOS LUIZ DOS SANTOS

18—Rua Nova do Ouvidor—18

1875.

# REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

## ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO

— N. 1. —

JANEIRO DE 1875



### INTRODUÇÃO.

A historia das investigações do espirito humano assignala grande verdade, quando em suas paginas relata que as maiores descobertas tiveram por origem factos n'apparencia bem pouco significativos. Realmente, que importancia pôde ligar a intelligencia do homem ao facto de uma criança observar o sol com uma lamina de vidro enfumaçada? Que alcance apparente pôde ter a tampa de uma panella posta em movimento pelo vapor d'agua fervendo? Que attenção se deveria prestar ao espanto de uma velha cozinheira quando vio quartos de rãs moverem-se dentro de uma marmitta? Fazendo-se abstracção das consequencias, as respostas á estas trez interrogações seriam bem laconicas; entretanto, do facto assignalado na primeira teve origem o mais poderoso instrumento de observação do mundo astral — o telescopio; do segundo, o mais poderoso meio de locomoção em nossos dias — as machinas á vapor; do terceiro, o mais rapido vehiculo material para transmissão do pensamento — o telegrapho electrico! Tendo em vista estes factos e outros que deixamos de commemorar, não devemos nos surpreender que das *mesas giratorias*, dos chapéos postos em movimento, das cestinhas que dansam, saisse uma sciencia physico-psychologica que levará á seu termo a regeneração da humanidade terrestre.

Nós, pois, viemos n'este momento tomar o ultimo dos logares na extensa legião dos pensadores, viemos tambem carregar o nosso grão de arêa e collocar-o na montanha que se ergue com indescriptivel prestesa, para do alto d'ella a humanidade melhor contemplar os infinitos attributos de Deus!

## ANEXO F

Seção "Vocabulário Espírita" da *Revista Espírita: publicação mensal de estudos psicológicos feita sob os auspícios de alguns espíritas*

### VOCABULARIO ESPIRITA

**AGÉNERE** (do grego, *a*, privativa, e *gêné*, *gênomai*, engendrar; aquillo que não foi engendrado). É uma variedade das aparições tangíveis; estado de certos Espíritos que podem tomar momentaneamente as fórmulas de uma pessoa viva ao ponto de uma illusão perfeita. Faculdade que tem certos Espíritos de se desprenderem do corpo carnal, e apparecerem em outro lugar. S. Antonio foi agénera.

**ERRATICIDADE**. Estado dos Espíritos errantes; isto é, não encarnados, durante os intervallos das existencias corporaes.

**ESPIRITO**. No sentido da doutrina espírita, *os Espíritos são seres intelligentes da criação que povoam o Universe fóra do mundo material, e constituem o mundo invisível*. Não são seres de uma criação especial, mas as almas dos que viveram sobre a terra e em outros planetas, deixando o envoltorio material que chamamos corpo.

**BATEDOR**. Qualidade de certos Espíritos. Os Espíritos batedores são os que revelam a presença por meio de pancadas e ruidos de naturezas diversas.

**MEDIANIMICA**. Qualidade do poder dos mediums. *Faculdade medianimica*.

**MEDIANIMIDADE**. Faculdade dos mediums. Synonymo de *mediumnidade*. Estas duas palavras são empregadas indifferentemente; querendo-se fazer distincção, póde-se dizer que a *mediumnidade* tem sentido generico, e *medianimidade* sentido restricto. Assim, podemos dizer Paulo tem o dom de *mediumnidade*, e Pedro a *medianimidade mecanica*.

**MEDIUM** (do latim, *medium*, mediador, intermediario). O individuo que serve de intermediario entre os Espíritos e os homens.

**MEDIUMA**. Missão providencial dos mediums.

**PERISPIRITO** (do grego *péiri*, em torno). Envoltorio semi-material do Espirito. Nos encarnados, serve de laço ou intermediario entre o Espirito e a materia; constitue o corpo fluidico dos Espíritos desencarnados.

**PNEUMATOGRAPHIA** (do grego, *pneuma*, ar, sopro, vento, espirito, e *graphô*, escrevo). Escripura directa dos Espíritos sem o concurso da mão do medium.

**PNEUMATOPHONIA** (do grego, *pneuma*, e de *phoné*, som ou voz). Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos sem o socorro da voz humana.

**PSYCHOGRAPHO** (do grego, *psuk*, borboleta, alma, e *graphô*, escrevo). Aquelle que faz a *psychographia*; medium escriptor.



**PSYCHOPHONIA.** Comunicação dos Espiritos pela voz de um medium fallado r.

**REENCARNAÇÃO.** Volta do Espirito á vida corporal; pluralidade das existencias corporeas.

**SEMATOLOGIA** (do grego *semá*, signal, e *logos*, discurso). Linguagem dos signaes. Comunicação dos Espiritos pelo movimento dos corpos inertes.

**ESPIRITA.** O que tem relação com o espiritismo; partidario do espiritismo; aquelle que crê nas manifestações dos Espiritos. Assim, podemos dizer, *um bom espirita, um máo espirita. A doutrina, a sciencia espirita.*

**ESPIRITISMO.** Doutrina fundada sobre a crença da existencia dos Espiritos e de suas manifestações.

**ESPIRITISTA.** Esta palavra, empregada em principio para designar os adeptos do espiritismo, não foi consagrada pelo uso, e a palavra *espirita* prevaleceu.

**ESPIRITUALISMO.** O que tem relação com o espiritualismo; partidario do espiritualismo. Todo aquelle que acredita haver em nós alguma cousa além da materia é *espiritualista*, o que não implica acreditar na crença das manifestações dos Espiritos. Todo o *espirita* é forçosamente *espiritualista*; mas pôde-se ser *espiritualista* sem ser *espirita*; só o *materialista* não pôde ser nem uma nem outra cousa. Diz-se: a *philosophia espiritualista*; uma obra escripta nas idéas *espiritualistas*. — As manifestações *espiritus* são produzidas pela acção dos Espiritos sobre a materia. — A moral *espirita* emana do ensino dado pelos Espiritos. — Ha *espiritualistas* que redicularisam as crenças *espiritas*. Bastam estes exemplos para justificar a creação da palavra *espirita*.

**STÉRÉOTITA** (do grego *stéréos*, solido). Qualidade de aparições tangiveis.

**TYPTOR** (do grego *typtó*, bato.) Variedade dos mediums aptos para a *typtologia*. *Medium typtor*.

**TYPTOLOGIA.** Linguagem por meio de pancadas; modo de comunicação dos Espiritos. *Typtologia alphabetica*.

**NOTA.** As palavras *Psychologia, psychographo, psychographia, psychophonia*, pronunciam-se como se fosssem escriptos assim: *psycologia, psycografia, psycofonia*.

---

## Instrucções dos Espiritos.

### MANEIRA DE ORAR.

O primeiro dever de toda a creatura humana, o primeiro acto com que dêve ella assignalar á volta da vida activa de cada dia, é a oração. Quasi todos vós oraes, porém bem poucos sabem orar! Que importa ao Senhor as phrases que reledes unidas umas as outras machinalmente, por isso que tendes o habito, que é para vós um dêver que cumpris, e que como todo o dêver vos peza?

A oração do christão, do *Espirita* de qualquer culto que seja, dêve ser feita desde que o Espirito retoma o jugo da carne; ella dêve elevar-se aos pés da magestade divina com humildade, com recolhimento por todos os beneficios concedidos até esse dia; pela noite passada e durante a qual vos foi permittido, posto que sem consciencia vossa, voltardes para junto de vossos amigos, de vossos guias, para beberdes em contacto com elles força e perseverança. Ella dêve elevar-se humilde aos pés do Senhor, para exhortar vossa fraqueza, lhe pedir apoio, indulgencia e misericordia. Ella dêve ser profunda, porque é a vossa alma que dêve elevar-se ao Creador, que dêve se transformar como Jesus no Thabor e tornar-se alva e radiante de esperanza e de amor.

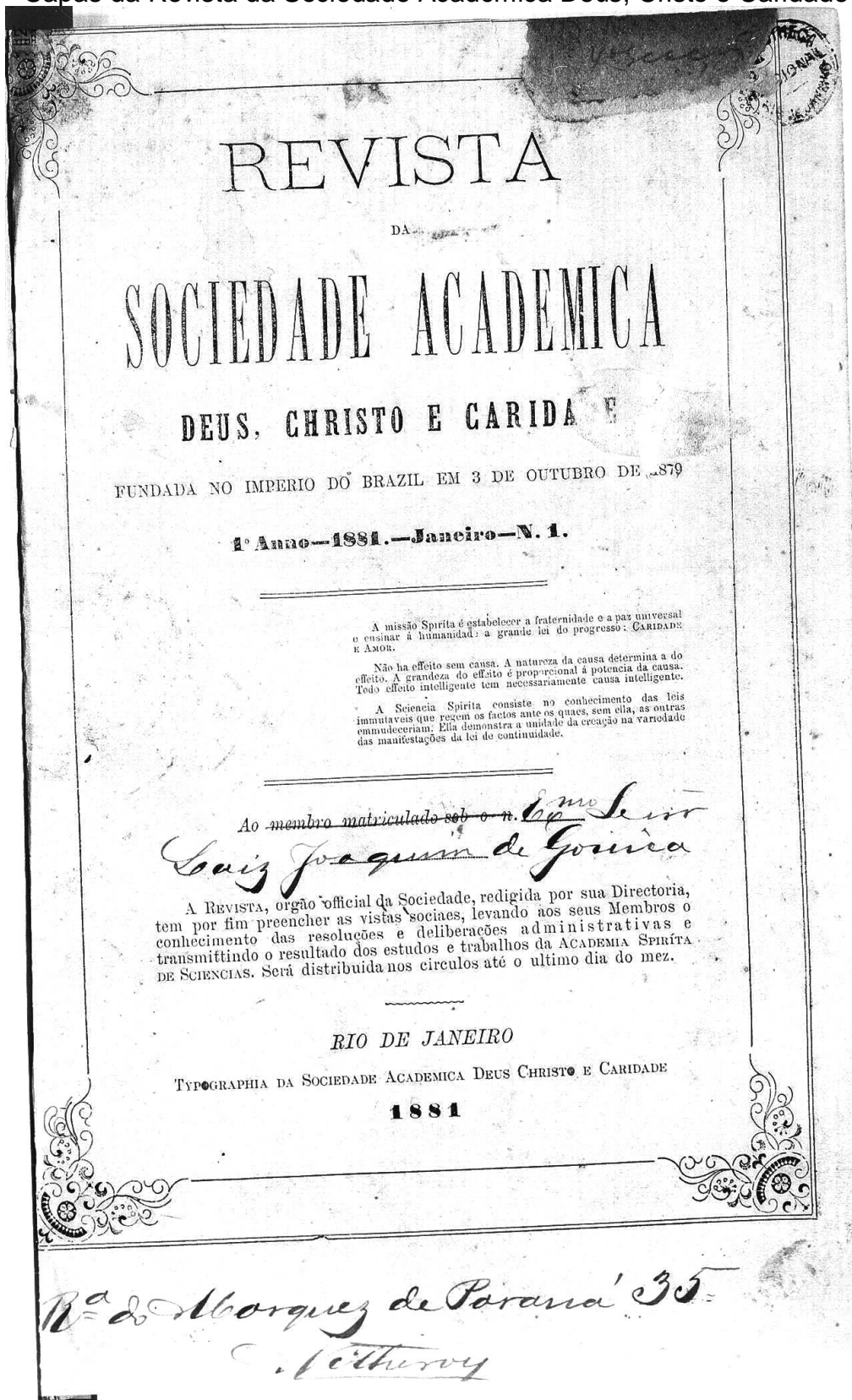
Vossa oração dêve encerrar o pedido das graças de que tendes necessidade, porém necessidade real. E' inutil, pois, pedir ao Senhor abreviação de vossas provas, de dar-vos alegrias e riquezas; pedir-lhe que vos conceda os preciosos beneficios da paciencia, da resignação e da fé. Não digaes, como acontece muitas vezes entre vós: « não vale a pena orar, porque Deus não me attende. » A maior parte das vezes o que pedis á Deus? Têndes muitas vezes pensado pedir-lhe a vossa melhoração moral? Oh! não, bem poucos; porém cuidaes de preferencia pedir-lhe *sairdes bem em vossas empresas terrestres*, e exclamaes: « Deus não se occupa connosco; si elle se occupasse, não haveria tantas injustiças. » Insensatos! ingratos! se descesseis no fundo de vossa consciencia, acharieis quasi sempre em vós proprios o ponto de partida dos males dos quaes vos lastimaes; pedi, pois, antes de todas as cousas a vossa melhoração, e vereis quantas torrentes de graças e de consolação se espalhará sobre vós.

Sem cessar deveis orar, sem que para isso seja necessario ao oratorio ou lançar-vos de joelhos nas praças publicas. A oração do dia é o cumprimento dos vossos deveres, de vossos deveres sem excepção, de qualquer natureza que sejam. Em relação ao Senhor não é acto de amor socorrer vossos irmãos em qualquer necessidade moral ou physica? Não é praticar um acto de reconhecimento elevar vossó pensamento para Elle quando um accidente é evitado, quando mesmo uma contrariedade vos tocar somente, dizerdes: *Bemdito seja, meu Pae?! Não é um acto de contrição humilhar-vos diante do Supremo Juiz, quando presentis terdes peccado, ainda mesmo por um fugitivo pensamento, e dizerdes: — Perdoai-me, meu Deus, porque pequei (por orgulho, por egoismo ou falta á charidade); dai-me força para jamais peccar e coragem para reparar?!*

Tudo isso é independente das orações regulares da manhã e da tarde, e dos dias sanctificados; porém, como vêdes, a oração póde ser de todos os instantes, sem interromper vossos trabalhos; assim dito, ella ao contrario os sanctifica. E, acrediteis que um só d'esses pensamentos partindo do coração é mais ouvido por nosso Pai celeste do que as extensas orações ditas por habito, muita vez sem causa determinante, e que nas horas convencionadas lembrai-vos machinamente. — V. MANOY.

ANEXO G

Capas da Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade



# REVISTA

DA

## SOCIEDADE ACADEMICA DEUS CHRISTO E CARIDADE

FUNDADA NO IMPERIO DO BRAZIL EM 1879 — OUTUBRO — 3

Anno II

1882 — Julho

N. 7

### O SPIRITISMO NO BRAZIL

#### INSTRUÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE GRUPOS

Aquelles, que não praticam a moral christã, não são Spiritas, ainda que aceitem o Spiritismo.

Toda a creatura virtuosa é Spirita, consciente ou não.

No desempenho de nossa tarefa, como Commissão Confraternisadora, cujo objectivo é espalhar a doutrina spirita, porque sabemos que uma vez conhecida ella, o desejo de estudal-a é consequencia necessaria, e, tendo a certeza de que por este meio os homens se modificarão, damo-nos pressa em inserir aqui algumas instrucções que nos parecem uteis para a criação e manutenção dos Grupos Spiritas.

Como, o que se deve ter em vista com formação dos Grupos, é fornecer aos companheiros de jornada, nesta existencia, occasião e meios de conhecer a doutrina que nos mostra o que é a vida; e para levar essa luz aos que ainda a não tem, para os guiar neste caminho coberto de urzes, o que mais importa é que aquelles, que se reuam para fundar o Grupo, sejam individuos conhecedores da doutrina, ou pelo menos, possuindo ideas praticas, com a humildade necessaria e decididos a resistir á todos os obstaculos que se lhes anteponham, dispostos a leval-os de vencida para repartir com os irmãos os conhecimentos adquiridos.

Animados do desejo sincero de estudar e propagar o Spiritismo, e de se tornarem verdadeiros Spiritas, severos para comsigo, benevolos com os outros; — homens de bem, na rigorosa acepção da palavra, buscando concorrer para que outros o sejam, pouco importa o seu numero, podendo haver entre elles mulheres: ellas não devem ser excluidas, porque não ha motivo racional que justifique tal exclusão. Cabe aqui reproduzir o que sobre o assumpto publicou o fundador da doutrina:



## ANEXO H

### Seção Administrativa da Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade

16

REVISTA DA SOCIEDADE ACADEMICA

#### SEÇÃO ADMINISTRATIVA

##### ESTATUTOS

DA

#### **Sociedade Acadêmica—Deus, Christo e Caridade**

Fundada no Imperio do Brazil em 3 de Outubro de 1879

##### CAPITULO I

DA SOCIEDADE E SEUS FINS

Art. 1.º — A SOCIEDADE ACADEMICA DEUS, CHRISTO E CARIDADE compõe-se de membros effectivos, titulares e graduados.

Art. 2.º — Seu fim é crear e sustentar a Academia Spirita de Sciencias na capital, e gabinetes ou circulos filiaes onde fôr conveniente, para observação e estudo de todas as sciencias, especialmente as que tiverem relação directa com a Sciencia Spirita.

Art. 3.º — A Academia não conferirá titulos scientificos, mas creará cursos que habitem seus membros para os exames das faculdades officiaes.

##### CAPITULO II

DOS DEVERES DE SEUS MEMBROS

Art. 4.º — Todos os membros devem executar e fazer executar as leis sociaes, assistir ás assembléas geraes e trabalhar nos gabinetes que lhes forem designados.

Art. 5.º — Para ser admittido como membro effectivo, deverá, primeiramente, sua carta de pedido ser apresentada, completamente informada por um membro graduado, e em sessão da Academia, a qual designará dia e hora para defeza de these e exames das materias do programma, descripto no regimento, para o 1.º gráo.

Art. 6.º — Os membros effectivos pagarão uma joia, nunca menor de dous mil réis, e semestralmente seis mil réis.

Art. 7.º — Só poderão ser elevados a membros titulares aquelles membros effectivos que tiverem trabalhado com regularidade no gabinete designado, e sujeitarem-se aos exames do 2.º gráo.

Art. 8.º — Os membros titulares devem, além do disposto no art. 4.º, pagar semestralmente doze mil réis.

Art. 9.º — Só poderão ser elevados a membros graduados aquelles membros titulares que distinguirem-se no estudo e observação scientifica, nos cursos, e sujeitarem-se aos exames do 3.º gráo; devendo ter logar o 2.º exame, oito dias



## ANEXO I

“Seção Livre” da *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*

### SECCÃO LIVRE

Nestas paginas, denominadas — *Seccão Livre*, que o Centro addiciona ás paginas da *Revista Social*, considerando-as folhas soltas, dedicadas aos Srs. Membros da Sociedade; e que, para não augmentar a ardua tarefa da Directoria, nos foram confiadas, tornando-nos moralmente responsaveis por tudo quanto nellas for publicado; é de nosso dever declarar, como Editor dos trabalhos que nos forem offerecidos, que ficamos autorisados a exigir a responsabilidade do proprio autor; sendo, entretanto, o unico responsavel perante o Centro, por esta seccão, do mesmo modo e pela mesma razão que os Srs. Directores são os responsaveis pela *Seccão Editorial*.

Publicaremos nesta seccão, gratuitamente, todos os artigos de interesse geral, que nos forem offerecidos, se os julgarmos dignos destas paginas.

Sendo a *Seccão Editorial* reservada á publicação dos artigos da *Directoria* e daquelles que por ella forem determinados; os que não tiverem esses requisitos, poderão ser publicados nesta seccão.

Para evitar qualquer equívoco, achamos conveniente declarar que, no desempenho do cargo de Gerente, a nossa tarefa se limita á parte material da *Revista*; dando conta mensalmente ao Centro, e a *Directoria* todas as vezes que exigir.

Diversos artigos nos foram offerecidos, até por pessoas extranhas á Sociedade, alguns dos quaes reservamos para o proximo numero.

Dos que publicamos hoje, collocamos em primeiro logar, por causa da materia sobre que versa, o artigo intitulado a *Revista*, que foi offerecido á *Directoria* para ser inserido na *Seccão Editorial*, porém não tendo a necessaria autorisação, aqui o damos como opinião individual de um Membro da Sociedade.

Desejavamos reservar para o proximo numero o artigo intitulado — *O Spiritismo por um positivista*, por não podermos incluir todo neste numero; mas para mostrar ao seu autor que não lhe negamos a publicidade, resolvemos dar o começo no presente numero.

O GERENTE — EDITOR.

### A « Revista »

Na arena grandiosa, que se chama a imprensa, o jornalismo, onde se travam as maiores lutas, entre a verdade e o erro; onde são porfiosas as batalhas de todos os dias, entre a virtude e o vicio; onde os combates entre o bem o mal são renhidos, porem incruentos; desfere-se — tremenda — a pugna entre a luz e as trevas.

Os campeões, soldados da idéa, operarios do porvir, surgem, correm de todas as partes, esforçados, pujantes e leaes, trazendo por armas a razão e o dever.

Do seio da SOCIEDADE ACADEMICA DEUS CHRISTO CARIDADE, onde, a par das outras Sciencias, tem culto o Spiritismo, ergue-se a *Revista*, órgão official da Sociedade, tendo por fim transmittir aos seus Membros o resultado dos estudos e trahalhos da Academia Spiritica.



Assim pois, não é por vaidade ou mero capricho, que nessa arena levanta-se, entre os combatentes vem alistar-se, toma posição, entra em liça a *Revista*; não, ella serve uma idéa e traduz a obediencia á lei, mostrando que, no cumprimento do dever, o Spirita não consulta suas forças, executa o que está determinado.

Penetrando nas regiões inexploradas dos factos reputados sobrenaturaes; tornava-se necessario: ir *pari passu* registrando as descobertas; e, mostrando os escolhos, indicando os perigos, ensinar o caminho á seguir.

A *Revista* é portanto mais um pharol, que se ergue sobre os parceis dos mares procellosos da investigação scientifica.

Animados pelo exemplo dos nossos proceres, no estudo das sciencias, desejamos, tendo em mente os vindouros, plantar na estrada do progresso novos marcos, donde se irradie gradualmente, em jactos firmes, porem suaves, a luz brilhante do sol da verdade.

A verdade! casta virgem que, habitando os palacios da sciencia, os embeleza, os anima, vivifica-os como os seus eternos encantos! Ah! ella só pode ser conquistada por aquelles que, sem idéas preconcebidas, sabem ser perseverantes na sua pesquisa, e a buscam por toda a parte, tendo por guia, os conhecimentos adquiridos.

Tomando o ponto de partida na observação dos phenomenos regidos por leis conhecidas, para descobrir o porque dos factos cujas leis investigam, os philosophos, no labyrintho do Universo, encontram uma Ariadne— a sciencia que lhes põe nas mãos o fio inquebrantavel que leva a creatura ao Creador.

Neste dédalo dos phenomenos do mundo espirital, a nossa *Revista* será a Ariadne, para o que, ella conterà uma parte editorial, confiada aos directores, destinada a receber e transmittir o resultado dos estudos, distribuidos por tres secções, a scientifica, a philosophica e a administrativa; e uma parte ineditorial, tambem dividida em tres secções, uma scientifica, outra philosophica e a terceira noticiosa, offertadas pelo Centro á collaboração dos Srs. Membros e mais cavalheiros, que, estamos certos, não se farão esperar no certamen.

### ● Spiritismo na Allemanha

De uma *Revista* que se publica em Paris extractamos o seguinte:

« Na excellente *Revista Catholica*, que se publica em Friburgo de Brisgau, o Sr. Dr. Schanz, professor em Tubingue, deu uma serie de artigos, acerca do Spiritismo e das discussões, de que tem sido objecto, alem do Rheno, nestes dois ultimos annos. Ali encontramos, diz ella, factos, theorias e doutrinas, das quaes, em França, nem se tem idéa.

Ao inverso do que se passa entre nós, diz aquella *Revista*, na Allemanha o Spiritismo é estudado por sabios illustres; physicos, naturalistas e philosophos não desdenham entrar na liça pró e contra. Os leitores, que se derem ao trabalho de percorrer estas paginas, o julgarão.

Digamos, entretanto, que não é só na Allemanha, que a sciencia se tem occupado com o Spiritismo; na Inglaterra, o celebre physico M. Crookes, tão conhecido por suas descobertas do Thalium, do radiometro, e a da *materia radiante* que o Instituto acaba de coroar, sanciona, por sua adhesão publica, os factos spiriticos; e, ao mesmo tempo, que executa aquelles trabalhos que tanto o honram, estuda e faz experiencias sobre o Spiritismo. Mas, nem M.